

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

UNIDADE CÁCERES



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS**

KEILA COSTA MASSAVI GOMES

**PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE CRÔNICAS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR JUVENIL DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

CÁCERES-MT

2018

KEILA COSTA MASSAVI GOMES

**PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE CRÔNICAS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR JUVENIL DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da
Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT,
para obtenção do título de Mestra em Letras, sob a
orientação da Prof.^a Dra. Olga Maria Castrillon Mendes.

CÁCERES-MT

2018

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

G633p GOMES, Keila Costa Massavi.
Produção de Leitura e Escrita de Crônicas na Formação do
Leitor Juvenil do Ensino Fundamental II / Keila Costa Massavi
Gomes - Cáceres, 2018.
146 f.; 30 cm.(ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu
(Mestrado Profissional) Profeletras, Faculdade de Educação e
Linguagem, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de
Mato Grosso, 2018.

Orientador: Olga Maria Castrillon Mendes

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Formação do Leitor. 4. Texto
Literário. I. Keila Costa Massavi Gomes. II. Produção de Leitura
e Escrita de Crônicas na Formação do Leitor Juvenil do Ensino
Fundamental II: .

CDU 801.73

KEILA COSTA MASSAVI GOMES

PRODUÇÃO DE LEITURA E ESCRITA DE CRÔNICAS NA FORMAÇÃO DO
LEITOR JUVENIL DO ENSINO FUNDAMENTAL II

BANCA EXAMINADORA



Dra. Olga Maria Castrillon Mendes (UNEMAT)
ORIENTADORA



Dra. Elizete Dall'Comune Hunhoff (UNEMAT)
AVALIADORA



Dra. Marta Helena Cocco (UNEMAT)
AVALIADORA

APROVADO EM 08/02/2018

Dedico este trabalho à minha família, que sempre acreditou na minha capacidade, mais do que eu mesma, mãe Lucimar, pai Benedito e irmã Izaurides Kesia.

Ao meu amado esposo João Gomes, pelo amor e pela paciência que sempre teve comigo.

Aos meus alunos, que foram parceiros neste trabalho e muito contribuíram para o desenvolvimento desta aventura intelectual.

Aos colegas do mestrado, que sempre me deram conselhos e foram companheiros nestes dois últimos anos.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida e por nunca me dar uma carga que não pudesse carregar.

Aos meus pais, Benedito e Lucimar, por sempre se orgulharem dos meus pequenos passos.

A minha irmã, Izaurides Kesia, por ser minha eterna parceira, até mesmo compartilhando comigo a mesma profissão, e por ter me dado as duas maiores alegrias da vida, Jhonatan e Igor.

Ao meu esposo, João Gomes, parceiro, crítico, motivador, por sempre estar ao meu lado.

A minha querida orientadora, Prof.^a Dra. Olga Maria Castrillon Mendes, pela motivação, humildade, paixão pelo que faz e por todo seu apoio, que me impulsionou a trabalhar com a literatura.

Às professoras Dra. Marta Cocco e Dra. Elizeth Hunhoff, pela disposição que tiveram de olhar com carinho e pontuar o necessário no projeto desde a qualificação até a banca examinadora.

Aos queridos primos Rosilene Miriam e Marco Antônio, por me darem abrigo e ouvirem cada experiência do curso; e também aos pequenos tesouros que chegaram à nossa família ainda durante esta jornada.

Às amigas Claudia Barros, Lídia Tagarro e Ângela (*in memoriam*), por compartilharem os dois últimos anos e serem confidentes nas minhas angústias. Valeu, meninas!

A todos os colegas da terceira turma do PROFLETRAS, que sempre compartilharam suas experiências comigo. Este trabalho tem um pouco de cada um de vocês. Sempre seremos 18.

À Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso, por me conceder a licença para a qualificação.

À CAPES, pela cessão de bolsa de estudos.

À UNEMAT por dar a oportunidade aos professores de Língua Portuguesa ter acesso a qualificação em nível de Mestrado através do Profletras.

Aos professores e alunos da Escola Ledy Anita Brescancim, que sempre me apoiaram nesta experiência do mestrado.

A maior riqueza
do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto
sou abastado.
Palavras que me aceitam
como sou
– eu não aceito.
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que
compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.

(Manoel de Barros, *Retrato do artista quando coisa*)

RESUMO

O presente trabalho descreve as etapas de elaboração e execução do projeto desenvolvido na área de literatura, privilegiando a leitura do texto literário como forma de contribuir para a formação do leitor. As estratégias foram desenvolvidas com os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental da Escola Ledy Anita Brescancim, que até o momento do projeto não haviam tido nenhuma outra experiência com esse tipo de trabalho. As leituras foram desenvolvidas por meio de crônicas. A escolha por esse gênero correspondeu às expectativas do trabalho, que buscava abordar diversas temáticas durante as aulas. Os alunos sempre foram motivados a participar das leituras e a expressar impressões e pontos de vista sobre os textos. Assim, criamos um ambiente participativo, no qual todos foram ouvidos e auxiliados durante o aprendizado. Buscando um novo formato para as aulas, optamos por trabalhar pelo método de oficinas, a fim de obter uma dinâmica mais interativa nas aulas. Com foco na formação de leitores, buscamos criar várias estratégias para que os alunos vivenciassem a leitura. Para isso, as aulas eram divididas em etapas distintas, como motivação da leitura, sempre por meio de uma roda de conversa ou uma dinâmica criativa, seguida pela leitura silenciosa, compartilhada e encenada, correspondente ao processo de decifração, e logo após pela análise e pela interpretação, completando a sequência básica proposta por Rildo Cosson (2012). Acrescentamos a essa sequência, ainda na etapa da interpretação, a produção de texto, na qual o aluno, por meio da leitura, era convidado a escrever com base naquilo que acabara de ler. Os resultados dessas produções podem ser vistos no livreto “Nossas histórias”, que reúne 24 textos produzidos durante as oficinas de escrita. Outros resultados das leituras foram desenvolvidos, mas não correspondem aos objetos didáticos deste trabalho. Consideramos que a contribuição para o processo de formação do leitor foi positiva por propiciar aos alunos a vivência com o texto literário por meio das várias experiências de leituras que conseguimos desenvolver.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Formação do Leitor. Texto Literário.

ABSTRACT

This study describes the design and implementation of a project developed in the field of Literature that focuses on the reading of literary texts as a way to contribute to educate the reader. Its strategies were applied to a class of ninth graders of the elementary school Escola Estadual Ledy Anita Brescancin, who until the beginning of the project had never experienced this kind of work. The readings were *crônicas*. Our choice for this genre corresponded to our study's objective of approaching different themes in class. The students were motivated to participate in the readings and to express their impressions and points of view about the texts. To achieve our objective, we created a participative environment in which every student was heard and helped during learning. When searching for a new format for our classes, we opted for workshops in order to obtain a more interactive dynamic in class. Focused on educating the readers, we tried to develop different strategies for the students to experience reading. For this purpose, classes were divided into different stages to motivate reading, always mediated by a conversation circle or a creative dynamic followed by silent, shared, and then stage readings, which correspond to the deciphering process. Immediately after, we analyzed and interpreted the readings, completing the basic sequence proposed by Rildo Cosson. To this sequence, also during the interpretation stage, we added text production, inviting the students to write about what they had just read. The results of these productions can be seen in the booklet "Our stories", which gathers 24 texts produced during our writing workshops. Other reading results have been produced as well, but they do not correspond to the didactic objectives of this study. We believe that our contribution to the process of educating the reader was positive, since it allowed our students to experience the literary text through the various reading strategies we managed to develop.

Keywords: Literature. Reading. Education of the reader. LiteraryText.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Gráfico sobre a leitura dos alunos.....	26
Figura 2- Gráfico sobre a memória de leitura dos alunos.....	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 DO ÍNDIO AO ALGODÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, DA ESCOLA E DOS ALUNOS	14
1.1 O município de Campo Verde no contexto de Mato Grosso.....	14
1.2 A chegada dos povos “brancos” ao município	15
1.3 A escola Ledy Anita Brescancim: Interação ou alienação?	19
1.4 Que aluno busca a escola Ledy Anita Brescancim?	22
1.5 Diagnose das práticas de leitura dos alunos	24
2 LEITURAS DE LITERATURA NA ESCOLA E PRODUÇÕES DE NARRATIVAS: OS DESAFIOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR	29
2.1 Leitura e escrita: desafios na formação do aluno leitor na escola Ledy	29
2.2 O texto literário e suas contribuições para a leitura e escrita do aluno	37
2.3 A leitura e a escrita – o que fazer para aprender com êxito?.....	41
3 ETAPAS DO PROJETO E RESULTADOS ALCANÇADOS	47
3.1 De onde partimos?.....	47
3.2 As oficinas de leitura e produção de texto.....	49
3.3 A crônica e o aproveitamento didático	58
3.4 As possibilidades de atividades com o texto	60
3.4.1 O despertar para o texto literário	60
3.4.2 A experiência da escrita diária: escreve bem quem lê bem?	62
3.4.3 Crônica para dona Nicota: leitura, análise e produção	65
3.4.4 As definições da crônica para o aluno	73
3.4.5 O lixo: leitura, análise e produção	74
3.4.6 A última crônica: leitura, análise e produção	78
3.4.7 Uma lição inesperada: leitura, análise e produção	82
3.4.8 A professora de desenho: leitura, análise e produção.....	88
3.4.9 Ser brotinho: leitura, análise e produção	93
3.4.10 Pai não entende nada: leitura, análise e produção	98
3.5 Roda de conversa com um escritor.....	100
4 A PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS	110
ANEXO A – REESCRITA DAS CRÔNICAS	113
ANEXO B – FOTOS DO PROJETO	123
ANEXO C – QUESTIONÁRIO	133
ANEXO D – SEIS PLANOS DE AULA	134

INTRODUÇÃO

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

(Todorov, 2009, p. 76).

Tendo atualmente a compreensão da importância da literatura no processo de desenvolvimento de vários aspectos do ser humano, e sabendo que o trabalho com a literatura é intermediado pelo texto literário, foi que nos lançamos ao desafio do trabalho com a literatura.

A leitura literária corresponde a um campo de atividades que ainda marginalizado nas práticas de ensino de muitas escolas públicas. Como professora do Ensino Fundamental e com uma experiência de seis anos de trabalho com a Língua Portuguesa, posso afirmar que não existem, ou que ainda são poucos, os trabalhos efetivos que usam o texto literário como propulsor de experiências que podem ser vividas diante da leitura. Como afirma Márcia Cabral da Silva:

Por apropriar-se da linguagem, o homem é capaz de inventar para além dos usos cotidianos da língua, imaginar situações jamais vivenciadas, transferir-se para os papéis representados pelos personagens, além de outras dimensões próprias do fazer literário e de sua recepção. (SILVA, 2013, p. 54).

Diante disso, não podemos negar que, ante ao texto literário, somos levados a um universo que, por mais parecido que possa ser com o nosso, vivemos nele de uma forma diferente da que temos em nossa realidade. Isso só ocorre porque a *mimesis*, conceito formulado por Platão, outorga ao texto literário o poder de representar ou imitar a própria vida, estabelecendo uma relação tão íntima com o indivíduo.

No entanto, antes de atingir qualquer outro objetivo, o texto literário passa pelo viés do gosto, do prazer de ler. O leitor inexperiente precisa ser convidado, convencido e convertido ao hábito da leitura. Consideramos que, nessa fase, o leitor e aluno ainda não tem um aporte avaliativo e objetivo da leitura. Conforme afirma Ferrarezi Jr. (2017, p. 28), “[...] não há uma racionalização inicial nesses contatos, uma avaliação de valores objetivos, tampouco de custo x benefício no sentido produtivista que a escola impõe. A criança simplesmente gosta ou não gosta. E, muitas vezes, é assim com o adulto também”.

Com relação ao hábito de leitura que o aluno precisa adquirir, observamos que, antes ele era desenvolvido no lar, pois as famílias burguesas, em décadas passadas, consideravam importante ter em sua mobília uma estante dedicada aos livros. Compravam enciclopédias e clássicos da literatura e achavam pertinente participar do Clube do Livro. Hoje, a ambição é por tantos outros bens tecnológicos que os livros já não cabem nas listas de desejos. (FERRAREZI Jr., 2017).

Assim, a responsabilidade de formar leitores, principalmente em famílias de baixa renda, ficou apenas com a escola, pois é onde os alunos terão contato com a leitura literária, profunda e transformadora. Sabemos que a mudança de um sistema que contemple a formação do leitor não depende apenas da escola, mas de políticas públicas que invistam em programas sistemáticos de leitura. Hoje, são poucas as propagandas de TV que divulguem livros ou experiências com a leitura. Há tempos, assistíamos a comerciais com o *slogan* “Quem lê viaja”, víamos as aventuras do leitor em uma tela em preto e branco e realmente éramos contagiados por aquela perspectiva. Infelizmente, já não existe propaganda de incentivo à leitura, pelo menos não na TV aberta, mais acessível às massas.

Foi compreendendo o poder influenciador que a leitura exerce no indivíduo e a falta de aulas de leitura de texto literário que consideramos a importância do aluno ser guiado pelo caminho dessa leitura de forma efetiva, para que alcance a capacidade leitora e reflexiva de forma plena. Sabemos que somente a escola e a mediação do professor talvez não sejam suficientes para a formação de uma geração de leitores, mas acreditamos que as pequenas mudanças que ocorrerão na sala de aula já provocarão novas posturas diante dos benefícios de uma leitura detida.

Com base nessas inflexões, estabelecemos o trabalho com o texto literário com os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II, da Escola Estadual Ledy Anita Brescancim, situada na cidade de Campo Verde, Mato Grosso, com o objetivo de proporcionar a eles momentos de leitura, análise, interpretação e produção de texto.

Optamos por trabalhar com o gênero crônica, principalmente por acreditar que tal gênero correspondia à necessidade de leitura que almejávamos alcançar e também por se tratar de um texto curto, em que há o registro de fatos cotidianos, de assuntos circunstanciais, que tem uma estrutura simples e uma escrita muito próxima da oralidade, o que possivelmente facilita a familiarização dos alunos com o texto. Sendo um texto híbrido, pois mescla o literário e o jornalístico, a crônica é comumente encontrada em revistas, jornais, *blogs*, o que a torna uma leitura de fácil acesso.

Para que a proposta de trabalho fosse desenvolvida pautada em conhecimentos teóricos, fomos conduzidos por autores que estudam a prática de leitura, bem como a formação de leitores, por aqueles que abordam os impactos da literatura na sociedade e por outros que analisam a crise da literatura no ensino. Assim, temos nomes como Zilberman (2006), Colomer (2007), Cândido (2011), Cosson (2012), Todorov (2009), Ferrarezi Jr. (2017), Jouve (2012), entre outros que têm como objetivo conciliar a prática e a reflexão sobre aspectos entre a leitura literária e o ensino.

O cerne deste trabalho se divide em quatro capítulos: Capítulo 1, “Do índio ao algodão: contextualização do município, da escola e dos alunos”; Capítulo 2, “Leitura de literatura e produção de narrativas: os desafios no processo de formação do leitor”; Capítulo 3, “Etapas do projeto e resultados alcançados”; e Capítulo 4, “Produção escrita dos alunos”.

No Capítulo 1, descrevemos um panorama do município de Campo Verde, contextualizando historicamente sua importância no estado de Mato Grosso. Falamos dos movimentos migratórios e de seu impacto na construção da identidade do município.

Em seguida, descrevemos a comunidade escolar. A escola está localizada estrategicamente em um bairro periférico, abrange uma macrorregião que inclui mais cinco bairros do município. A relação dessa comunidade com a escola é ativa em alguns momentos e marcada pela alienação em outros. Também relacionamos os movimentos migratórios com o perfil do aluno, haja vista que esse fenômeno causa um impacto desfavorável no acompanhamento escolar desses estudantes. Fizemos uma análise de questionários que identificam o aluno como leitor e o que ele compreende da leitura que pratica na escola.

No Capítulo 2, “Leitura de literatura na escola e produção de narrativas: os desafios do processo de formação do leitor”, apresentamos os principais problemas encontrados quando nos dispusemos a trabalhar com a literatura no Ensino Fundamental II, bem como analisamos e propusemos mudanças que possivelmente trarão benefícios e transformações necessárias às práticas de leitura no contexto escolar. Para isso, fizemos um levantamento dos vários aspectos que o trabalho com a leitura pode beneficiar, como a compreensão de mundo, que pode ser afetada positivamente pela leitura.

Também nesse capítulo, tomamos a leitura como um direito humano, pois, sem ela, corremos o risco de mutilar nossa humanidade, já que a leitura tem o poder consciente do desmascaramento, que é trazer a reflexão sobre fatos que só têm permissão para vir à tona por meio da literatura, discussão tão pertinente à nossa época. (CÂNDIDO, 2011). Pensamos em trazer ao campo de visão dos nossos alunos textos literários que pudessem contribuir para sua memória de leitura com o poder de iluminar sentimentos e reações até então adormecidos.

Passando ao Capítulo 3, “Etapas do projeto e resultados alcançados”, apresentamos os procedimentos metodológicos desenvolvidos durante as aulas de leitura, apresentamos os textos, a forma de leitura, as análises desenvolvidas, as etapas e os meios pelos quais se deram as interpretações, a participação dos alunos com suas impressões sobre os textos e, por fim, as possibilidades de releituras.

Tomamos como método das aulas o modelo de oficinas, tanto de leitura quanto de produção, conferindo assim um formato mais dinâmico ao trabalho com o texto.

Por fim, no Capítulo 4, “A produção escrita dos alunos”, apresentamos os resultados das produções, que são textos escritos pelos alunos mediante a leitura e a interpretação de crônicas, e avaliamos o percurso pelo qual passamos para chegar ao resultado escrito.

Finalizamos o trabalho com as considerações finais, que trazem uma avaliação de todo o trajeto pelo qual o projeto passou, pois, ao avaliarmos a construção deste trabalho, temos a certeza de que a atividade por meio do texto literário é recompensadora, pois possibilita transformações profundas em todos aqueles que a vivenciam.

1 DO ÍNDIO AO ALGODÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO, DA ESCOLA E DOS ALUNOS

1.1 O município de Campo Verde no contexto de Mato Grosso

A criação de uma escola se dá com o objetivo de atender à demanda de alunos de um município. Em se tratando de uma cidade em rápido crescimento populacional, a urgência é grande. Campo Verde é um dos municípios jovens do estado, localizado à aproximadamente 130 quilômetros da capital Cuiabá. Tem vinte e nove anos de emancipação política e administrativa e recebe, quase que diariamente, trabalhadores vindos de diversas regiões do país. Esse crescimento deriva do fato de o município ser um dos polos agrícolas do país, tendo como principal produto cultivado o algodão. No entanto, a produção de soja, milho, suínos e aves também é significativa.

Campo Verde é considerada uma cidade de turismo tecnológico, em razão das fábricas de beneficiamento de grãos, da indústria de fiação de algodão e as granjas de suínos e aves atraírem muitos investidores e turistas que buscam conhecer o funcionamento dessas empresas e suas atividades.

No entanto, para além das riquezas agrícolas, o município tem uma importante narrativa histórica, que resumimos a partir de agora.

Antes dos primeiros imigrantes chegarem a essas terras, há vestígios de que povos indígenas habitavam a região. Fizemos um recorte histórico para limitar o início da contextualização, baseando-nos nos povos primitivos e não na idade pré-histórica.

No município, não existem reservas indígenas, diferentemente das cidades vizinhas: Primavera do Leste, Paranatinga, Barra do Garças. Porém, arquivos arqueológicos encontrados aqui são prova de que, no caminho do desenvolvimento agrícola de uma pequena cidade moderna, houve a participação dos povos tribais que ocupavam o território sem fronteiras, ou seja, não compreendiam o limite territorial que temos hoje e vagueavam por essas terras como “[...] donos de centenas de quilômetros quadrados sem limites de área, escrituras ou cercas de arames farpado. Apenas rios, matas, serras e cerrados”. (FERREIRA, 2012, p. 17).

Na herança territorial-histórica, estão os bororos como os primeiros povos da região, tidos por antropólogos como os índios mais bem-feitos do Brasil, de cabeça arredondada, face alongada, traços vigorosos, dados à marcha e resistentes à fadiga.

O povo bororo fala idioma do tronco macro-jê, e se autodenomina *boe*, que significa gente, pessoa, povo na língua materna... No entanto, esta denominação *bororo* designa o nome do pátio central da aldeia, onde se encontra o *baito*, que é a Casa dos Ritos, e é reservada somente aos homens. (FERREIRA, 2012, p. 18).

Com o processo de expansão territorial dos bandeirantes e tantas outras expedições, as tribos indígenas sofreram demasiadamente. Muitos índios foram mortos no combate com o homem branco, outros foram expulsos de seus territórios e aqueles que foram escravizados acabaram dizimados por doenças adquiridas na convivência com outros povos.

O progresso, tão importante para o crescimento, foi cruel com os índios, não apenas na pequena região de Campo Verde, mas em todo o território brasileiro. A convivência pacífica nunca foi uma opção para os ambiciosos e os índios acabaram sempre tratados como bárbaros desalmados e não civilizados.

O impacto da destituição e o bororocídio na região foram tão intensos que hoje não encontramos nenhum traço genético dessas origens nas pessoas que habitam o território: “A composição étnica local não apresenta traços do povo bororo, salvo em raras exceções de miscigenação em regiões distantes da sede municipal, talvez perdidos em suas identidades, visto que Campo Verde tem história antiga e complexa”. (FERREIRA, 2012, p. 17).

Entretanto, como se trata de história, há que se fazer esse resgate, em respeito à nação guerreira que habitou o território. É uma de nossas obrigações, como professores, perpetuar a memória desse povo, colaborar para o surgimento de uma geração que considere e respeite as origens. Isso acontece por meio do processo de educação cultural possibilitado pelas ações da escola que conta com profissionais que se importam com causas tão fundamentais como a origem cultural de um povo.

Sabemos que é polêmico falar sobre as questões indígenas no Brasil, pois nada ou muito pouco é feito em prol dos índios, que ainda são vistos por muitos como o mal da sociedade moderna, que tenta uma expansão desenfreada e vê nas reservas indígenas um obstáculo ao crescimento.

1.2 A chegada dos povos “brancos” ao município

Apresentamos alguns dos vestígios de ocupação dos não índios, ou descendentes de europeus e africanos na região, que datam de cerca de 1750.

Essa ocupação iniciou na localidade de Capim Branco, hoje um pequeno distrito de Campo Verde. Embora a história de migração em Mato Grosso registre a procura de ouro

como um dos impulsos migratórios, os que chegavam à região de Campo Verde sempre buscavam terras para plantar e criar gado: “A vocação para o agronegócio vem desde os primeiros tempos de ocupação de todo o território que compõe o município de Campo Verde”. (FERREIRA, 2012, p. 29).

Famílias simples e humildes se estabilizaram nessa região e enfrentaram diversas dificuldades. O pequeno comércio local, quando precisava abastecer-se, tinha de buscar mantimentos usando carros de boi para ir até a capital, Cuiabá. Essa simples ação significava uma viagem de oito dias, ida e volta.

Dos acontecimentos históricos que impactaram nossa região, devemos destacar os feitos da expedição telegráfica ocorrida no início do século XX, um dos grandes marcos da expansão tecnológica do país. Essa expedição estava sob a chefia do major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, que recebeu a indicação pessoal de Benjamim Constant para ter como seu ajudante Cândido Rondon, então tenente.

No momento da indicação, Rondon tinha acabado de se formar em engenharia e ciências matemáticas, físicas e naturais. Sua participação na expedição se deu em razão da necessidade de contar com um militar que tivesse conhecimento da região de Mato Grosso. Como nasceu na região de Mimoso, Rondon cresceu em contato com essa terra e admirava muito os moradores da região, em especial os índios. Ele se ausentou apenas para estudar no Rio de Janeiro, já que, em Mato Grosso, ainda não era oferecida a formação superior que ele buscava. Rondon era um autêntico “caboclo”. Seu porte físico e sua paixão por essas terras chamaram a atenção dos responsáveis pelo desbravamento territorial. Da parte dele, podemos dizer que o interesse não era apenas sobre a expansão telegráfica. Por meio desse trabalho, levou o desenvolvimento a terras jamais exploradas.

Dessa expedição, surge a Estação Telegráfica de Capim Branco, instalada no ano de 1890, a primeira do estado de Mato Grosso. Permaneceu ativa por muitos anos e tinha vários funcionários e suas famílias morando no distrito. Por efeito do tempo, do vandalismo e do abandono, a imponente construção veio abaixo.

O historiador João Carlos Vicente Ferreira, em seu livro **Do índio ao Algodão (2012)**, conta que, em uma de suas visitas aos escombros da antiga estação, viu uma ponta de poste com uma roldana de porcelana da marca Siemens, com data de fabricação de 1892, Londres. Ele relatou isso a um amigo historiador que conhecia um diretor da Siemens em São Paulo, que demonstrou profunda curiosidade em ver a peça. Ela foi enviada para São Paulo como um objeto aparentemente velho e abandonado e, posteriormente, transformada em peça de museu, exposta em Berlim, na Alemanha.

Mesmo a existência desses objetos históricos tão importantes para outras nações, segundo Ferreira, não houve disposição nem investimento nacional para restaurar o lugar.

Após anos de abandono, o prefeito Dimorvan Alencar Brescancim (2004-2012) liderou uma mobilização para levantar uma réplica da estação em Capim Branco. Assim, em 3 de julho de 2009, foi entregue à comunidade o novo prédio, que passou a abrigar o museu que guarda o patrimônio histórico da cidade de Campo Verde.

Famílias vindas do Paraná, do Rio Grande do Sul e também da Região Nordeste colaboraram no povoamento da região. São nomes importantes na cidade, a maioria proprietária de fazendas que geram emprego e renda para a população, homens e mulheres de luta, que escolheram a cidade para criar suas famílias e conquistar bens patrimoniais.

Fazer um levantamento histórico breve, como este, tem como ponto positivo despertar o interesse para a história do município. Porém, o lado negativo é excluir fatos e personalidades importantes na trajetória de construção de Campo Verde. A escolha dos fatos narrados segue uma linearidade que colabora para a identificação de eventos importantes da região.

Nessa trajetória de colonização por pessoas de diversas partes do país, chegou o momento de emancipação política e administrativa. O nome atual do município foi escolhido de forma democrática, por meio do voto popular, em 1985. Surgiu, então, o distrito de Campo Verde, jurisdição do município de Dom Aquino. Em 4 de julho de 1988, por meio da Lei nº 5.314, de autoria do deputado Moisés Feltrim, criou-se o município de Campo Verde.

Na atualidade, os movimentos migratórios ainda são intensos, mas com outros objetivos. Se, antes, os que chegavam aqui buscavam terras para plantar e um lugar para viver com suas famílias, hoje, o principal objetivo é o trabalho. Com os novos migrantes, a cidade de hoje é miscigenada. Anteriormente, havia apenas pessoas originárias do sul do país; hoje, há muitas das regiões Nordeste e Sudeste, e o município se enriquece, ganhando novos contornos culturais.

Com relação ao município, a observação que fizemos sobre o fluxo migratório mais intenso é que nele predomina a mão de obra masculina. No entanto, nota-se o seguinte processo: os homens chegam e se estabelecem no trabalho; alguns, posteriormente, trazem as famílias, outros apenas trabalham por curto período e retornam às cidades de origem; há também os que trabalham e enviam parte de sua renda para a família, que, por algum motivo, decidiu não os acompanhar.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, a população era de 31.589 habitantes. Já em 2016, chegou aos 38.814 habitantes, um salto de

mais de sete mil habitantes em apenas seis anos. Para atender à demanda dos filhos desses trabalhadores por educação foi criada a Escola Estadual Ledy Anita Brescancim.

Podemos dizer que a pluralidade de alunos vindos de diferentes regiões foi um ganho para a escola, que precisou se adaptar às demandas que cada um apresenta e criar novas possibilidades de ensino e estratégias que possibilitem a inserção desses estudantes num processo de aprendizagem que contribua para a aquisição de conhecimento.

No entanto, a escola também perde. Dizemos isso, porque, ao passarmos por tantas adaptações, verificamos que alguns dos projetos que requerem um tempo mais longo de trabalho, em virtude da inclusão de tantos alunos em sala de aula, precisam ser alterados durante o desenvolvimento. Em consequência, é possível que não se alcancem os objetivos almejados no planejamento, apesar de outros serem conquistados.

Por esse motivo, acreditamos que a avaliação ao final de cada fechamento de proposta precisa ser uma atividade permanente. Com relação a isto, precisamos melhorar, pois não temos avançado na prática avaliativa e sem a avaliação acabamos não verificando que benefícios foram alcançados ao terminarmos um trabalho.

Notamos que esse movimento migratório é uma realidade e precisa ser compreendida por toda a equipe pedagógica. Temos uma escola cheia de diversidades, com sotaques diferentes e alunos em níveis de aprendizagem distintos. Assim, não podemos nos ater a um só tipo de demanda, pois esta muda constantemente. A equipe precisa buscar meios para desenvolver medidas e planos de estudos que garantam a flexibilidade que um projeto de ensino necessita.

Sabendo disso, em nossa pesquisa, orientamos a secretária para que, na medida do possível, não incluísse novos alunos na turma em estudo. Havia outras duas turmas nas quais eles poderiam ser incluídos e acreditávamos que isso não prejudicaria a escola nem os alunos novos. Porém, em virtude da grande procura por vagas, uma aluna nova foi incluída na turma.

Essa aluna participou de poucas aulas antes da conclusão da etapa de intervenção. Ela tinha a percepção de que as aulas apresentavam uma nova estrutura, com a proposta de que a leitura, a compreensão e a produção do aluno eram importantes. Participou das etapas de conclusão do projeto; no entanto, não apresentou produções individuais de leitura e escrita. Consideramos que seu envolvimento foi regular, pois ela não teve o mesmo tempo que os colegas que participaram desde o início das aulas.

1.3 A escola Ledy Anita Brescancim: interação ou alienação?

A Escola Estadual Ledy Anita Brescancim está localizada no município de Campo Verde, Mato Grosso. Sua criação foi publicada no Diário Oficial de Mato Grosso, no Decreto nº 2.296, de 18 de novembro de 2009, com funcionamento iniciado no dia 9 de março de 2010. A criação dessa escola derivou da necessidade de mais uma instituição de ensino no município, que está em franco crescimento populacional como vimos anteriormente.

O nome dado à instituição é uma homenagem à senhora Ledy Anita Trevisol Brescancim, mãe do prefeito municipal na época, Dimorvan Alencar Brescancim. A trajetória de vida dessa senhora é inspiradora.

Ledy Anita Brescancim nasceu em 1 de julho de 1938 na cidade de São Domingos do Sul, no Rio Grande do Sul. Aos 13 anos, perdeu a audição. Seu sonho era se tornar professora, mas na época, as escolas não ofereciam condições para a formação de alunos com necessidade especial, o que frustrou a realização desse sonho. Mesmo diante dessa adversidade, Ledy Anita se casou e, com muito esforço e dedicação, constituiu uma família. Seu sonho foi realizado na formação dos filhos de seu casamento com o senhor Victorino Brescancim. Seus três filhos, Iole Beatriz, Dimorvan Alencar e Sionara Maria dedicaram-se aos estudos e conseguiram cursar o almejado ensino superior. Destacamos a personalidade de Dimorvan Alencar, que honrou o sonho de sua mãe e se tornou professor do Instituto Federal de Mato Grosso.

A vida ainda traria situações desfavoráveis para essa mulher humilde e extremamente sensível. Aos 49 anos, Ledy Anita sofreu um derrame que lhe tirou a fala. Ainda assim, continuava a demonstrar carinho por meio de gestos, balbucios, olhares. Era sua maneira de se comunicar com aqueles que estavam ao seu redor. Ela faleceu em 2005, ano em que seu filho Dimorvan se tornou prefeito de Campo Verde.

Em razão de suas limitações, Ledy Anita não chegou a conhecer o município que futuramente teria uma escola com seu nome, mas seus amigos sabiam que sua trajetória de vida era digna de ser lembrada e, no dia da inauguração da escola, surpreenderam o prefeito com essa homenagem. Toda a trajetória de vida de Ledy Anita consta de documentos da escola, inclusive no Planejamento Político Pedagógico, o que contribui para que outras pessoas reconheçam essa marca identitária de nossa comunidade escolar.

A escola, tendo a responsabilidade de perpetuar a memória inspiradora de dedicação ao ensino de dona Ledy Anita, tem como lema “Ensinar educando: um projeto educacional possível”. Muitos dividem esses dois atos – ensinar e educar – direcionando o ensino à escola

e a educação à família. No entanto, o sentido dessa frase, para os profissionais da educação nessa instituição, é o de buscar, por meio do ensino, a melhor maneira de se relacionar com os alunos e com a comunidade.

Para isso, a escola está permanentemente aberta à comunidade. São eventos como reuniões para discutir assuntos relacionados à melhoria do bairro, campanhas de vacinação, jogos escolares, encontros religiosos. Também acontece a “Pastelada Caipira”, com o objetivo de proporcionar um momento festivo à comunidade escolar, além de momentos de encontro com as famílias em datas comemorativas e reuniões com responsáveis.

Com essas atividades, temos um importante contato com a família dos alunos e podemos demonstrar o respeito que temos por cada indivíduo que busca em nossa escola sua formação educacional. A comunidade é participativa nesses momentos e tende a colaborar sempre que necessário.

No entanto, o ensino tem sido um desafio para os professores, pois a participação dos responsáveis no monitoramento da aprendizagem dos alunos precisa melhorar. Observamos que falta aos estudantes o apoio da família, que acredita que o ensino depende apenas dos professores. Cabe, então, à escola encontrar alternativas para que os desafios sejam superados, já que a sensação de abandono pela família gera frustrações tanto nos educadores quanto nos alunos.

Em se tratando do incentivo à leitura, por parte das famílias, notamos, já há algum tempo, que essa experiência tão enriquecedora para o desenvolvimento humano está cada vez mais restrita à escola. Em uma reunião, perguntamos aos responsáveis quem havia presenteado filhos ou sobrinhos com livros. E tivemos como resposta o silêncio. De acordo com Ferrarezi Jr. (2017, p. 53), “a família, há muito, perdeu a noção de sua importância no papel educativo das crianças, especialmente na construção do gosto pela leitura. Cada vez mais, as exceções se tornam raras e mais raras. Em função disso, a família transferiu para a escola esse dever”.

Nota-se essa carência em nossa comunidade, cabendo ao professor, principalmente de Língua Portuguesa, remediar parcialmente a falta de leitura dos alunos. Entretanto, percebemos que existe a preocupação dos profissionais em sempre oferecer o melhor a todos os alunos. Por meio de projetos, todas as disciplinas buscam atrair a atenção dos educandos para o mundo do conhecimento. Nosso objetivo com a prática de intervenção descrita aqui não foi diferente.

Porém, muitos de nós ainda são abatidos pela desvalorização profissional e pelo grande número de conflitos que ocorrem na escola. Muitos profissionais também desanimam de suas funções, o que pode colaborar para o fracasso escolar.

A juventude passa por um momento diferente do que alguns professores mais experientes já estavam habituados. Por vezes, os jovens são rebeldes e não respeitam a autoridade do professor, questionam tudo e todos. Diante disso, o professor que não consegue se adaptar a essa realidade encontrará dificuldades em seu fazer docente.

A gestão escolar, juntamente com a equipe pedagógica e os demais servidores da escola, está sempre colaborando para o aprimoramento dos profissionais, seja por meio de orientativos, seja pela formação continuada. Discutem-se e buscam-se meios de fazer com que o conhecimento possa ser compartilhado por todos os alunos.

Nesse sentido, compreendemos que a escola está em constante processo de interação, seja internamente, com alunos, professores e equipe gestora, seja externamente, com a comunidade que cerca a escola Ledy Anita. Dessa forma, os últimos seis anos foram de muita luta e desafio, mas observamos uma estreita relação de respeito sendo construída na comunidade.

O prédio escolar está localizado em um dos bairros periféricos do município, o bairro São Miguel, e recebe alunos de mais quatro bairros vizinhos – Cidade Alta, Jardim Campo Verde, Jardim América e Santa Rosa –, bem como alunos de bairros não tão próximos.

As famílias, na maioria de baixa renda, normalmente alugam casa ou adquirem imóvel nessas regiões periféricas da cidade, ocasionando o crescimento populacional e, conseqüentemente, o aumento significativo da demanda por educação.

O prédio escolar tem doze salas de aula, seis no térreo e seis no piso superior, sala de professores, dividida provisoriamente com a coordenação, secretaria escolar, sala de direção, biblioteca e espaço para laboratório de informática, uma grande área externa, onde fica o refeitório, praça e quadra de esportes, esta foi entregue recentemente à comunidade.

A escola funciona durante os três períodos – manhã, tarde e noite – e atende a clientela da seguinte forma: no período matutino, alunos do Ensino Fundamental II do 6^o ao 9^o ano; no vespertino, alunos do Ensino Fundamental I do 1^o ao 5^o ano; no noturno, alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola é mantida pelo governo do estado de Mato Grosso, por intermédio da Secretaria Estadual de Educação, e corresponde à jurisdição da Assessoria Pedagógica de Campo Verde.

No ano de 2016, em virtude da grande procura por vagas, provisoriamente, os alunos foram alocados na biblioteca e no laboratório de informática. A escola deveria passar por uma ampliação, na qual seriam construídas mais duas salas anexas, o que não ocorreu a tempo.

De acordo com Ferrarezi (2017, p. 55), “Bibliotecas realmente merecedoras desse nome quase não existem mais. Não fazem mais parte sequer dos projetos arquitetônicos das escolas em construção ou, quando fazem, têm seu espaço roubado, posteriormente para outras finalidades”.

Não houve empenho na construção dessas salas e o ano findou com esses espaços, tão importantes para atividades extraclasse, ocupados por duas turmas bem numerosas. A direção tentou intervir, sem êxito, na construção das salas. Em 2017, tomou a decisão de devolver aos ambientes seus usos originais. Porém, como não é possível dispensar os alunos, foi preciso dividi-los pelas turmas já existentes. Como consequência, turmas lotadas, o que dificulta o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos.

As salas de aulas são amplas e, recentemente, passaram pelo processo de climatização. Dentro de cada sala cabem 30 cadeiras, distribuídas em quatro ou cinco fileiras. Em turmas superlotadas, esses números aumentam. Os espaços funcionam como salas ambientes, assim, quem troca de sala ao tocar o sino são os alunos, o professor permanece. Os quadros são de vidro, o que deixa o ambiente livre do pó de giz. No entanto, as salas ainda precisam ser mais bem ambientadas, adaptadas às necessidades de cada disciplina, a fim de proporcionar um espaço pedagógico aos alunos.

O laboratório de informática tem dezoito computadores, quantidade que não atende à demanda por turma, por isso, muitos professores optam por não usá-lo. Desses computadores, alguns não funcionam e todos precisam passar por manutenção, muitas vezes, ao longo do ano. Outro problema é a demora na contratação do técnico de laboratório, que pode levar meses após o início do ano letivo. A demora também se deve à exigência de perfil para esse profissional. Como os critérios são mínimos e a remuneração é pífia, a contratação não atrai profissionais qualificados. Assim, muitas vezes, quem está disponível no laboratório não tem aptidão para lidar com a tecnologia. Essa realidade tem cerceado a participação dos alunos no mundo da pesquisa e da interação tecnológica.

1.4 Que aluno busca a escola Ledy Anita Brescancim?

Foi importante o acompanhamento escolar aos alunos do 9º Ano durante o primeiro semestre letivo de 2017, bem como conversas com os professores que lidam com eles em sala

de aula e a análise do documento que é o Planejamento Político Pedagógico, que traz uma breve contextualização da comunidade escolar.

Assim, podemos dizer que o perfil dos alunos é bem semelhante das demais escolas públicas de periferia de Mato Grosso. A maioria dos alunos é de família humilde e trabalhadora. Algumas dessas famílias são beneficiadas por programas sociais, o que contribui para que os alunos frequentem a escola. São crianças e adolescentes que, em média, passam de quatro a cinco horas diárias na escola, cumprindo a carga horária. Poucos recebem incentivos para a leitura.

Com relação aos estudos, o que ouvimos dos alunos é que se sentem pouco motivados a estudar e encontram dificuldades nessa fase escolar, pois consideram os conteúdos mais complexos e acreditam que passam por uma cobrança maior por parte dos professores.

Com pouco acesso aos meios culturais, a televisão e a internet são as formas de se relacionarem com o universo do entretenimento: música, cinema, dança e, até mesmo, a leitura. Na turma em que trabalhamos, todos os alunos estão alfabetizados. Alguns têm mais fluência na leitura do que outros, mas a grande maioria lê bem.

Como a economia do município é forte nas atividades agrícolas, muitos responsáveis pelos alunos prestam serviços nas grandes fazendas, na indústria e no comércio, locais relacionados a essas atividades. Alguns passam o dia todo no trabalho e só veem os filhos, sobrinhos ou netos à noite, ao retornar a suas residências. Essa rotina de trabalho tem provocado uma situação de conflito na escola, principalmente em relação à disciplina, pois, quando esses responsáveis são chamados para tratar de algum conflito relacionado aos filhos, dificilmente podem comparecer.

Além dessa questão, a ausência dos responsáveis pode motivar um sentimento de abandono intelectual. É importante ressaltar que o acompanhamento do responsável na vida escolar dos alunos, além de ser uma supervisão, é também um estímulo à melhoria do desempenho.

A escola tem um número expressivo de matrículas. São cerca de novecentos alunos nos três períodos. Existe também um movimento cíclico nas matrículas. A escola recebe novos alunos quase que diariamente, pois muitas famílias são atraídas pela oportunidade de emprego no município, mas, não havendo adaptação à região, elas retornam a seus municípios de origem. Porém, não conseguindo emprego em suas cidades, retornam a Campo Verde.

Esse fenômeno faz com que os alunos tenham prejuízos escolares. Eles acabam tendo dificuldade de acompanhar os colegas que permanecem na escola e, com isso, não se envolvem nas atividades escolares. Na turma em que nosso trabalho foi desenvolvido,

vivenciamos situação semelhante. Para minimizar o impacto desse acontecimento, buscamos conversar com esses alunos e motivá-los a se envolverem mais na sua escola.

Mesmo com algumas situações negativas, como pouco envolvimento em algumas atividades, ausência recorrente e esquecimento do material, a participação foi satisfatória e os alunos demonstraram avanços significativos nas atividades propostas. Conseguiram compreender o que estava sendo trabalhado e expressaram vontade de que o projeto fosse permanente. Observamos também que houve uma transformação no trabalho docente. O planejamento e a diversificação das atividades contribuíram para enriquecer as experiências de leitura e produção escrita em sala de aula.

1.5 Diagnose das práticas de leitura dos alunos

O trabalho desenvolvido seguiu a linha da pesquisa-ação e se desenrolou na turma de 9º Ano do Ensino Fundamental. Supondo que muitos alunos não haviam adquirido o hábito da leitura nos anos de estudo anteriores e que o contato deles com o texto literário fora insuficiente para que compreendessem a importância desse tipo de atividade no desenvolvimento escolar, optamos por conhecer os hábitos e práticas de leitura deles por meio de uma investigação em duas etapas, em conformidade com o nosso projeto.

Primeiramente, fizemos uma entrevista não estruturada com a turma numa roda de conversa. Perguntamos aos alunos se gostariam de participar de um projeto de leitura e produção escrita. A resposta foi positiva, pois associaram a leitura a um momento de descontração, quando iriam para outro ambiente, como a biblioteca, para ler livros. Questionamos sobre a importância da leitura na vida das pessoas, e os alunos responderam que consideram a leitura muito importante, pois “sem ela, a vida se tornaria muito difícil”. Pedimos que falassem em que momentos do dia fazem uso da leitura e eles responderam “lendo mensagens no celular”, “observando o nome de produtos em um supermercado”, “estudando para uma prova”. Alguns ousaram em dizer “quando leio um romance, professora”. Indagamos sobre o gosto pela leitura, e as respostas foram “a leitura é muito boa”, “eu gosto de ler”. Alguns tiveram a coragem de dizer “eu não gosto de ler, professora”, “leitura é muito chata, principalmente quando leio para os colegas”. A esses alunos, foi perguntado se, mesmo assim, gostariam de participar das atividades essenciais ao projeto, e a resposta foi positiva.

Com essas informações, criou-se uma expectativa positiva no desenvolvimento do projeto de intervenção, em razão da maioria ter dito que considerava a leitura importante e

que gostava de ler, e mesmo aqueles que não tinham demonstrado um posicionamento positivo em relação às atividades de leitura mostraram interesse em participar e desenvolver as atividades, fosse por curiosidade, fosse por vontade de superar dificuldades.

Nessa etapa, observamos que havíamos superado os primeiros obstáculos, que são o gosto pela leitura, a curiosidade de ler e descobrir o que está no texto, as possibilidades de compreensão.

Prosseguindo as atividades, com o objetivo de traçar um perfil mais detalhado dos alunos e selecionar as atividades a serem trabalhadas durante a intervenção, aplicamos um questionário composto por cinco questões.

Foi dito a eles que não se tratava de uma avaliação para nota, mas de uma reflexão sobre como percebem a leitura. Os dados foram organizados e analisados a seguir. Alguns resultados foram transformados em gráficos para uma melhor contemplação de todas as respostas. Outros foram transcritos, por conterem a opinião de cinco alunos (três meninas e dois meninos, escolhidos aleatoriamente) em questões mais subjetivas. Em seguida, fizemos uma reflexão sobre os resultados e sobre as respostas.

Participaram desses dois momentos os alunos que estavam presentes na primeira aula da intervenção; no total, vinte e quatro participantes.

Questão 1 – Você lê textos ou livros com que frequência?

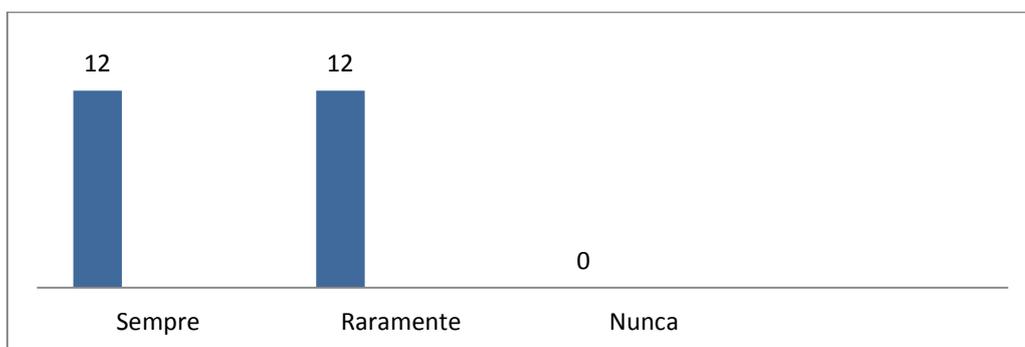


Figura 1

Quanto ao hábito de leitura, consideramos que os alunos responderam de forma positiva, pois nenhum afirmou que nunca lê. Isso é indicativo da consciência de leitura que esses alunos têm.

A questão de número 2 trata da importância da leitura para os alunos. A seguir, transcrevemos as respostas de cinco participantes:

Questão 2 – Você considera a leitura importante na sua vida? Justifique sua resposta.

Aluna 1: “Sim, com a leitura eu posso aprender mais e com livros eu posso viajar por lugares e épocas diferentes.”

Aluna 2: “Sim por que ela nos ajuda a obter mais conhecimento e se desenvolver mais, tipo o nosso vocabulário melhoraria mais de bom pra melhor, para nós sabermos nos comunicar.”

Aluna 3: “Sim, porque com ela tomamos mais a fundo nosso conhecimento, ser capaz de aprender e ensinar também e etc.”

Aluno 4: “Porque isso ajuda você a evoluir.”

Aluno 5: “Sim com (sem) a leitura eu não conseguiria interpretar muitas coisas no meu dia-a-dia, e seria bem difícil ter entendimento nas coisas a escola.”

Além desses cinco alunos, a maioria justificou que, através da leitura, adquirimos mais conhecimentos e podemos nos comunicar melhor. Outros afirmaram que precisamos ler várias vezes durante o dia, em razão das inúmeras informações que buscamos. Observamos que apenas uma aluna relacionou a leitura ao prazer, a uma viagem para outros tempos e lugares.

A questão seguinte diz respeito a quais situações levam à prática da leitura durante o dia.

Questão 3 – Em quais situações do seu dia você pratica a leitura? Justifique sua resposta.

Aluna 1: “Em todos os lugares, e em todas as horas no celular, em horas vagas lendo livros, quando tenho que ir em algum lugar e etc.”

Aluna 2: “Não só na escola, mas também em casa no mercado ou seja no nosso dia a dia ler faz parte da nossa vida. Eu leio quando eu vou ao supermercado para saber o que eu vou comprar, no celular e etc.”

Aluna 3: “Em mensagens instantâneas, quando vou em um mercado, na escola, em algum outro lugar, também para ajudar uma pessoa que não consegue.”

Aluno 4: “Na escola e em casa na escola por causa do meu aprendizado e leio livros de outras pessoas que eu vejo exemplos de vida.”

Aluno 5: “Em todo momento, em qualquer momento sempre que eu olho para qualquer lugar pois tem anúncios, informativos e etc.”

Nas respostas, observamos que vários alunos mencionaram a leitura pelo celular, nas redes sociais e mensagens instantâneas. A leitura de anúncios e informativos foi citada repetidas vezes. Os alunos também associaram a leitura de músicas e filmes legendados. Poucos falaram da experiência de leitura em livros e textos escolares. Nesse ponto, tomamos

consciência de que, em outro momento da história da literatura, a leitura era tida como meio de entretenimento e distração, bem como de construção de comportamentos sociais. Hoje, novos mecanismos assumem essa função.

Por um lado estes fatores modificam os usos sociais da língua escrita; por outro, a irrupção da comunicação audiovisual contribuiu para satisfazer a necessidade de fantasia própria dos seres humanos, além de oferecer outros canais para a formação do imaginário coletivo; ao mesmo tempo os mecanismos ideológicos para criar modelos de comportamento de coesão social acharam excelentes caminhos nos poderosos meios de comunicação; e, além de outras funções como a de entreter e de informar que estiveram principalmente a cargo da literatura em outras épocas, foram assumidas pelos meios de comunicação de massas e pelas novas tecnologias. (COLOMER, 2007, p. 22).

A questão seguinte está relacionada à memória de leitura dos alunos.

Questão 4 – Você se lembra de alguma história que tenha lido e que tenha marcado sua vida? Descreva.

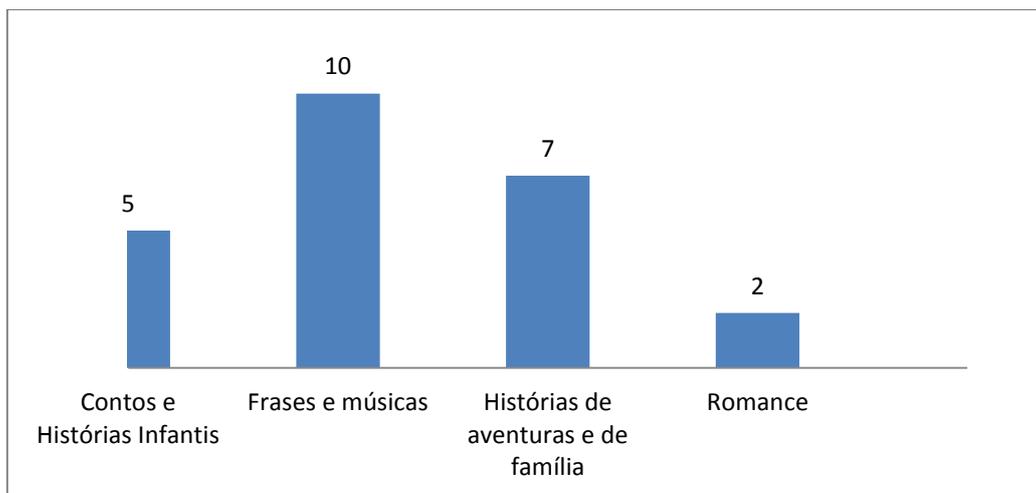


Figura 2.

Com relação à memória de leitura dos alunos, observamos que são diversas as experiências que os marcaram, pois, nas descrições, eles retomam momentos com a família ou na escola, quando foram apresentados a alguma narrativa. Músicas também fazem parte dessa memória, mas fora da escola.

O último questionamento feito aos alunos diz respeito ao sentimento que têm pela leitura.

Questão 5 – Para você, a leitura é uma diversão ou uma obrigação? Justifique sua resposta.

Aluna 1: “Uma diversão, pois eu posso me distrair, e viver algo e aprender com os livros.”

Aluna 2: “Em alguns momentos é uma diversão e em outros obrigação que você é obrigado a ler.”

Aluna 3: “Obrigação: dentro da sala por exemplo na hora de uma atividade também fora em alguns lugares. Diversão: porque você se diverte, se emociona com as palavras que estão ali para ler e etc.”

Aluno 4: “A leitura é uma diversão porque você se diverte com as palavras e experiências e também ela é uma obrigação porque ele irá te ensinar capacitar e te ensinar muitas coisas.”

Aluno 5: “Depende do contexto apresentado, tem momentos que a leitura serve para tirar o tédio e em outros a leitura vem como obrigação como na escola e para você ficar informado por que sem ler eu não consigo decifrar alguns textos.”

Com relação às respostas, podemos observar que a maioria considera o ato de leitura divertido, alguns mencionam a leitura de piadas e a dificuldade de ler em voz alta e serem ridicularizados pelos colegas, mas, no geral, compreendem que a leitura também pode ser uma obrigação, principalmente quando ocorre na escola, onde existe o peso da avaliação e da apropriação de conhecimentos que, segundo eles, são necessários para a formação do aluno.

Diante dessas duas etapas e também do repertório de informação obtido dos professores da turma, verificamos que seria possível desenvolver o projeto de leitura literária com vistas à formação do leitor, pois, de acordo com as respostas obtidas, constatamos que muitos desses alunos tinham pouca convivência com o texto literário, o que se tornaria possível com a seleção de algumas leituras e atividades, já que eles estavam dispostos a participar das aulas e a adquirir experiência leitora.

Mesmo sabendo que havíamos conseguido um avanço em relação ao conhecimento da turma e despertado nos estudantes a curiosidade sobre as futuras etapas do projeto, outros desafios foram encontrados ao longo do percurso.

2 LEITURAS DE LITERATURA NA ESCOLA E PRODUÇÕES DE NARRATIVAS: OS DESAFIOS DO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR

2.1 Leitura e escrita: desafios na formação do aluno leitor e autor na escola Ledy Anita Brescancim

Antes de iniciar o mestrado, pensávamos que desenvolvíamos práticas significativas de leitura com os alunos, avaliando sua competência de decodificação e suas respostas aos questionários de interpretação. Acreditávamos que os alunos estavam obtendo sucesso nessa tarefa, mas a compreensão a respeito da leitura literária não corresponde a uma atividade escolar apenas, é algo essencial na vida do cidadão que faz parte de uma sociedade letrada.

O que nos inquietou em relação à necessidade de um projeto que privilegiasse a leitura foi a tomada de consciência da leitura como um direito indispensável à organização individual e coletiva do ser humano. Cabe aqui a distinção dos direitos humanos entre “[...] bens compressíveis e bens incompressíveis”. (CÂNDIDO, 2011, p. 173). Os primeiros correspondem a necessidades menos essenciais do ser humano, dos quais não depende sua sobrevivência, os segundos correspondem às necessidades essenciais dos seres humanos, dos quais eles dependem para sobreviver.

Quando pensamos em direitos humanos, devemos considerar que o que é indispensável para nós deve ser indispensável para o outro. Assim, colocamo-nos em uma situação inquietante: ao considerar que casa, comida, saúde e educação são direitos de todos, também devemos considerar que a leitura de literatura é um direito humano, já que cada época estabelece aquilo que é fundamental ao indivíduo. Portanto, podemos dizer que a leitura é um bem incompressível. Por meio dela, as pessoas se relacionam com os diversos instrumentos de comunicação e, para que o indivíduo tenha sucesso em sua formação escolar, precisará desenvolver plenamente sua competência leitora.

Considerando que a leitura literária pode ser responsável pelo desenvolvimento de outras capacidades humanas e quando não temos acesso a esse direito, deixamos de aperfeiçoar aquilo que nos torna mais reflexivos, humanos e organizados. Assim, podemos imaginar o quanto a vida e as relações humanas podem ser prejudicadas, caso o indivíduo tenha poucas experiências com a leitura literária ao longo do percurso escolar.

Mesmo sendo professores, as informações que tínhamos a respeito da leitura eram baseadas mais em conhecimentos empíricos. Com isso, deixávamos de considerar, por falta de entendimento, aspectos importantes que são mobilizados no momento em que passamos

diante de um texto literário. Considerando que os sentimentos que despertam nesse processo são vitais para a compreensão do mundo e da organização social de que tanto precisamos, pouco ou nada podemos aproveitar do encontro com a literatura se não fomos conduzidos de maneira adequada durante a leitura.

Diante do desejo de realização de um projeto de leitura na escola, começamos nos preparando como mediadores. Essa função consiste no auxílio que um leitor mais experiente oferece aos leitores ainda em processo de formação. É uma função importante e precisa ser encarada como essencial antes, durante e depois dos processos de leitura. Ao mediador, também cabe o principal papel, que é o de propiciar os momentos de leitura. (SANTOS, 2016).

Durante todo o planejamento deste projeto, até o momento de intervenção, estávamos certos da necessidade de colaborar para a formação de leitores na escola Ledy Anita Brescancim, e isso nos levou a observar a comunidade escolar. Percebemos que grande parte dos alunos estavam distantes dos benefícios que a leitura poderia trazer para suas vidas, pois eles não estavam se apropriando da leitura da maneira como deve ser.

Percebemos também que os alunos já estavam habituados à rotina de exercícios que envolvia o trabalho com o texto. Assim, um de nossos enfoques era romper com esse hábito, que acredita que a leitura serve apenas para ler e responder questões. Tal prática se tornou uma das atividades mais traidoras e que em nada contribuem para o desenvolvimento do gosto que devemos ter pela leitura. Para lidar com essa realidade, vimos que era primordial desenvolver, durante as aulas, estratégias que mudassem as perspectivas dos alunos diante do texto literário, como aponta Ferrarezi Jr. (2017, p. 21): “[...] é urgente desenvolver em nossos alunos o prazer pela leitura detida, profunda e transformadora”.

Para o desenvolvimento de aulas que pudessem romper com as práticas rotineiras, consideramos a compreensão da leitura pautada na interação leitor-texto, pois queríamos que os alunos tivessem a oportunidade de perceber a leitura para além da decodificação de palavras, como explicita Ferrarezi Jr. (2017, p. 23):

E ler não é ser capaz de decifrar letrinhas de um alfabeto qualquer; é principalmente, ser capaz de compreender o que um texto traz, interagir com ele de forma inteligente, retirar dele o que interessa para a nossa vida cotidiana, ser capaz de interferir criticamente nele e na realidade a partir dele, enfim, fazer uso pleno do texto como parte da vida social de uma sociedade letrada.

Esse autor faz duras críticas à forma como percebe que a leitura está sendo trabalhada nas escolas. Concordamos que é preciso instruir os alunos para que busquem na leitura não apenas respostas para questões escolares, mas compreensão da vida de outras maneiras.

Quando analisamos um panorama geral, percebemos que existe um consenso de que os jovens não leem com a frequência e da forma adequada e que também não têm o hábito de frequentar as bibliotecas escolares e retirar livros para leitura em casa. Muitos, em sala de aula, sentem desconforto com o desafio da leitura em voz alta. Essas situações interferem na compreensão daquilo que leem e na interação com o texto.

Esse consenso está no imaginário do senso comum, conforme vimos em uma entrevista de Vima Lia de Rossi Martin, encontrada no canal YouTube, “Literatura em movimento”, na qual ela faz uma profunda reflexão sobre as práticas de leitura dos jovens. Afirma que os alunos estão lendo muito atualmente e, para isso, usam diversos suportes tecnológicos. Se fizermos uma comparação entre a quantidade de leitores que temos hoje e a quantidade de leitores em décadas passadas, observaremos que nunca houve um momento na história do ensino em que a leitura estivesse tão democratizada e acessível. (MARTIN, 2017).

O fato é que a leitura praticada por esses jovens confronta com a leitura esperada e até mesmo desenvolvida na escola. A pesquisadora observou que ainda se prezam autores de prestígio e os clássicos da literatura na escola. No entanto, há um grande número de autores contemporâneos e um grande volume de obras que abordam temas do cotidiano dos jovens e que colaboram para que eles tenham preferência por estes e não pelos clássicos. Além disso, a escola tem por hábito excluir esse tipo de leitura de suas atividades.

Para que compreendamos o processo de leitura que nossos alunos têm praticado, o exercício que devemos fazer é o de nos “aproximar destes jovens” (MARTIN, 2017), observar que existe o gosto pela leitura, ainda que não de livros, mas *e-books* e páginas

as de internet que trabalham e estimulam não apenas a leitura, como também produções de escritas amadoras.

A realidade que encontramos em nossa escola é que existem alunos que gostam de ler, ainda que seja nos modernos meios tecnológicos ou em livros contemporâneos. E também temos aqueles em quem ainda não se despertou totalmente o desejo pelo universo literário e que julgam a leitura uma tarefa escolar que, portanto, deve ser praticada apenas na escola.

Com esses dois tipos mais evidentes de alunos, constatamos que o trabalho com a leitura na aula de Língua Portuguesa não seria uma tarefa fácil, ainda mais compreendendo que a atividade de leitura não se trata apenas de buscar no livro didático os textos selecionados, fazer a leitura mecânica em sala de aula e responder “corretamente” as questões

relacionadas à interpretação. Os alunos precisam de mais do que isso e merecem mais do que isso em uma aula de leitura.

Para ajudá-los a superar tais hábitos, tomamos como prática de análise da leitura a discussão do tema e também a interpretação para além do texto. Buscamos, assim, superar as “lições de leitura”. (FREIRE, 1989, p. 12). Notamos nessa atividade que o texto é lido e, em seguida, passa-se a responder uma sequência de perguntas quanto ao enredo, os personagens, o tempo e o espaço. Mesmo considerando esses tópicos relevantes para a compreensão textual, não podemos nos fixar apenas nesses critérios de interpretação, pois, com essa prática, não estaremos correspondendo às mudanças propostas para a formação de leitor e tampouco para as transformações necessárias nas aulas de leitura.

O usual, então, é os alunos irem à biblioteca com uma ficha de leitura para preencher à medida que avançarem na leitura ou o professor indicar ao aluno uma obra e pedir-lhe que faça um resumo, abordando o que gostou e não gostou. Esses são apontamentos que nos auxiliaram a pensar sobre o que temos praticado com relação à leitura na escola.

O teórico Tzvetan Todorov (2009), em **A literatura em perigo**, discorre sobre o porquê de a literatura ter perdido um precioso espaço no gosto dos alunos. Segundo ele, isso ocorreu como consequência da maneira como se tem trabalhado a leitura literária na escola e pelo fato de a leitura ter se transformado em um momento em que o aluno é estimulado a ler para, em seguida, responder a um questionário sobre o texto, preencher fichas de leituras ou ser avaliado pela capacidade de dicção das palavras, enfim, para o cumprimento de algumas tarefas. A importância da leitura literária não é fazer com que o aluno retire informações dos textos, mas ajudá-lo a compreender melhor o homem e o mundo. (TODOROV, 2009).

Assim, atividades praticadas com frequência nas aulas de Língua Portuguesa não cumprem o papel significativo da leitura, tampouco motivam nos alunos o prazer e o gosto da leitura. Quando não enfatizamos o texto literário, mas convenções de análise, contribuimos para minar a paixão dos alunos pela literatura.

Observamos que, de acordo com Todorov (2009), a leitura literária é uma ação que nos capacita à compreensão de questões complexas que envolvem o homem e o mundo, ou seja, o aluno compreenderá sua própria existência e o impacto dela no mundo em que vive, à medida que for praticando suas leituras. Para isso, um compromisso importante é o do professor mediador que acompanhará essa trajetória.

Atualmente, temos observado que as práticas mencionadas anteriormente também têm gerado certo desconforto em alguns professores que trabalham com a leitura, por saberem que, mesmo com seu trabalho planejado, têm contribuído pouco para a formação do leitor

juvenil. Por isso, buscam, em outras formações e leituras, compreender alternativas para suprir suas necessidades.

No entanto, existe uma dificuldade enraizada, que impede o rompimento com determinadas metodologias, que é a própria formação universitária do professor, que contribuiu para que o ensino da literatura tenha se tornado o que temos nas escolas de hoje. Segundo Todorov (2009, p. 35): “Se os professores de literatura, em sua grande maioria, adotaram essa nova ótica na escola, é porque os estudos literários evoluíram da mesma maneira na universidade: antes de serem professores, eles foram estudantes”.

Considera-se que a universidade estimula a leitura com foco apenas na estrutura do texto, na crítica, no enredo e nos personagens. Como poderão os professores desenvolver um trabalho diferente em sala de aula, se foram condicionados a esse tipo de estudo literário? Romper com tal metodologia requer uma profunda mudança nos preceitos da universidade, que tem contribuído para o atual modelo de ensino literário, pois é nela que se formam os professores que ensinarão como aprenderam.

Essa metodologia que faz com que o olhar do leitor esteja voltado apenas para o texto e não para interação possível entre o leitor e o texto se desenvolveu na busca do equilíbrio entre os aspectos interno e externo ao texto literário, nas décadas de 1960 e 1970, quando os estudos de literatura pendiam para os aspectos internos ao texto.

Outro desafio que temos de enfrentar na formação do leitor é o início tardio do estudo literário com as crianças. Muitos professores optam por não começar o trabalho no ensino fundamental ou, quando o fazem, tratam a literatura superficialmente, em poucas aulas, nas quais se leem poemas ou trechos de romances, contos e novelas, com objetivos que não contemplam a análise dos aspectos literários do texto. Quando optamos por não levar em conta um dos principais aspectos do texto, que é o seu valor estético – “[...] o gosto pela leitura passa pela dimensão estética” (FERRAREZI Jr., 2017, p. 25) –, deixamos de contribuir para que o aluno sinta o mundo e se sinta no mundo. O valor estético de um texto aponta para o fato de que a existência humana passa por esses dois princípios.

A formação leitora deve possibilitar ao aluno não apenas ler, mas sentir e vivenciar a leitura. No entanto, essa prática tem encontrado pouco espaço nas aulas de leitura, e acabamos limitando a experiência enriquecedora que se poderia ter por meio da literatura. Assim, “[...] a experiência puramente lógica oculta os sujeitos; a experiência estética os revela”. (FERRAREZI Jr., 2017, p. 29).

Existem práticas para que o aluno compreenda as dimensões e experiências proporcionadas pelo texto literário. É isso o que nos propusemos a desenvolver na intervenção

deste projeto, pois compreendemos a literatura como um direito do ser humano e acreditamos que exista uma relação profunda entre o homem e a literatura.

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

Dessa maneira, a literatura é capaz de transformações importantes não apenas no aspecto intelectual, mas social do leitor, pois, no contato com o texto literário, ele pode ser capaz de se organizar, assim como o texto é organizado.

Quer percebamos ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo. (CÂNDIDO, 2011, p. 179).

Também vale ressaltar que, quando o autor compreende a literatura amplamente, insere nesse universo todo e qualquer indivíduo, não apenas os eruditos e já formados, mas até os incultos e jovens leitores em formação, pois todos têm contato com algum tipo de literatura dentre as consideradas por ele.

Ao tomarmos a literatura como um direito humano, temos como necessidade universal “[...] o sonho acordado das civilizações”. (CÂNDIDO, 2011, p. 182). É durante o sonho que organizamos/processamos tudo o que vivemos enquanto estamos acordados. Assim como a vida perde o encanto sem o sonho, o pensamento perde sua forma sem a literatura. Todorov (2009) concorda que, por meio da literatura, podemos dar forma (organização) àquilo que estava informe (desordem).

A literatura também é capaz de ampliar a percepção que o leitor tem do mundo que o cerca e de si mesmo. Por meio dela, ele é estimulado a desenvolver seu senso crítico e a pensar nas condições sociais em que vive, ou seja, a literatura é um instrumento valioso para transformações sociais tão urgentes na atualidade.

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita, as que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CÂNDIDO, 2011, p. 179).

Conceber a literatura como direito do aluno é saber que as experiências que ela proporcionará não serão inofensivas, mesmo porque não existe um controle sobre as transformações que a literatura provocará no indivíduo. Elas são imprevisíveis, como a vida e a natureza. A relação entre o texto literário e o indivíduo é quase sobrenatural e acontece no momento em que a palavra se comunica com o espírito e o leva a se organizar para, em seguida, organizar seu mundo.

Quando atentamos para algumas formas de ensino e doutrinação pelas quais populações de diferentes partes do mundo passaram, vemos a literatura desempenhando um papel muitas vezes de educadora e de instrumento ideológico sobre as massas por meio de fábulas, parábolas, cantigas e outros gêneros. Vemos que não apenas as crianças, mas mesmo os adultos, em algum momento da vida, foram condicionados a aprender por meio da literatura.

Muitos fatores contribuem para afastar o leitor das práticas de leitura, ainda mais quando não veem um objetivo na leitura literária e consideram-na um bem cultural pertencente à elite. Quando negamos aos alunos de baixa renda o acesso aos meios de cultura, estamos contribuindo para a manutenção de uma sociedade injusta, que afasta as camadas populares de uma experiência que somente a literatura pode proporcionar.

Uma pesquisa analisada pela professora Magda Soares aponta a diferença da percepção da leitura em diferentes camadas sociais. A classe elitizada vê a literatura como um momento de fruição, lazer e ampliação de conhecimentos, ao passo que as classes menos favorecidas a têm apenas como “instrumento necessário a sobrevivência”. (SOARES, 1988, p. 22). Quando os alunos dizem que precisam da leitura para ir ao mercado, para ler placas informativas ou como meio de acesso ao trabalho, compreendem que sem a “leitura é difícil achar um emprego”.

Observamos que essa noção sobre leitura não é encontrada apenas no discurso do aluno. Muitas vezes, nós, professores, repetimos isso em nossas aulas, “vocês precisam ler para ter um bom emprego” ou “leiam para não passar vergonha”. Inculcamos neles a ideia de que a leitura não nos traz prazer, de que é necessária e obrigatória para nossa sobrevivência.

Em nossa sociedade capitalista, reforça-se essa diferenciação do valor da leitura para dominantes e dominados, pois ela confere à escrita “um papel discriminativo” que pereniza os privilégios: para os dominados, o valor do ler e do escrever é “um valor de produtividade e não um valor que afirma o sujeito e franqueia a diversidade de conhecimento”. (OAKABE, 1982 *apud* SOARES, 1988, p. 22).

Desenvolver um projeto que permitisse ao aluno ter acesso à leitura e conviver com ela intimamente demonstra que adquirimos a consciência de que a leitura é um mecanismo de autoconhecimento e compreensão do contexto em que se está inserido. Notamos também que, à medida que percebemos a importância da leitura na vida dos alunos, foram profundas as transformações em nossas práticas docentes.

Neste ponto, destacamos novamente o papel do professor como mediador, pois “[...] o texto literário sem mediação adequada é uma letra morta para o aluno”. (MARTIN, 2017). Existem compreensões a respeito do texto que necessitam de uma experiência maior com relação a aspectos da vida, que somente um leitor experiente pode pontuar. Cabe ao professor ter essa experiência “capaz de iluminar alguns aspectos do texto literário que às vezes sozinhos nossos alunos não teriam condição de perceber”. (MARTIN, 2017).

Retomando a trajetória do desenvolvimento do projeto, após o trabalho da coleta de dados obtidos com a aplicação do questionário mencionado no primeiro capítulo, notamos que muitos alunos consideravam a leitura importante e a praticavam, mesmo que raramente, e se mostravam dispostos a participar das aulas que se seguiriam.

A experiência docente com a turma em estudo indicava que os alunos liam e que muitos gostavam do momento dedicado à leitura, principalmente quando envolvia uma dinâmica diferenciada, que rompia com a decodificação, inserindo outras experiências possíveis.

Desde o princípio, pensamos em trabalhar com os alunos por meio de textos curtos e não de livros. Com narrativas curtas, teríamos um maior número de temas durante as aulas. Assim, o gênero escolhido foi a crônica. Buscamos encontrar na biblioteca livros que pudessem ter uma seleção desse tipo de texto, mas, infelizmente não encontramos. Além disso, observamos que a grande maioria das obras do acervo está voltada para o universo infantil.

É certo que a leitura pode ser feita em diversos locais do ambiente escolar, mas a biblioteca deveria ser o espaço destinado à convivência dos alunos com as obras literárias, para que tivessem um ambiente propício à pesquisa e à leitura. No entanto, não é essa a nossa realidade. O local destinado à biblioteca é muito pequeno para o atendimento das turmas, que são numerosas. Os livros já estão gastos e não estimulam a curiosidade dos alunos. Sabemos que essa não é a realidade somente em nossa escola, como podemos ver em Ferrarezi Jr. (2017, p. 58): “De acordo com o levantamento feito pelo portal Qedu, a pedido da Agência Brasil, com base em dados do Censo Escolar 2014, 53% das 120,5 mil escolas públicas do país não têm biblioteca ou sala de leitura”.

Hoje, o espaço de nossa biblioteca escolar é ocupado por algumas prateleiras, mesas e cadeiras. A bibliotecária mantém o ambiente sempre organizado, mas o acervo ainda é deficitário. Procuramos livros que tivessem uma coleção de crônicas e não encontramos, por isso, a opção foi por textos impressos.

Também não tivemos como levar os alunos para a biblioteca, porque a turma é numerosa, com alunos muito agitados. Correríamos o risco de as atividades ficarem prejudicadas. Como nossas aulas envolveriam atividades além da leitura, não seria possível realizar todos os procedimentos em um espaço tão pequeno.

Na ocasião, conversamos com a equipe gestora sobre a necessidade de reestruturar a biblioteca, para que seja mais atrativa. Conforme diz Ferrarezi Jr. (2017, p. 62), “a biblioteca escolar, além de existir; deveria ainda ser um local honrado com uma visão positiva, respeitosa e sistematicamente construída nas crianças”.

Diante dessa situação, optamos por desenvolver a leitura em sala de aula, conforme exposto anteriormente. Em virtude de as atividades que antecederiam a introdução de cada leitura e as oficinas a serem desenvolvidas pelos alunos, consideramos que o espaço mais adequado era o da sala de aula.

Em relação ao trabalho com a escrita, buscamos fazer com que os alunos produzissem os textos enquanto suas leituras fossem sendo desenvolvidas, assim, depois de cada oficina de leitura, passaríamos ao desenvolveríamos da oficina de produção.

O objetivo da escrita foi registrar as experiências e análises da leitura no Diário do(a) Aluno(a). Queríamos que o aluno se apropriasse do que leu e pudesse registrar algum assunto digno de uma crônica. Primeiramente, orientamos para que desenvolvessem o hábito de escrever sobre os fatos do dia a dia. Num segundo momento, as primeiras escritas seriam sobre a experiência de leitura do dia e, conforme fossem avançando na leitura, produziriam textos dialogando com o que haviam lido intertextualmente.

2.2 O texto literário e suas contribuições para a leitura e escrita do aluno

O desafio travado pelos professores de Língua Portuguesa no tocante ao desenvolvimento da leitura e da escrita de seus alunos tem sido motivo de estudos e pesquisas na área da linguagem, especialmente na era em que estamos vivendo, em que o texto escrito concorre com novas tecnologias pela atenção dos leitores.

Sabemos que não podemos apenas ignorar a existência de novos suportes tecnológicos, que devemos tomá-los como aliados no processo de desenvolvimento dos

alunos, e já existem pesquisas e artigos que contemplam e até estimulam o trabalho com a leitura em suportes impresso.

Se voltarmos nosso olhar para décadas anteriores, a compreensão que tínhamos do texto e da leitura era diferente da de nossos alunos. A experiência vivida diante de um texto era estimulante e desafiadora. Hoje, além de novos gêneros textuais, ainda temos novas tecnologias, e elas podem colaborar na prática de ensino. A preocupação dos professores na atualidade passa pela busca do aprimoramento das habilidades de leitura e escrita nas diversas práticas sociais letradas. Assim, o professor precisa promover condições para o aluno leitor experienciar as obras literárias. (DIAS et al., 2012).

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos, capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Infelizmente, o que ainda persiste em muitas escolas é a leitura como mero processo de decodificação, “com a incumbência de ensinar a ler a escola tem interpretado essa tarefa de um modo mecânico”. (ZILBERMAN, 2009, p. 30). Há também a imposição de leituras idealizadas pelos professores e pelos livros didáticos. Com isso, colaboramos para a construção do mito de que a leitura literária é difícil e complexa.

Em relação à dificuldade que alguns indivíduos apresentam no tocante à apropriação da leitura literária, percebemos que “a escola ensina ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários”. (ABREU, 2006, p. 30). Mesmo essa autora sugerindo que alguns alunos não se tornarão leitores, a escola não pode abandonar seu papel de ensinar a gostar dos textos literários, até porque o desejo precisa ser despertado, pois não sabemos de antemão quais os alunos que terão mais afinidade com as práticas de leitura.

Um dos procedimentos mais criticados é o uso apenas do cânone na escola, a leitura de prestígio segundo aqueles que consagram determinada obra e autor e discriminam a literatura mais popular. Devemos considerar o gosto que o aluno tem pela leitura mesmo que ela não esteja dentro do cânone, precisamos romper com o paradigma do que não pode ser lido na escola, pois, se o cânone não despertar o prazer da leitura, devemos buscar outros textos que estimulem no aluno o gosto pelo texto literário.

Neste ponto, é importante compreender o sentido sobre a literariedade, que é o que legitima o texto literário, ou seja, as características que permitem categorizar um texto como literário. Em relação a sua presença, é correto dizer que a literariedade não está apenas no texto, mas também na maneira como ele é lido: “Um mesmo texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja: uma carta ou um conto, um poema ou uma redação”. (ABREU, 2006, p. 29).

Apoiados nesse argumento, fizemos a escolha dos textos com que trabalhamos com os alunos. Existem obras consideradas marginais e, por isso, a prática de evitá-las tem sido recorrente na escola. Evitam-se a literatura infantil, a feminina, a popular e a marginal. No momento da escolha do repertório de leitura, buscamos sempre superar tal discriminação. Também buscamos considerar a apreciação da leitura pelos alunos, compreendendo seus gostos e os temas que mais pudessem atraí-los, pois “A avaliação estética e o gosto literário variam conforme a época, o grupo social, a formação cultural, fazendo que diferentes pessoas apreciem de modo distinto os romances, as poesias, as peças teatrais, os filmes”. (ABREU, 2006, p. 59).

Assim, conhecendo os alunos, sabendo de suas expectativas em relação às aulas e considerando sua memória de leitura, definimos os textos a serem trabalhados.

Como já explicitado, consideramos importante o trabalho com o texto literário, pois por meio dele podemos ampliar nossas convicções e, até mesmo, contrastar com outras ideias a noção que temos sobre diversos aspectos sociais, como a ética, a política e a moral. Fazer a aproximação entre o que vivemos e o que lemos é considerada uma importante atividade de reflexão.

Sabendo da necessidade de uma boa seleção dos textos a serem trabalhados, como dissemos, levamos em consideração os anseios, as expectativas, as experiências de cada leitor, buscando um equilíbrio, conforme orienta Abreu (2006, p. 111):

Desta forma, nas escolas, os livros preferidos pelos alunos podem (e devem) ser lidos e discutidos em classe, levando-se em conta os objetivos com que foram produzidos, os gêneros de escritos a que pertencem seu funcionamento textual. Estes livros podem ser comparados com textos eruditos, não para mostrar como os últimos são superiores aos primeiros, mas para entender e analisar como diferentes grupos culturais lidam e lidaram com questões semelhantes ao longo do tempo.

Ter essa compreensão nos permitiu entender o valor atribuído aos diversos textos literários e aplicarmos essa compreensão tanto neste projeto como naqueles que poderemos desenvolver com os alunos no futuro.

Os clássicos ainda são leituras obrigatórias no currículo dos alunos, usados em momentos distintos de avaliação pelos quais o aluno passará, e não apenas por esse motivo. São obras que tomam a linguagem de forma mais elaborada e nos apresentam outras faces da sociedade e da cultura, por isso, ainda fazem parte do repertório de leitura dos alunos, mas há espaço para outras literaturas em sala de aula.

Devemos considerar que são inúmeras as contribuições que o texto literário trará para a vida social de nossos alunos. Com o texto literário, eles terão a oportunidade de compreender o uso da linguagem de forma organizada, mais elaborada, desenvolverão sua habilidade leitora, questionarão e serão questionados no tocante a sua percepção de mundo.

É importante compreender que, no exercício da leitura e da escrita, a escola no Brasil ainda é o espaço mais importante para o letramento, conforme destacam Dias *et al.* (2012, p. 82): “A leitura deve ser o eixo norteador de todo processo de ensino e aprendizagem e, por isso, deve ser considerada uma prática voltada para a formação de leitores e não de ‘alfabetizados’”.

Nosso entendimento sobre a formação do leitor que queremos foi extremamente importante no desenvolvimento do trabalho com a leitura. Buscamos tirar os alunos da zona de conforto, onde eram meros decodificadores, e os motivamos sempre a experimentar e desenvolver o gosto por aquilo que estavam lendo. Isso foi o que nos impulsionou a buscar alternativas de leitura que abraçassem os alunos, em sequências didáticas de apropriação do texto.

É importante destacar que a literatura sempre exerceu um papel significativo no trabalho com a linguagem, principalmente com relação ao ensino, à formação moral e à consciência cultural. Desde o século XIX, a sociedade toma textos de sua literatura para ensinar por meio deles, mas tal prática nunca garantiu que os indivíduos se tornassem leitores ávidos. (COLOMER, 2007).

A literatura sempre acompanhou o processo de escolarização da sociedade letrada e, mesmo quando não praticamos a leitura de maneira adequada, há uma contribuição, ainda que pequena, e ela pode ser percebida na vida daquele que lê: “O texto literário ostenta a capacidade de reconfigurar a atividade humana e oferece instrumentos para compreendê-la, posto que, ao verbalizá-la, cria um espaço específico no qual se constroem e negociam os valores e o sistema estético de uma cultura”. (COLOMER, 2007, p. 27).

Quando os alunos são estimulados a ler, exercem atividades psicológicas que vão além da aquisição da linguagem. Adquirem também a noção de narração, a percepção de realidade e fantasia e a apreensão de conotações culturais dos personagens.

Reconhecemos as inúmeras contribuições que o texto literário pode oferecer à vida dos alunos. Por esses motivos, desenvolvemos propostas de leitura e de produção de textos.

2.3 A leitura e a escrita: o que fazer para aprender com êxito

Para alcançarmos as transformações que pretendíamos na vida escolar dos alunos, era preciso imovar as práticas de ensino de leitura e escrita. Para isso, começamos com a análise das práticas que temos, observamos que elas que pouco tem colaborado à formação de leitores. Buscando alternativas mais eficazes, priorizamos iniciativas que privilegiam a leitura e a escrita, entendendo que essas atividades da linguagem são produções sociais importantes para o conhecimento dos alunos.

A educação escolar tem garantido acesso dos jovens aos bancos escolares, mas contribuído pouco para o acesso ao saber. Assim, tem feito com que leiam, mas não se tornem leitores em sua maioria. Acreditamos que há uma grande diferença entre alguém que apenas sabe ler e o indivíduo leitor. Dessa forma, consideramos que, para a leitura se manter como uma atividade efetiva, ela depende muito do trabalho desenvolvido pela escola. Segundo Zilberman (2009, p. 30), “[...] o sentido da leitura nem sempre se esclarece para o aluno beneficiário dela. Por conseguinte, mesmo aprendendo a ler e conservando essa habilidade, a criança não se converte necessariamente em um leitor”.

Temos, então, que, para formar alunos leitores, ir além do ensino da leitura compreensível, e alcançar a leitura com apropriação e isso, passa pelo gosto com que o aluno desenvolve a atividade. Notamos, contudo que pouco tem sido feito em nossa escola para que seja permitido ao aluno se tornar leitor, mas ainda podemos mudar esse triste panorama.

O sentimento que temos ao chegar a esta etapa do mestrado é de dívida. Os alunos que participaram deste projeto parecem que, não foram nutridos pela leitura durante o tempo em que estiveram em nossa escola. Consideramos que o desempenho durante as atividades foi satisfatório, mas podemos imaginar a consistência que este projeto teria se a escola tivesse um plano eficiente e duradouro para sua clientela desde sempre. No entanto, foi com base nessa problemática que se tornou possível pensar uma ação que pudesse colaborar com novas perspectivas sobre a leitura para os alunos. Zilberman (2009, p. 30) afirma que, “[...] assim, a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado à leitura em um leitor; se não fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura”.

Foi pensando nisso que buscamos novos caminhos a percorrer, tendo como objetivo principal a leitura literária e a escrita como registro daquilo que o aluno vivenciam durante a intervenção. Pretendemos colaborar para a consciência de que a leitura é uma das necessidades humanas, importante para o nosso desenvolvimento e para a compreensão do

mundo em que estamos inseridos, conforme lemos em Zilberman (2009, p. 30): “A ação de ler caracteriza toda relação racional entre o indivíduo e o mundo que o cerca”.

O que pretendemos não é resgatar os alunos no ponto em que se perderam, mas dar a cada um deles a oportunidade da experiência com a literatura como “modelo de desvelamento do mundo”. (ZILBERMAN, 2009, p. 32). Nesse sentido, mostrar a eles o mundo que estava encoberto; tirar o véu que recobre questões essenciais da vida, temas que podem ser mais bem compreendidos por meio do texto literário.

Quando os alunos registraram suas histórias por escrito, sabendo que seu texto fará parte de uma seleção de produções individuais, experimentaram a ideia de que existia um motivo pelo qual era necessário escrever, pensaram seu texto como um objeto de leitura para outros leitores. Assim, “a escrita determina o aparecimento de uma constelação específica de sinais – um código característico, o das letras, cuja missão é assegurar, de um lado, a imobilidade do texto”. (ZILBERMAN, 2009 p. 32).

Nossa ação docente foi sempre vinculada à procura de práticas que promovessem o êxito de nossos alunos na leitura e na produção de seus textos. Como a turma estava fechando o ciclo do ensino fundamental, alguns alunos tinham habilidade leitora e de escrita. No entanto, a leitura que muitos desenvolviam era a de decodificação, com dificuldade de ampliar a sua compreensão. Em relação ao domínio da escrita, apresentavam pouca criatividade.

Assim, o que mais nos motivou no projeto com a leitura literária e produção escrita, foram as novas alternativas para trabalhar a compreensão e a interpretação, bem como a produção de textos coerentes, e também a oportunidade que tivemos de desenvolver nossa formação como professores mediadores, capazes de reverberar na prática aquilo que aprendemos na teoria e também de vivenciar o enfoque da própria prática por meio da teoria.

Embora os alunos estivessem no 9º ano, alguns passaram por poucas experiências com a leitura, por isso, apresentaram resistência em participar das leituras praticadas na escola. Assim, com Micotti (2009, p. 35), entendemos que “hoje, o ensino depara-se com o desafio de desenvolver práticas favoráveis à compreensão e à apropriação do mundo letrado e de seus procedimentos pelas crianças, inclusive por aquelas que, até chegarem à escola, tiveram poucas experiências com esse mundo”.

A escola tem um papel importante na formação do leitor e, muitas vezes, é apenas nela que o aluno tem acesso à leitura assistida. Desse modo, buscamos no trabalho estimular a participação de todos, incluindo, em alguns momentos, o relato de experiências reais, vividas pelos alunos, ou seja, os alunos tiveram oportunidade de narrar histórias que realmente

aconteceram ou que ouviram em sua vivência familiar. Com isso, compreenderam o texto como uma prática social.

Essas providências por parte da escola têm como correlato o envolvimento dos alunos e de seus familiares no processo educacional, o que por sua vez coloca em jogo o enfoque dado pela escola às necessidades afetivas e sociais dos alunos e às peculiaridades cognitivas que eles manifestam em suas interações com os objetos de estudos. (MICOTTI, 2009, p. 36).

Quando colocamos as experiências de vida dos alunos em seus textos, fazemos com que eles compreendam a importância da educação para a vida social. Assim, participam mais motivados das atividades desenvolvidas: “O sucesso no aprendizado vincula-se à correspondência entre a busca de compreensão do mundo que a criança empreende e o que os estudos lhe proporcionam”. (MICOTTI, 2009, p. 36). O envolvimento mais profundo dos alunos nas atividades, tanto de leitura quanto de escrita, efetiva-se com base na relevância que essas atividades trazem para suas vidas.

O fato é que o trabalho nos possibilitou viver um novo pacto com os alunos: “Com efeito, o recurso à literatura pode desencadear com eficiência um novo pacto entre os estudantes e o texto, assim como entre o aluno e o professor”. (ZILBERMAN, 2009, p. 34). Esse pacto consiste em considerar as interpretações do aluno diante do texto, pois cada assunto se revela diferente para cada leitor. Nessa leitura, não considerávamos a nossa interpretação como a única válida; queríamos ouvir os alunos e entender o modo como se relacionavam com o texto. Assim, a leitura era a revelação do universo pelo aluno com base no texto. Diante dessa nova estrutura, as verdades enraizadas acerca do texto e da atividade de interpretação, que antes autorizavam apenas o sentido do professor, deixam de existir, permitindo que alunos e professores dialoguem como pares no momento das análises.

Ao trabalhar com a literatura ficcional, compreendemos que ela é a experiência mais ampla de leitura e que a prática em torno desse texto pode tornar mais satisfatório aos alunos o desenvolvimento da competência leitora. Em qualquer projeto, quando buscamos o êxito, precisamos reconhecer que existem barreiras a serem transpostas. Mesmo os nossos alunos reconhecendo a importância da leitura, e considerando que leem com certa frequência, sabemos que as pesquisas apontam que a proficiência na leitura dos jovens brasileiros está abaixo do esperado. (PAULINO; COSSON, 2009).

Dados do Programa de Avaliação Internacional dos Alunos OCDE- PISA colocaram a Finlândia em primeiro lugar no *ranking* da leitura. Ao analisarmos a pesquisa, vimos que

alguns fatores contribuíram para a conquista dessa colocação, tais como: estrutura do sistema educacional, formação e interesse dos professores e atividades próprias dos alunos.

Sabemos que algumas dessas características estão distantes do que desejamos quando pensamos no Brasil. Existem muitas escolas sem espaços dedicados à leitura e, quando o têm, o acervo deixa muito a desejar. Também são poucos os profissionais habilitados a trabalhar nas bibliotecas.

Com relação a isso, há aspectos que não dependem da vontade de professores e alunos, mas, sim, do poder público. No entanto, podemos criar iniciativas simples, que promovam a leitura na escola. Assim, com as oficinas de leitura e escrita de textos, acreditamos propiciar aos alunos o conhecimento de autores, obras e a capacidade de se verem como agregadores de sentidos ao texto e, por que não dizer, ao mundo. Buscamos também despertá-los para a leitura como forma de entretenimento, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades gerais de leitura.

Ao pretendermos buscar uma prática de leitura literária que fosse significativa, chegamos à expressão *letramento literário*, que corresponde à competência do indivíduo de ler e se utilizar das leituras nas suas atividades sociais. Tem-se, então, o letramento literário como “um conjunto de práticas sociais”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). A ideia de letramento não surgiu apenas para corresponder às práticas de leitura, mas que se trata de ensino, é correto dizer que não existe apenas um letramento, mas vários ou múltiplos letramentos, como o da matemática, das ciências, das artes e demais disciplinas. Com isso, surge o letramento literário: “O letramento literário pode ser concebido simplesmente como uma das práticas sociais da escrita, aquela que se refere à literatura. Nesse caso. A adoção do conceito letramento literário vem ao encontro da sempre reivindicada leitura efetiva dos textos literários”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).

Contribuindo com o letramento literário, queremos que a leitura seja uma atividade que signifique para o leitor, que seja relevante e que ele compreenda a importância dessa prática em sua vida “como o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 66).

Para que o letramento literário ocorra, é preciso que algumas medidas sejam tomadas pelos mediadores desse processo, fazer com que os alunos entendam que a leitura precisa ser um exercício permanente de transformação. Assim, o letramento literário não deve começar e terminar na escola, mas ser uma prática que nos acompanhe por toda a vida. Portanto, o mediador, necessariamente, precisa desenvolver com os alunos uma prática de leitura diária, na qual haja reflexão e compreensão daquilo que se está lendo.

O letramento é um meio de se apropriar da leitura literária, ou seja, o leitor precisa tomar como próprio dele aquilo que lê, no sentido de incorporar e transformar o texto e com base no texto. Para que o letramento literário se torne uma realidade na escola, é preciso que ocorra o contato direto com o texto literário. Assim, devemos compreender as seguintes responsabilidades:

À escola e ao professor cabe, pois, disponibilizar espaços, tempos e oportunidades para que este contato se efetive. Com isso a escola precisa oferecer biblioteca com o acervo literário incentivador, banco de textos, sala de leitura ou pelo menos uma estante em sala de aula onde o aluno possa manusear obras literárias. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 74).

Infelizmente, alguns dos pontos que precisam mudar na nossa escola demandam muito tempo e investimentos financeiros, por isso, durante o desenvolvimento deste projeto nem todos os objetivos foram alcançados, mas a gestão foi orientada a se organizar para poder ofertar esses ambientes ao alunado e aceitou as orientações.

Além da leitura, a escrita também esteve presente em várias atividades. Ela servia como registro das experiências de cada aluno com a leitura. Dessa maneira, contribuímos para o exercício da escrita, propiciando ao aluno a oportunidade de ser autor de suas histórias.

Uma quarta prática é o lugar da escrita na interação com a literatura. Não se trata, como argumentamos, de formar escritores, mas sim de oferecer aos alunos a oportunidade de se exercitarem com as palavras, apropriando-se de mecanismo de expressão e estratégias de construção de sentidos que são essenciais ao domínio da linguagem da escrita. (PAULINO; COSSON, 2009 p. 76).

Promover a escrita como um dos resultados da leitura realizada serviu para que os alunos percebessem que a produção de textos literários é possível e que não precisamos ser escritores profissionais, basta que nos dediquemos a traduzir em palavras aquilo que observamos no dia a dia. Esse exercício também faz parte da apropriação dos textos, quando os alunos dialogam com o que leram e incorporam momentos vividos por eles em suas produções. Ainda com Paulino e Cosson (2009, p. 76): “Nesse caso são interessantes os exercícios de paráfrases, estilização, paródia e outros procedimentos de apropriação dos textos com seus recursos que promovem um diálogo criativo do aluno com o universo literário e, por meio dele, com a linguagem em geral”.

As atividades deste projeto foram consideradas exitosas, de acordo com os resultados que alcançamos. Sabemos que, com a transformação das práticas tradicionais, que limitam a

vivência do aluno e a apropriação do texto literário, contribuimos para seu conhecimento de literatura e para a construção de um “repertório literário”. (PAULINO; COSSON, 2009, p. 77).

Com as atividades que desenvolvemos durante o projeto, esperamos ter contribuído para a compreensão dos alunos sobre o reconhecimento do outro e do mundo e para que sejam capazes, por meio da leitura literária, de desenvolver a reflexão sobre suas práticas sociais.

3 ETAPAS DO PROJETO E RESULTADOS ALCANÇADOS

3.1 De onde partimos?

É interessante observar que um dos motivos para o desenvolvimento deste trabalho foi estimular o prazer dos alunos do 9º ano na leitura e na escrita de crônicas, buscando contribuir para a formação do leitor juvenil. Descobrimos que os alunos consideravam a leitura importante e a destacavam como possibilidade de um desenvolvimento melhor, podendo com ela adquirir conhecimento, comunicar-se melhor, descobrir novos lugares e culturas. No entanto, mesmo compreendendo a importância da leitura, eles não tinham uma experiência ativa de leitura literária, para a qual, aqui, usaremos a seguinte definição: “Assim, quando falarmos de leitura, aqui, estamos nos referindo à leitura do livro, do artigo profundo, do material substancial que exige tempo, disciplina pessoal e largueza mental para ser lido”. (FERRAREZI Jr., 2017, p. 17).

Ferrarezi Jr. trata a leitura como um ato civilizador. Quando acreditamos que a leitura deva assim ser compreendida pela escola contemporânea, a escola precisa estar aberta a novas práticas de produção de leitura e escrita, tais como leitura de propagandas, memes da internet, anúncios, bem como escrita de mensagens, bilhetes, comentários. Porém, essas atividades não podem substituir o ato de ler um livro ou de produzir um texto estruturado e abolir o contato que o aluno precisa ter com o texto literário. É importante a escola pensar nas atividades de leitura de maneira a garantir o desenvolvimento cognitivo, necessário para a formação intelectual e social do indivíduo.

Em nosso caso, o texto literário foi a crônica. Diferentemente das mensagens em redes sociais, a crônica não surge de improviso; trata-se da observação de um momento da vida e do dia a dia do cronista, da maneira como ele percebeu aquele momento e conseguiu transmitir suas sensações ao leitor por meio das palavras. A permissividade que, segundo Ferrarezi, adentrou nas escolas fez com que a leitura aprofundada perdesse o espaço antes garantido a ela.

A leitura da lista de compra, dos rótulos dos produtos, das placas de sinalização e dos *outdoors* não pode ser vista como a única possível aos alunos e não queremos, aqui, como Ferrarezi destaca, ter uma visão preconceituosa a respeito desses meios de leitura. Queremos, sim, considerar outro nível de leitura, que precisa ser mais explorado pela escola.

Segundo Ferrarezi, esse outro nível seria a leitura com efeito qualitativo. Diante disso, podemos afirmar que se trata da leitura literária, com efeito diferente sobre a cognição do

leitor: “Há diferenças evidentes de qualidade, de substância, de comportamento do leitor diante dessas leituras”. (FERRAREZI Jr., 2012, p. 21). Assim como afirma Colomer (2007, p. 104), “[...] lê-se mais que nunca, mas o que se lê e para que se lê está longe de corresponder à literatura e seus possíveis benefícios”, considerando a importância de um trabalho mais aprofundado e envolvendo outros métodos sobre a leitura.

Então, partimos da realidade de que os nossos alunos leem, mas não praticam essa leitura qualitativa, e de que o contato com a leitura acontece somente na escola. Por isso, precisamos ser realistas e compreender que algumas metodologias carecem de mudanças. A escola precisa se transformar para transformar o aluno em leitor.

Nesse momento, a escola brasileira, tangida por políticas governamentais silenciadoras e criadoras de massas ignóbeis facilmente manipuláveis, abriu mão da leitura consistente e civilizadora em favor de uma leitura fragmentada, meramente informativa e sempre aplicada como pretexto para alguma atividade escolástica inútil. (FERRAREZI Jr., 2017. p. 21).

Infelizmente, essa é a realidade de muitas escolas e por vezes nos acostumamos a trabalhar dessa forma. Para romper com essa prática, é preciso mais que vontade, é preciso ter conhecimento e não valorizar a leitura apenas no discurso, mas nas práticas de ensino.

Compreendemos que a leitura precisa romper o limiar do que é permitido à camada mais desfavorecida de nossa sociedade, ou seja, tão-somente ser alfabetizada. Ela é apenas apresentada ao universo da leitura; não lhe é permitida a intimidade com as letras.

E isso porque o acesso a esse mundo, para as camadas populares, não vai, em geral, além daquele primeiro e fundamental passo, que é a alfabetização; após esta, dificulta-se (impossibilita-se) o acesso à leitura: Onde as bibliotecas públicas? Onde as bibliotecas escolares? (...) Onde o livro a preço acessível? (SOARES, 1988. p. 24).

Ao refletirmos sobre nossa realidade, percebemos que isso é o que está imposto. Entretanto, nós, professores, podemos dar a nossa contribuição para que essa realidade comece a ser transformada. Devemos ter como principal objetivo desenvolver em cada aluno o prazer pela leitura e permitir que ele se aprofunde e se transforme através dessa vivência. Assim, estaremos contribuindo não apenas no aspecto individual, mas coletivo. Formaremos um cidadão que lê e é capaz de observar a vida de outros modos: “É necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundantes ou inerentes (também) ao ensino de literatura”. (DALVI, 2013, p. 68).

Romper com práticas desestimulantes da leitura pode ser o início de uma grande transformação.

Transmitimos aos alunos que, quando lemos, estabelecemos um diálogo com o texto e é importante, em seguida, expor o que colhemos nele, que são os resultados dessa conversa. Praticar essa atividade em sala de aula se justifica, segundo Jouve (2012), pois isso enriquecerá a existência do aluno, desenvolvendo nele o espírito crítico. Estimulando sua capacidade de análise e reflexão, reforçaremos sua liberdade de juízo e a própria ampliação da experiência humana. Por esse motivo, em nosso projeto, a expressão do aluno em relação aos textos sempre foi uma das atividades desenvolvidas no “Diário do(a) Aluno(a)”.

3.2 As oficinas de leitura e produção de texto

É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura enriquecedora, em que a literatura se mostre como uma realidade possível, ativadora da imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo.

(Aguiar, 2011, p. 10).

Uma de nossas certezas foi a de que havia a necessidade de mudar alguns aspectos das aulas de leitura que estavam sendo realizadas com os alunos. Se continuássemos com aulas “tradicionais”, contribuiríamos pouco para a formação leitora necessária e talvez os alunos nem ao menos se lembrassem das leituras que fizeram.

Como professores, precisávamos refletir sobre os processos de criação e de apreensão da leitura. Importava saber se os alunos estavam conseguindo estabelecer sentido sobre aquilo que liam e, principalmente, se a leitura estava se transformando em um momento de prazer e satisfação. Como mediadores da leitura, coube-nos levar o aluno leitor a perceber, compreender, dialogar e discutir com o texto, e principalmente posicioná-lo como sujeito ativo nessa relação. (BURLAMAQUE; MARTINS; ARAÚJO, 2011).

Iniciamos o trabalho com a turma de 9^o Ano com vinte e oito alunos em classe, a faixa etária era de 14 e 15 anos. Essa é uma fase de rebeldia, confrontos, questionamento de autoridade, mas que, ao serem conquistados, esses alunos podem desenvolver uma parceria significativa com o professor e sua proposta de ensino. Por isso ao apresentarmos o projeto, primeiramente perguntamos se todos gostariam de participar de atividades que envolvessem a leitura. Metade da turma aceitou imediatamente; a outra metade ainda ficou desconfiada.

Acreditamos que tal desconfiança se deveu à forma como a leitura vinha sendo trabalhada na escola. Os alunos ainda a veem como tema de aulas cansativas, monótonas e

desmotivadoras. Ouvimos relatos de alunos que dormem quando pegam um texto para ler. Constatamos, então, que a primeira barreira a ultrapassar era a imagem ruim das aulas de leitura.

Quando expusemos a proposta de trabalhar com “oficinas”, todos ficaram mais interessados e curiosos, querendo saber o que seria uma oficina de leitura. Explicamos que as oficinas eram um trabalho conjunto, no qual a professora, juntamente com os alunos, desenvolveria atividades de forma interativa, que noção de oficina inclui momentos de atividades práticas em que os participantes colaboram mutuamente, buscando atingir objetivos pré-definidos. No nosso caso, o objetivo seria desenvolver e aprimorar a leitura e a produção de textos. Assim, buscaríamos “construir um contexto de aprendizagem mediante a interação, cabendo ao adulto definir tarefas exequíveis, plausíveis, e significativas, segundo objetivos pré-definidos em comum acordo”. (KLEIMAN, 2016, p. 13).

Pensamos em trabalhar com oficinas, tanto de leitura quanto de produção escrita, porque elas estabelecem uma dinâmica mais flexível e interativa nas aulas. Com esse formato, os alunos podem escolher os temas, mesmo que previamente selecionados pelo profissional, e os textos trabalhados durante as aulas de leitura.

Fazemos aqui uma observação sobre o porquê de selecionamos os textos previamente, pois cabe ao professor comprometido com o ensino não deixar a escolha totalmente por conta dos alunos. Não queremos dizer, com esse procedimento, que eles não podem escolher seus objetos de leitura, mas dar a eles a oportunidade de leituras que não correspondessem ao que estão acostumados. Pensamos, assim, que uma pré-seleção de textos contribuiu para a ampliação do repertório de leitura e do gosto literário.

Selecionamos crônicas de autores brasileiros que, além de atenderem ao que especificam os Parâmetros Curriculares Nacionais, agregam outras características, como as destacadas no texto “A vida ao rés do chão”. (CÂNDIDO, 1999). Aquele que, tendo simplicidade, circunstancialidade, e sendo acessível facilitará o contato dos alunos com o literário. Características que tornam a leitura convidativa aos leitores inexperientes, despertando neles grande interesse pelos trabalhos a serem desenvolvidos.

Consideramos que a crônica tem atributos que possivelmente agradam aos alunos. Também buscamos, com algumas delas, despertar neles o sentimento de identificação, trabalhando com temáticas que são recortes do cotidiano da juventude.

Outro aspecto importante é que a crônica se classifica como um texto narrativo que usa a estrutura da narração para contar um acontecimento do dia. Esse tipo de texto faz parte da memória de leitura dos alunos, pois, desde o início da vida escolar, eles foram

apresentados a contos e fábulas moldados por essa mesma estrutura. Buscamos, com isso, uma melhor aceitação e uma leitura fluente por parte deles.

Entre os textos selecionados, alguns tinham uma temática mais densa, com críticas que permitiram várias reflexões sobre os conflitos que fazem parte da vida em sociedade. Os alunos não apenas repetiram as opiniões expostas, mas foram autores de sua própria apreciação. Buscamos sempre um trabalho dinâmico, a fim de despertar nos alunos o prazer de ler e a curiosidade pela leitura, também que percebessem as grandes contribuições que ela traz à vida do ser humano, especialmente a capacidade de enxergar e compreender o mundo que nos cerca.

Durante as oficinas, os alunos tiveram oportunidade de ler em voz alta e expor suas apreciações sobre o que leram. Além disso, tentamos criar condições para que experienciassem o texto literário através da música, de filmes e de rodas de conversa.

Para desenvolver as oficinas, primeiramente selecionamos as crônicas, com temáticas atuais e interessantes, de autores contemporâneos. Buscamos conhecer melhor os textos antes de entregá-los aos alunos. Essa leitura prévia também nos permitiu planejar as atividades.

No total, selecionamos quinze textos. Como o tempo e as aulas foram divididos com outros professores, decidimos trabalhar com oito textos nas oficinas, mas os alunos tiveram oportunidade de ler os demais, pois, ficaram à disposição deles e os motivamos a levá-los para ler em casa. Também durante as aulas, tiveram oportunidade de compartilhar o que gostaram e o que não gostaram nas crônicas. Assim, podemos afirmar que os alunos leram um número expressivo de textos.

Cada texto escolhido foi transformado em uma ficha de leitura. Essas fichas foram adornadas com E.V.A colorido, no intuito de atrair a atenção dos alunos, já que, se as fichas fossem apenas de papel poderiam ficar amassadas, sujas e, ao longo do percurso, tornarem-se pouco atrativas. Todos os textos foram impressos em duas cópias, assim, dois alunos podiam ler um mesmo texto e, depois, discutir a leitura. Essa também se tornou uma atividade importante no tocante à quantidade de textos literários lidos e à contribuição na hora da escrita.

Ainda utilizamos o “Diário do(a) Aluno(a)”, já mencionado. Nesse caderno, os alunos podiam registrar, além de suas impressões sobre cada aula, a produção textual. Essa atividade foi fundamental para que registrassem seu avanço e seu envolvimento na leitura. Acreditamos, com Weffort (1996, p. 6), que “o registrar de sua reflexão cotidiana significa abrir-se para o processo de aprendizagem”. Por meio das experiências nas oficinas, os alunos

foram se tornando capazes de acompanhar o próprio desenvolvimento como leitores e, com essa competência leitora, evoluíram durante o processo.

Também tínhamos o “Diário da Profê”. Nele, fizemos os registros tão necessários para esta etapa do trabalho e podemos dizer que ele permitiu que os alunos percebessem que os momentos de registro são importantes para nossa própria avaliação. Com essa simples ação, observamos que criamos uma ambiência de cumplicidade em sala de aula, pois os alunos se identificaram com a mediadora nessa atividade.

Nas oficinas, adotamos como sequência didática a proposta de Rildo Cosson (2012), que inclui a **antecipação**, a **decifração** e a **interpretação**, e acrescentamos a **produção dos leitores**, que trata dos textos que fazem parte no produto final do projeto.

É importante informar que as etapas seguidas eram de conhecimento apenas da mediadora da leitura. Por se tratar de uma questão mais teórica, preferimos não compartilhar esses conceitos com os alunos, pensando em não confundi-los quanto ao objetivo do projeto. No entanto, queríamos que conseguissem compreender que, para desenvolver a atividade leitora, não bastava apenas ler o texto de maneira decodificada, mas dialogar com ele por meio das experiências de vida e de leitura e, principalmente, conseguir enxergar o texto para além daquilo que foi lido.

A sequência didática adotada pode conduzir o leitor a compreender melhor o que está lendo e, assim, fazer com que a leitura seja relevante no processo de compreensão do indivíduo e do mundo. Segundo Cosson, cada etapa equivale aos seguintes processos: “antecipação – consiste nas várias operações que o leitor realiza antes de penetrar no texto propriamente dito”. (COSSON, 2012, p. 22). Investimos pouco tempo e desenvolvemos poucas atividades nessa etapa. Se recapitularmos, perceberemos que o aluno, muitas vezes, foi apresentado ao texto de imediato, sem uma discussão prévia sobre o assunto a ser abordado.

A segunda etapa é a “decifração – entramos no texto por meio das letras e das palavras. Quanto maior é a nossa familiaridade e o domínio delas, mais fácil é a decifração”. (COSSON, 2012, p. 22). Esse é um dos momentos mais privilegiados da leitura em sala de aula, pois, frequentemente os alunos só praticam essa etapa e, hoje, sabemos que ela faz parte de uma sequência que, quando executada, trará êxito à leitura.

Outro aspecto da decifração se refere ao grau de familiaridade que cada leitor tem com as palavras. Na turma de 9º Ano, tínhamos alunos que rapidamente executavam essa etapa, pois já estavam habituados a ler. Outros, porém, apresentavam dificuldades na decifração, principalmente de palavras que não eram comuns em seu vocabulário, e demoravam nesse ponto do processo. Com o decorrer das aulas, notamos que tais alunos foram adquirindo mais

segurança tanto na leitura como na exposição oral de suas dificuldades, que eram sempre sanadas, não somente pela professora, mas também pelos colegas.

Por fim, mas não menos importante, ocorre a interpretação: “Aqui queremos restringir seu sentido às relações estabelecidas pelo leitor quando processa o texto”. (COSSON, 2012, p. 40-41). Nesse processo, o leitor precisa dialogar com o texto, compreender que seu papel é importante para que o texto alcance seu objetivo, pois o leitor é o alvo. A compreensão que terá da leitura dependerá do diálogo estabelecido com o que está lendo. Cosson (2012, p.) diz ainda que “[...] interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto”. (COSSON, 2012, p. 41). Assim, existe um limite para a interpretação que está no texto, que vem com o texto, e que está no leitor e em sua comunidade.

Essas três etapas do processo de leitura podem contribuir para o letramento literário dos alunos. Elas ainda são divididas em quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação.

Sabíamos que seria desafiador conseguir desenvolver todas as etapas com os alunos, pois muitos estão habituados a apenas ler e responder questões relacionadas ao texto. Com pouca reflexão, acabam não se apropriando da leitura. Essa situação pode ser caracterizada como falta de intimidade com exercícios que estimulem a leitura e também como falta de capacidade para transformar aquilo que foi lido em algo que faça sentido em suas vidas.

Com as oficinas, queríamos propiciar aos alunos a aquisição de um nível de leitura que, ainda é pouco partilhado em nossa escola, o do letramento literário. Para compreender melhor esse conceito Cosson (2012) dos grandes defensores da literatura na educação básica considera que a leitura literária não deve continuar sendo trabalhada da forma como acontece atualmente.

Para Cosson, o letramento literário está em fazer com que a literatura seja uma prática significativa na escola, pela qual os alunos se apropriem da escrita e das práticas sociais relacionados a ela. Acredita que, quando os professores forem bem instruídos e desenvolverem suas habilidades de planejamento de leitura, darão aos alunos possibilidade de ter gosto pelo texto literário. Para Cosson, a escrita não é concebida apenas como um código, mas também como prática social que permite a relação entre leitor e texto.

O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2012, p. 13).

Indagamos sobre por que os alunos não conseguem se apropriar da leitura feita em sala de aula. Um dos pontos que Cosson levanta para responder a essa questão é que o texto literário precisa ser trabalhado, discutido, analisado. Não se trata apenas em ler o texto. Segundo o teórico, “apenas ler é a face mais visível da resistência ao processo de letramento literário da escola”. (COSSON, 2012, p. 26).

É interessante o autor destacar essa prática, pois é dessa maneira que muitos de nós ainda fazemos em nossas aulas. Não que a leitura para simples entretenimento não seja indicada, mas o que queremos dizer é que essa leitura não deve ser a única praticada na escola. Não podemos perder a oportunidade de envolver os alunos em aulas atrativas e dinâmicas, mas que, principalmente, deem suporte a eles para pensar em outras faces da vida. Muitas vezes, a leitura de um livro é realizada ao final das aulas, para ocupar os últimos minutos antes de o sino bater; como punição, quando os alunos cometem uma indisciplina e precisam ser levados até a biblioteca; ou, até mesmo, como mera sugestão aos pais, para ocupar o tempo fora da escola. Mas, assim, onde ficam a análise, a discussão, a interpretação do leitor?

Ao pensar o desenvolvimento do letramento literário, o professor precisa compreender que se trata de uma atividade se dá por meio de uma “inserção em uma concepção maior de uso da escrita, uma concepção que fosse além das práticas escolares usuais”. (COSSON, 2012, p. 11).

Muitas vezes, acreditamos que manter livros no armário e entregá-los aos alunos seja o suficiente para formar um leitor. Não, hoje sabemos que precisamos avançar mais na atividade de leitura, investir tempo e planejamento nesse momento para, assim, colaborar para a formação autônoma e significativa do leitor.

Ao buscarmos trabalhar a leitura literária, não queríamos que o texto fosse apenas lido. Nosso desejo era levar o aluno a ter um diálogo com o texto, a se comover, a se revoltar, a se ver no texto, fazer da literatura um lócus de conhecimento, um terreno a ser explorado.

Outra prática proporcionada pela oficina e que diz respeito ao letramento literário é a participação de todos no momento da leitura. Sempre, após a leitura silenciosa, os alunos compartilhavam a leitura coletiva. Dessa maneira, destacamos que a leitura não pode ser vista como um ato solitário; ela é fundamentalmente solidária. Vejamos o que diz Cosson (2012, p. 27): “Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamento de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço”.

Assim, quando o aluno lê sobre algo distante de sua realidade, pode se sentir deslocado em relação à compreensão do acontecimento narrado, mas, quando um colega faz uma observação sobre determinada situação que vivenciou, então é capaz de se aproximar da experiência do texto.

Um exemplo é o de uma situação que ocorreu durante nossas aulas. Uma das crônicas discutia o direito que uma pessoa tem de controlar a própria vida. O título da obra era “Eutanásia”, um assunto que nunca havia sido abordado com os alunos, segundo eles mesmos. Muitos se sentiram incomodados com o assunto, fizeram julgamentos sobre quem poderia querer algo desse tipo, pois compreenderam, de acordo com suas leituras, que a eutanásia é semelhante ao suicídio, um pecado, uma fraqueza. Ouvimos muitas opiniões sobre o assunto. Num dado momento, um dos alunos relatou: “Meu avô cometeu suicídio há dois anos”. Ele expressou tristeza ao expor esse acontecimento para os colegas. Todos, naquele momento, foram tomados por um sentimento de compaixão, de querer saber como foi, buscando entender a situação.

Não querendo constranger o aluno, não prolongamos essa discussão, mas o interessante foi perceber que esse aluno, ao partilhar com os colegas uma tragédia pessoal e dolorosa, provocou grande comoção com seu depoimento, desencadeou uma reação de solidariedade não só no tocante à leitura, como também na troca de sentimentos e experiências entre os colegas.

Voltemos ao cumprimento das etapas das oficinas e à dificuldade que tivemos para fazer com que os alunos avançassem. Cosson (2012) afirma que, por falta de hábito, os alunos muitas vezes não conseguem cumprir as etapas propostas, por isso, elas precisam ser bem compreendidas e planejadas pelo professor que mediará a leitura e criará as atividades que motivarão os alunos a prosseguir.

As etapas desenvolvidas por Cosson se baseiam na compreensão da leitura de acordo com a teoria conciliatória, ou seja, não encaram o texto como único possuidor de sentido nem a decodificação das palavras como única forma de fazer com que o leitor entenda o que está lendo. Se for assim, a leitura permanece apenas na superficialidade do texto. Por outro lado, também não considera que a leitura dependa apenas do leitor, sendo ele o único capaz de atribuir sentido ao texto por meio do domínio das convenções da escrita. A teoria conciliatória entende que tanto o leitor quanto o texto são importantes para a construção de sentido. Diante disso, conclui-se que a leitura é resultado de uma interação (COSSON, 2012). Assim, acreditamos que a interação proporcionada pelas oficinas contribuiu para essas percepções, pois a interação entre os pares foi o ponto alto nas práticas de leitura.

Outra afirmação importante de Cosson é que “aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas” (COSSON, 2012. p. 40). Foi o que vimos na situação do aluno que relatou algo que acontecera em sua família, impactando os colegas.

Não só na leitura somos capazes de ver pelo olhar do outro, também no compartilhar de experiências e nas rodas de conversa desenvolvemos esse altruísmo. Porém, lembramos que foi depois da leitura que surgiu a possibilidade de discutir um tema tão cheio de sentidos como a morte.

As oficinas foram desenvolvidas em quarenta aulas de aproximadamente duas horas cada. Os trabalhos com o texto, a princípio, teriam a duração de oito aulas. No entanto, ao longo do processo, pensamos em diminuir as atividades para, assim, poder abordar mais temáticas. O trabalho com os alunos buscou sempre o estímulo da leitura e da participação nos debates e na produção oral e escrita.

Mantivemos dois encontros por semana. Para isso, contamos com a parceria da professora regente da turma de Língua Portuguesa, que nos cedeu duas aulas, e do professor de Matemática, que gentilmente permitiu que usássemos outras duas aulas. A quantidade de encontros nos permitiu desenvolver um trabalho mais intenso e, sempre que alguma discussão ou algum trabalho não era concluído, era possível retomar em outra aula. Como as aulas eram próximas, não houve grande dispersão por parte dos alunos, pois conseguíamos retomar de onde havíamos parado.

A dinâmica das aulas foi planejada da seguinte maneira: a etapa de antecipação/motivação foi feita por meio de uma conversa, uma dinâmica, um filme, ou seja, algo motivador, para que os alunos comesçassem a se envolver com a leitura. Também nesse momento a professora fazia uma introdução ao tema, com as informações básicas a serem discutidas.

Em seguida, passávamos à leitura do texto, seguindo a sequência proposta por Cosson. Na decifração, primeiramente fazíamos a leitura individual e silenciosa, com algumas interferências da professora para atrair a atenção dos alunos para alguns aspectos do texto levantados anteriormente. Nessa leitura, os alunos podiam marcar no texto algo que mais lhes chamara a atenção, a fim de compartilhar com os colegas. Essas anotações eram feitas no Diário do(a) Aluno(a).

Em seguida, a professora dava oportunidade para algum aluno ler o texto. Nesse momento, outras interferências eram feitas, tanto pela professora quanto pelos colegas. Em algumas aulas, a professora fez a leitura em voz alta. Isso aconteceu nos momentos em que a

linguagem do texto era mais complexa ou quando exigia uma entonação diferenciada. Fazemos aqui a observação de que a leitura do leitor experiente colaborou para a recepção do texto por parte dos alunos.

Logo após a leitura do texto, refletíamos e debatíamos sobre o assunto abordado. Nesse momento, o objetivo era fazer com que os alunos falassem de suas impressões sobre o que haviam lido, emitindo opiniões. Esse era, ainda, o momento em que a professora fazia questionamentos para despertar nos alunos o olhar sobre aquilo que não estava escrito, mas que poderia ser percebido pelo assunto tratado no texto. Como exemplo, na crônica “Pai não entende nada”, chamamos a atenção para as características daquele pai. Por se tratar de um diálogo, não havia no texto a descrição dos personagens, mas os alunos conseguiram observar que se tratava de um “pai legal”, “simpático”, que “ouvia a filha adolescente”. Sobre a filha, disseram que era uma menina “esperta e corajosa”, mas que tinha “segundas intenções”, pois queria algo mais ousado. À medida que praticávamos essas inferências, percebíamos o fortalecimento das habilidades de expressão dos alunos. Ao falar daquilo que eram capazes de ver além do texto, ampliavam sua compreensão da leitura.

Logo após a leitura, que é a etapa de decifração, passávamos para a interpretação. Nessa etapa, algumas atividades eram desenvolvidas, a fim de intensificar a apropriação dos alunos daquilo que havia sido discutido no texto. Eram atividades como elaboração de mural, de cartazes, montagem de esquetes, coreografias, jogos e resenhas. Essas atividades foram muito produtivas e contaram com grande participação dos alunos. Nelas, exercíamos a sequência didática básica que descreve Cosson, o que fortaleceu a formação da competência leitora do aluno e de seu letramento literário.

Para finalizar a oficina, foi solicitada aos alunos uma produção individual. Nesse momento, a professora os orientava a produzirem um texto ora sobre como havia sido a experiência de leitura, ora sobre o tema trabalhado em sala, ora sobre algumas observações do próprio cotidiano. Assim, os alunos exercitavam o que haviam apreendido do texto durante a leitura e produziam algo, estabelecendo relação entre o que foi discutido em sala de aula e suas experiências. A maioria das produções foi de intertextos do que os alunos haviam lido.

As oficinas de produção colaboraram significativamente para o aperfeiçoamento da escrita, haja vista que, muitas vezes, os alunos não sabiam sobre o que escrever nem por onde começar. Durante as oficinas, eles participaram positivamente das etapas estabelecidas. No início, apresentaram dificuldade para expor opiniões, pois não estavam habituados a escrever sobre o que liam. Diziam não considerar que sua opinião ou a forma como viam o mundo fossem importantes.

Com as oficinas de escrita, além de mantermos uma atividade de registro do que os alunos produziam, buscamos romper com a ideia de que a escrita exerce apenas uma função na escola.

Na escola brasileira, quase sempre, o ensino da língua escrita aparece vinculado de modo estrito à vida estudantil: ler para aprender e escrever para comprovar o aprendizado. Embora esse seja um alvo legítimo (e até desejável), a ênfase atribuída aos fins tipicamente escolares mascara o alcance da conquista da escrita, tornando-a artificial e, muitas vezes, desprovida de significado ou motivação. (COLELLO, 2012, p. 26).

Assim, pensamos no trabalho de escrita como meio do aluno se inserir socialmente no mundo e se constituir como autor das próprias histórias, adquirindo a segurança de que pode escrever textos para si mesmo ou para seus leitores e que suas histórias valem a pena serem lidas e lembradas. Buscamos, sem julgamentos, desenvolver a habilidade imaginativa dos alunos, sempre usando estímulos para que adquirissem mais desenvoltura e participassem mais ativamente da etapa de produção da escrita. Houve participações dos alunos e cremos ter alcançado nosso objetivo, pois as produções ocorreram em número e qualidade satisfatórios.

3.3 A crônica e o aproveitamento didático

Pensando em desenvolver a prática da leitura literária, elaboramos diversas atividades que permitiam ao aluno perceber o texto em diferentes situações. Como a leitura foi privilegiada neste projeto, obviamente, dedicamos mais tempo das aulas a ela, mas, como a sequência didática envolvia outras etapas além da decifração, a elaboração de atividades que contemplassem a motivação e a interpretação do texto foram essenciais e, com elas, conseguimos envolver, se não todos, a grande maioria dos alunos da turma.

Sobre a escolha do gênero crônica, é certo dizer que foi pensada com o intuito de facilitar a leitura, pois esse gênero tem a capacidade de envolver o leitor, estabelecendo com ele um diálogo no qual é possível ter a sensação de uma conversa.

Também por ser um texto híbrido, que conjuga as dimensões jornalística e literária, a crônica tende a facilitar a identificação do aluno e a aproximá-lo desse gênero. Em muitos livros didáticos, os textos são, em sua maioria, jornalísticos, como reportagem, artigos e pesquisas, mas também aparece o literário, como alguns poemas e fragmentos de romances, ou seja, essas leituras são bem familiares a essa clientela.

Com relação ao hibridismo presente na crônica, um dos textos em que podemos perceber tal característica foi “A última crônica”, de Fernando Sabino. Nele, o escritor utiliza-se tanto da escrita objetiva e jornalística, quando descreve o cenário, as personagens, o enredo, quanto da escrita subjetiva e literária, quando expressa a ansiedade que sentiu na busca de um tema sobre o qual para escrever e o percebeu nas coisas circunstanciais da vida. Na análise, chamamos a atenção dos alunos para que observassem que, mesmo a crônica sendo uma narrativa despretensiosa, ela sempre busca comunicar algo, compartilhar experiências, histórias, narrações com aquele que lê.

No entanto, foram as atividades para além da leitura que proporcionaram aos alunos a experiência do texto em outras formas de expressão, através da música, da construção de um mural com imagens e frases, através da dança e, por fim, da dramatização, momento em que puderam interpretar o personagem que vive os conflitos abordados na crônica. A produção de texto também foi nomeada como uma possibilidade, se não de leitura, de releitura do texto pelos alunos.

Como já dissemos, a crônica é um texto híbrido e de fácil leitura, usa a linguagem jornalística e a poética, cuja possibilidade de análise pode variar no tratamento do texto em sala de aula. Na análise com os alunos sobre os aspectos desse gênero, destacou-se a característica de ser um texto leve, despretensioso e que tem dupla vertente, informativa e poética. Privilegiamos sempre a dimensão literária, que era a que mais importava nesse projeto.

Ao pensarmos no trabalho com esse gênero, também consideramos a abordagem das figuras de linguagem, em razão da presença, no texto, do humor e da ironia, da hipérbole, da sinestesia, do paradoxo e da metáfora. Esses aspectos contribuem para a ampliação do sentido para os alunos, pois permitem que o olhar escape da escrita objetiva e comece a perceber as dimensões imaginárias do texto.

Outro fator que contribuiu para o aproveitamento didático da crônica em sala de aula, principalmente no que diz respeito à subjetividade, foi a escrita na primeira pessoa do singular ou plural, o que sugere familiaridade entre leitor e texto. Essa dinâmica facilita para os alunos a apropriação daquilo que leram. As variações diastráticas (gírias, jargões) e diafásicas (linguagem formal e informal) também concorreram para a ampliação do vocabulário dos alunos. Quando lemos o texto “Ser brotinho”, de Paulo Mendes Campos, foi perceptível a curiosidade dos alunos sobre o que se falava na década de 1980 e como a personagem era tão parecida com as adolescentes de hoje.

A crônica se tece entre lembranças, acontecimentos, reflexões críticas acompanhadas sempre de um bom “papear”. Para Gomes (2003, p. 126), “[...] o cronista conta com a figura de um amigo que o ‘ouça’ do outro lado da página, que lhe empreste o ouvido pra os temas ‘sérios’ e também para as trivialidades”.

As contribuições que a leitura das crônicas trouxe para os alunos são inegáveis, especialmente no tocante à construção de sentidos do mundo, auxiliando-os no desenvolvimento de sua capacidade de reflexão, crítica e observação do mundo que os cerca. Isso se verificou com mais força quando as temáticas escolhidas foram ao encontro das expectativas de enriquecimento cultural e intelectual que eles buscam na escola.

Em nossa metodologia de trabalho com o texto literário, buscamos desenvolver etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura com os alunos. Esse exercício está inserido na sequência didática proposta por Cosson (2012) e que almeja o letramento literário.

3.4 As possibilidades de atividades com o texto literário

As atividades planejadas e executadas com os alunos durante o desenvolvimento do projeto de intervenção e as análises das produções dos alunos durante as aulas.

3.4.1 O despertar para o texto literário

A expectativa da turma para o início do projeto era grande. Ao serem escolhidos para participar, eles foram informados de que teriam a oportunidade significativa de aprender com a leitura e que, a partir daquele momento, passariam pelo desenvolvimento das competências e habilidades particulares de um bom leitor.

Fizemos uma aula inaugural, com a participação da equipe gestora da escola, que, desde o início se colocou como parceira deste projeto, incentivando-nos e suprimindo nossas necessidades materiais. Nesse momento, apresentamos a proposta aos alunos, ressaltamos que as aulas seguintes seriam uma viagem ao mundo da leitura e da escrita de crônicas e que eles seriam partícipes de um projeto que privilegiaria momentos de prazer e aprendizado com os textos literários, que seriam ouvidos em seus anseios e expectativas durante as atividades.

Fizemos a entrega dos “Diário do Aluno” e “Diário da Aluna” e explicamos que aquele caderno seria um companheiro durante as aulas e em casa, no qual escreveriam as observações das aulas, os relatos do dia e os textos, quando solicitados.

Nessa oportunidade, a professora narramos a história “O conto do imperador chinês”, que fala sobre a preocupação de um imperador em deixar todo seu reinado para um dos filhos e que, após fazer a escolha de quem o sucederia, teve grande dificuldade em achar um sábio que pudesse ensinar os três jovens, que eram: o sucessor do imperador, seu primogênito, o irmão do sucessor, seu caçula e que, por isso, não tinha direito ao trono, e por fim o humilde servo que os acompanharia durante a jornada. Depois de muito relutar, o sábio justifica que a tarefa dada a ele era impossível de ser cumprida, pois cada personagem representada por esses três jovens apresentava sentimentos que impediam que alcançasse a sabedoria: a soberba, a indiferença e a falta de conhecimento prévio.

Com esse desfecho, perguntamos aos alunos se haviam compreendido do que a história tratava. Eles responderam que haviam gostado da história e que a lição aprendida era que nenhum dos sentimentos citados no final podia fazer parte da vida daquele que quer aprender algo. A interpretação coletiva do conto foi produtiva, pois, enquanto um falava o que havia entendido, o outro se antecipava, complementando com outra observação. Foi interessante observar que os alunos conseguiram ir além do texto e fazer a relação do tema com a própria vida de aprendizes.

Na ocasião, a diretora Claudia Coimbra manifestou alegria em poder acompanhar a aplicação deste projeto com os alunos e admiração pela escolha da professora de trabalhar com a leitura literária, pois disse que entende que a leitura é uma das principais formas de buscar conhecimento e se conectar com outras realidades. A diretora pediu o empenho dos alunos nas atividades e disse que acompanharia a evolução de todos. Essas palavras serviram de incentivo à turma para que se envolvesse ainda mais no projeto.

Logo após essa abertura, a equipe gestora se retirou e demos início à intervenção, entregando o questionário para ser preenchido. Esse questionário foi apresentado e analisado no primeiro capítulo desta dissertação e serviu para descrever o perfil dos alunos.

Em seguida, os alunos foram convidados a assistir a um pequeno documentário intitulado de “Crianças e livros”, que trata do incentivo à leitura e da importância dela na vida das crianças e dos adolescentes, da maneira como pais e professores podem contribuir para as práticas de leitura de filhos e alunos, e ainda contém depoimentos curtos de crianças e adultos sobre a experiência com a leitura e o gosto de ler que desenvolveram após o contato com os livros.

Depois de assistir ao documentário, os alunos participaram de uma conversa e disseram não imaginar que a leitura fosse tão importante, tampouco que poderia ser uma atividade interessante. Acrescentaram que, sempre que leem, sentem-se cansados e não

conseguem se envolver nas histórias como conseguiram as pessoas que deram os depoimentos para o documentário.

Neste ponto, fazemos uma reflexão sobre a opinião dos alunos a respeito da leitura. Em alguns momentos, eles dizem ser essa uma atividade importante e que, através dela, adquirem-se conhecimentos e fazem-se várias descobertas. Por outro lado, afirmam achar a leitura cansativa e não conseguir se sentir atraídos pelas histórias e pelos livros. Acreditamos que isso acontece por não terem um discurso formado sobre a leitura baseada em práticas exitosas. Eles demonstraram poucas experiências com os livros e, por isso, possivelmente não conseguiram estabelecer uma relação de afinidade com os textos. Também devido a leitura não ter sido trabalhada com ênfase na apropriação. Pois, os alunos leem por ler, não têm na vida dentro e fora da escola nada que sustente essa prática.

Acreditamos que a oportunidade que tivemos em desenvolver com esses alunos uma história de leitura diferente, por meio do trabalho com oficinas, foi extremamente importante, pois abrimos a percepção deles para o modo como veem a leitura e o texto literário, buscando inscrevê-los no mundo da leitura.

3.4.2 A experiência da escrita diária: escreve bem quem lê bem?

A prática da escrita foi uma experiência interessante durante as aulas. Logo após a leitura compartilhada, os alunos participavam de atividades de interpretação e, em seguida, eram convidados a produzir textos, que podiam ser semelhantes ao que haviam lido ou incorporar fatos que tivessem vivenciado.

O trabalho com a escrita no diário foi significativo, tendo em vista “que o diário de leitura é um texto produzido por um leitor, à medida que lê, com objetivo maior de dialogar, de ‘conversar’ com o autor do texto, de forma reflexiva”. (MACHADO, 2005, p. 64). Essa autora ressalta a importância de compartilhar com os alunos o objetivo dessa ferramenta durante as aulas de leitura. Também considera interessante tornar o aluno íntimo de sua escrita, expondo que, ao fazer seus registros, ele não deve se preocupar com “certo ou errado”. O registro deve ser da experiência que o texto está proporcionando a cada um.

Nos diários de leitura, a escrita é mais subjetiva do que em outros gêneros relacionados à leitura, como os resumos e respostas a questionários, produzindo-se um texto em que o aluno-diarista está diretamente implicado, isto é, em que as marcas de subjetividade são muito acentuadas. (MACHADO, 2005 p. 71).

Essa atividade acontecia na sala de aula e muitos alunos se inspiravam na história dos colegas para escrever ou buscavam auxílio dos outros para ter mais ideias sobre o que poderiam escrever. Solicitavam também a nossa ajuda para orientá-los durante a escrita dos seus textos, o que destaca a necessidade comum entre eles de ler e compreender o texto.

Hoje não acredito mais na autonomia do texto, nem na solidão, nem no caráter individual da escrita e da leitura. Aprendi que no texto inscrevem-se elementos que vêm de fora dele e que os sujeitos que se encontram no texto – autor e leitor – não são pura individualidade. São atravessados por todos os lados pela história: pela história coletiva que cada um vive no momento respectivo da leitura e da escrita, e pela história individual de cada um; é na interseção destas histórias, aliás, que se plasma a função autor e leitor. (COLOMER, 2007, p. 104).

Comprendemos que o texto é sempre um produto social, pois é escrito por um sujeito que está na sociedade, que escreve fatos e histórias que acontecem em sociedade para um leitor que também é um ser social. Tal entendimento permite observar que o texto só significa quando exerce sua função, que é a de ser lido e interpretado. Isso estimula os alunos a ler, pois entendem que o texto depende deles enquanto leitores para se tornar um texto, e também os encoraja a escrever, porque entendem que existe um leitor a espera de suas histórias.

Isso implica, ainda, na responsabilidade que os alunos tiveram nas produções escritas. A cada nova leitura, observamos que a grande maioria estava mais envolvida em suas produções, pois sabia que seriam lidas por alguém e que essa pessoa, assim como eles, tinha expectativas em torno do texto.

Praticamos as atividades de produzir textos escritos com os alunos em virtude da necessidade de estimular a escrita, já que a escola deve buscar fortalecer a conexão entre leitura e escrita e ampliar as rotinas de construção compartilhada dessas duas atividades como meio de estímulo à própria leitura.

Conforme os alunos liam, eram motivados a pensar suas narrativas. A cada nova leitura, existiria a possibilidade de escrever as próprias crônicas. Essa atividade, no início, tinha pouca aceitação, possivelmente, porque as produções anteriores foram feitas em resposta a cobranças pontuais. No entanto, no decorrer das oficinas, os alunos passaram a encarar essa

rotina de modo mais leve, envolveram-se mais e isso foi relevante na constatação de como podemos ter colaborado para formação de autores.

Uma de nossas expectativas sempre foi a de “criar uma aula onde se leia e se escreva” (COLOMER, 2007, p. 117), pois percebemos que essa prática é extremamente necessária para o desenvolvimento de um aluno leitor eficiente. O trabalho com a escrita nas aulas foi uma experiência excelente. Os alunos não desenvolvem ao longo dos anos escolares uma prática insistente de escrita como as que foram desenvolvidas nas oficinas. A escrita ainda é pouco praticada nas aulas de Língua Portuguesa. E essa não é uma realidade apenas dos alunos que participaram deste trabalho.

Um estudo realizado por Daniel Cassany entre mais de 900 alunos do secundário, em 67 escolas, encontrou um triste resultado: em seis horas semanais de língua, durante um trimestre, 22 grupos não tinham escrito nada e 18 apenas tinham escrito entre um e três textos. Além disso, o tamanho dos textos, 69% dos alunos chegavam a apenas uma página e somente 14,8% dos textos foram escritos na sala de aula. (COLOMER, 2007, p. 118).

Considerando que a escola é o espaço que o aluno tem para desenvolver sua capacidade de escrita, vemos que a pesquisa citada aponta uma situação que precisa ser combatida. Não podemos negar que o trabalho com a escrita requer muito de nós, professores. A preparação dos temas, o suporte que devemos dar aos alunos, o auxílio no momento da produção e, principalmente, a correção dos textos são tarefas que exigem muitos esforços realmente, mas as dificuldades não podem servir como justificativa para excluir a produção escrita das atividades escolares.

Mas, se a escola foi criada para ensinar a linguagem escrita, pensar que esse objetivo pode ser alcançado sem nela ler e escrever é tão absurdo como pensar que se pode ensinar a nadar sem uma piscina onde os alunos possam mergulhar. (COLOMER, 2007, p. 118).

Então, por meio de oficinas de escrita, pensamos em oferecer aos alunos o exercício criativo da produção de textos, no qual pudessem se sentir autores de suas histórias, mesmo sabendo do árduo trabalho que teríamos e do tempo precioso que precisaria ser investido. Segundo Colomer (2007, p. 118), “sem dúvida, as dificuldades aludidas são literalmente corretas, mas não devem conduzir à inação, mas a imaginar atividades e prioridades diferentes que permitem o trabalho da leitura e da escrita”.

Os textos dos alunos foram produzidos em sala de aula, pois, no planejamento, alocamos tempo para garantir a produção. Também mantivemos sempre uma sugestão de

roteiro para a escrita, assim, os alunos menos experientes recorriam a ele para saber por onde começar e como estruturar o texto.

Para que os alunos compreendessem a necessidade de suas produções escritas, foi preciso esclarecer por que escrevemos. No caso deste projeto, além da escrita ser resultado da leitura, havia também a intenção de produzir uma coletânea de histórias para circular na escola e na comunidade. Colomer (2007, p. 119) diz que “os projetos de língua definem-se como uma proposta de produção (oral ou escrita) com uma intenção comunicativa concreta”. Os alunos se sentiram mais comprometidos ao saber que seus textos teriam “vida”, já que não seriam apenas avaliados pela professora, mas estariam em circulação em outros espaços. Como destaca também Ferrarezi Jr. (2017, p. 28), “os textos de qualquer tipo têm vida como construto social e, por isso, podem ser considerados por seu agregado ideológico”.

Assim, buscamos ligar “a consciência do aluno do produto final que se espera obter, com a prioridade concreta de aprendizagem”. (COLOMER, 2007, p. 119). Quando conseguimos compreender a importância dada a nosso trabalho, somos estimulados a produzir mais e melhor. Isso foi perceptível nas construções individuais dos alunos. Durante as aulas, a maioria conseguiu produzir cinco textos em média, fora os relatos sobre as aulas e sobre as observações do dia a dia, ou seja, durante o período de aplicação do projeto, os alunos foram estimulados a escrever, sempre. Mesmo no encerramento da intervenção, eles foram orientados a prosseguir com essa prática.

3.4.3 “Crônica para dona Nicota”: leitura, análise e produção

Iniciamos a primeira oficina de leitura com uma roda de conversa, os alunos dispuseram as cadeiras em círculo, o que possibilitou uma visão melhor de todos. Por meio de um bate-papo mediado pela professora, pedimos que pensassem sobre a importância da escola na vida de cada um. Nesse momento, demos a eles alguns minutos para pensar a respeito do que a escola representava em suas vidas. Em seguida, iniciou-se o diálogo: “A escola é importante pra gente aprender as coisas”; “A escola é onde a gente faz amigos”; “Não gosto de estudar, mas gosto de vir pra escola, professora”; “A escola é legal, porque tem briga”; “Aqui tem muitos professores legais, mas outros são bem chatos”.

Diante dessas falas, começamos a pensar sobre o que diziam da escola e chegamos à conclusão de que, na escola, podemos ter várias experiências que levaremos para toda a vida e que essa passagem é muito importante em nossa formação, mas que existem momentos e pessoas que nunca esqueceremos, porque fizeram diferença na nossa vida.

Perguntamos aos alunos se tinham alguma experiência marcante para contar. Eles falaram sobre amigos com quem estudam desde o primeiro ano escolar, sobre professores que marcaram a vida deles por um bom ou mau motivo, sobre acontecimentos como brigas, acidente e festas. Com efeito, a participação dos alunos foi excelente, todos puderam falar sobre o que haviam vivido na escola.

Dessa forma, preparamos os alunos para a crônica que leríamos a seguir, um texto de Tatiana Belinky chamado “Crônica para dona Nicota”.

A etapa de leitura foi dividida em três momentos, leitura silenciosa e individual, leitura compartilhada, onde cada aluno leu uma parte do texto, e leitura expressiva, feita pela professora, dando entonação adequada ao texto.

É preciso que o/a leitor/a se acostume a passar algum período sentado (ou em pé, não importa) simplesmente lendo. Em suma, leitura é hábito e hábitos se criam e perdem. O papel da escola é criar o hábito e para isso deve dispor de diversos meios – e não apenas um ou dois. (SANTOS, 2016, p. 45).

Todos os momentos de leitura foram permeados por diferentes modos de ler, para que os alunos experimentassem a dinâmica das diferentes leituras possíveis e que se aproximassem ainda mais do hábito.

Voltando à crônica, ela narra a história do menino Ricardo e sua experiência no início da vida escolar. É contada pela mãe desse menino, que observou a forma como a professora “dona Nicota” colaborou, acolhendo o menino que, a princípio, tinha resistência em ficar na escola. Assim, a personagem da professora desempenhou um papel importante na vida desse menino, foi responsável por ensiná-lo a ler e escrever. Assim, Ricardo, quando cresce, torna-se jornalista e, mesmo com a passagem do tempo, lembra-se com saudades de sua primeira professora.

Logo após a leitura, os alunos tiveram a oportunidade de falar sobre o que gostaram no texto. Alguns admiraram o apoio que a professora deu ao menino Ricardo, o fato de ela ter sido uma amiga, ajudando-o a enfrentar o medo da escola. Consideraram o texto interessante, mas não muito atrativo.

A análise: diante dessa situação, observamos que os alunos poderiam ser estimulados a desenvolver novos olhares sobre o texto. Começamos a mobilizar uma análise que lançava luz sobre aspectos até então não iluminados.

O texto abaixo contém partes sublinhadas. Esses destaques são os pontos em que chamamos a atenção dos alunos.

Crônica para dona Nicota

Foi nos anos finais da década de 40. (Há tanto tempo!) Meu primogênito Ricardo completara 6 anos de idade, e resolvemos matriculá-lo no primeiro ano primário da Escola Americana, do já então tradicional Mackenzie College, que ficava a três quadras da nossa casa. E Ricardinho, que era uma criança tímida e um tanto ensimesmada, não gostou nem um pouco da experiência de ficar “abandonado” num lugar estranho, no meio de gente desconhecida – uma coisa para ele muito assustadora. E não houve jeito de fazê-lo aceitar tão insólita situação. Ele se recusava até mesmo a entrar na sala: ficava na porta, “fincava o pé”, sem chorar, mas também sem ceder... Eu já estava a ponto de desistir da empreitada, quando a professora da classe, dona Nicota, se levantou e veio falar conosco. E todo o jeito dela, a maneira como ela olhou para o Ricardinho, o timbre e o tom da sua voz, a expressão do seu rosto e até a sua figurinha baixinha, meio rechonchuda, não jovem demais, muito simples e despojada, causaram imediatamente uma sensível impressão no menino. A tensão sumiu do seu rostinho, seu corpo relaxou, e – ora vejam! – ele respondeu com um sorriso ao sorriso da dona Nicota!

BELINKY, 2004. (Grifos nossos).

Começamos pedindo que observassem a data em que a crônica foi inscrita, “década de 40”. Perguntamos se tiveram dificuldades em compreender o texto por ter sido escrito há tanto tempo. Responderam que não e que o texto parecia muito atual, pois abordava as mesmas sensações que teria um aluno recém-chegado em uma escola. Pontuamos que a observação deles estava correta e que a crônica tratava de uma sensação comum ao ser humano. Independentemente da idade, todos nós tememos o novo.

Continuamos a iluminar outros pontos do texto. Perguntamos se os alunos conseguiram identificar alguma característica do Ricardinho. Disseram que não. Reformulamos a pergunta. Como o texto descreve Ricardinho, que tipo de criança ele era? Uma aluna afirmou que “o texto fala que ele era uma criança tímida e um tanto ensimesmada”. A mesma aluna acrescentou que sabia o que significava tímida, mas não entendia o que queria dizer “ensimesmada”. Nesse momento, buscamos no dicionário *on-line* o significado da palavra. Informamos aos alunos que ensimesmada tinha alguns significados, como: compenetrada, concentrada, introvertida, pensativa, recolhida.

Nesse momento, os alunos se manifestaram, dizendo que o aluno não queria conversar com ninguém, pois era muito tímido. Concordamos com os alunos e dissemos que aquele termo destaca as características pessoais do menino, não uma característica externa sobre o aspecto físico, mas um aspecto psicológico, e que todos nós temos uma característica como

essa em nós mesmos. Eles disseram que sim e que na sala havia pessoas tímidas que, muitas vezes, são consideradas “metidas”, pois têm dificuldade de se relacionar com as outras e que isto prejudica os alunos ao fazer amizades na escola.

Continuamos a conduzir os alunos na reflexão sobre aquilo que o texto narrava. Questionamos sobre o modo como a escola é descrita. Eles emudeceram. Então, pedi que relessem o primeiro parágrafo. Com essa nova leitura, observaram que a escola era descrita como “um lugar estranho, no meio de gente desconhecida – uma coisa para ele muito assustadora”. Os alunos afirmaram que esse deve ser o sentimento de todos que chegam a uma escola nova. Um aluno recém-chegado à escola Ledy Anita disse que foi assim que se sentiu, mas que alguns colegas da turma se apresentaram e o ajudaram muito nessa fase.

Pontuamos que a escola foi descrita como um lugar desafiador, onde a criança se sentira “abandonada”, mas que cada um de passa por essa experiência e, com ela, cresce e aprende coisas novas, faz amizades e inicia um processo de aprendizagem. Esse momento é vivenciado por todos que se inserem em um novo ambiente.

A cada passagem que destacávamos no texto, despertávamos mais a atenção dos alunos. Por fim, ficaram ansiosos para discutir vários pontos do texto. Aproveitamos para enfatizar que essa leitura reflexiva enriquece nosso olhar sobre aspectos até então ignorados e que, por meio destes novos olhares, percebemos o diálogo que o texto estabelece conosco.

Pedimos aos alunos que observassem a função exercida por dona Nicota em relação ao Ricardinho. A princípio, os alunos falaram apenas sobre o papel de ensinar, pois ela era a professora da turma. Chamamos a atenção deles, para que observassem que dona Nicota desempenhara outro papel, isto é, servira como ponte entre o aluno e a escola. Dissemos que, mesmo sem perceber, todos tiveram alguma pessoa que mais os incentivara ou que era o motivo de virem todos os dias para a escola. Nesse momento, principalmente as alunas falaram sobre a importância de algumas amigas, que muitas vezes se motivavam a vir à escola para encontrar os amigos.

Nesse ponto, destacamos os vínculos que criamos na escola e que, nela, aprendemos a lidar com o outro. Falamos sobre o respeito, a educação e a gentileza que precisamos ter para conviver bem com as pessoas. Para Ricardinho, foi a professora a responsável por tornar os dias na escola mais tranquilos. Perguntamos se os alunos notaram alguma mudança no personagem naquele parágrafo. Responderam que sim e destacaram o trecho que diz “causaram imediatamente uma sensível impressão no menino. A tensão sumiu do seu rostinho, seu corpo relaxou, e – ora vejam! – ele respondeu com um sorriso ao sorriso da dona Nicota!”. Observaram que a forma como a professora o recebeu foi suficiente para ele se

sentir bem na escola. Destacaram o sorriso dele para a professora, que serviu para demonstrar que estava se sentindo confiante. Levantamos a hipótese de Ricardinho aceitar o desafio de se inserir na escola, compreender que ela era importante para seu desenvolvimento e encarar os desafios. Que os obstáculos não nos impeçam de prosseguir, mas sirvam de estímulo a continuar tentando.

– Vem ficar aqui comigo – ela disse. – Você vai gostar. – E acrescentou, para minha surpresa, – Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo.

BELINKY, 2004. (Grifos nossos).

Nesse parágrafo, pedimos que os alunos observassem a relação que foi estabelecida pela professora, uma espécie de “pacto”, um compromisso de que, a partir daquele momento, Ricardinho já não estaria sozinho. Os alunos apontaram que a companhia de um amigo sempre os estimula a vir para a escola e que, por isso, eles gostam tanto desse ambiente.

Eu não sabia como agradecer. E nem foi preciso – o que dona Nicota disse, ela cumpriu. E durante vários dias, até semanas, ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas, e levou o Ricardinho pela mão, a pé, até a escola e a sua sala. E o trouxe de volta, da mesma maneira. E até quando, certo dia, o menino estava adoentado e não pôde ir à escola, ela voltou para lhe dar uma “aula particular”, em casa – para ele não se atrasar no programa. Tudo isso na maior simplicidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo...

BELINKY, 2004. (Grifos nossos).

Perguntamos aos alunos sobre a atitude de dona Nicota, se ela estava disposta a ser uma professora diferente na vida do aluno. Segundo eles, o texto mostra que sim, pois afirma que ela cumpriu com sua palavra. Fizeram a observação de que aquela atitude serviu de lição para o menino, pois ele aprendeu a ter compromisso com a escola e com os colegas. Nesse ponto, destacamos que o comentário deles era muito interessante, pois não estava escrito no texto. Perguntamos como eles concluíram isso. Responderam que fizeram uma suposição, pois os professores servem de exemplo aos alunos e, com certeza, dona Nicota foi um bom exemplo na vida de Ricardinho.

Neste momento, pudemos observar a capacidade interpretativa dos alunos sendo ampliada, mas lembramos que essas interpretações estão ainda sob a mediação da professora. O processo ocorre dessa maneira, o papel do professor é sempre de interpelar o aluno, para

que ele observe além do que está realmente escrito, para que consiga estabelecer relações entre o que está lendo e sua vida e dialogue com o texto.

Como destacaram a questão do compromisso, buscamos no texto outros fragmentos que reforçam essa atitude. Eles indicaram a passagem que diz “vários dias, até semanas, ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas, e levou o Ricardinho pela mão, a pé, até a escola e a sua sala”. Nesse ponto, entrevistamos, dizendo que, quando assumimos um compromisso, não importa o trabalho que teremos, o importante é que cumpramos aquilo que prometemos.

Nesse momento, os alunos falaram sobre suas frustrações a respeito de confiança e que isso não ocorre apenas no espaço da escola, mas até mesmo na vida familiar.

O Ricardinho adorava a dona Nicota – e não era para menos. Dona Nicota era a mais perfeita e linda encarnação da “professora primária” ideal – a mais nobre e fundamental das profissões: a de ser a primeira a preparar uma criança pequena nas suas primeiras incursões na vida real – com competência, dedicação, compreensão, paciência e carinho. E a consciência plena de estar dando à criança uma verdadeira base para o futuro cidadão.

BELINKY, 2004. (Grifos nossos).

Nesse ponto, interpelamos os alunos sobre a relação que desenvolvemos com os professores. Perguntamos se já haviam passado pela experiência de ter um professor amigo. Alguns responderam que sim; outros não se lembravam de nenhum em especial, mas que, na escola, muitos professores “são bons e sempre querem o melhor para eles”.

Prosseguindo a análise, abordamos a questão da violência em sala de aula. Nesse momento, observamos certo desconforto da parte de alguns alunos, que disseram estar ali para aprender, mas que a bagunça dos colegas atrapalha muito a aprendizagem. Mencionaram que os professores encontram grande dificuldade em controlar a turma, pois os alunos não colaboram, mas, se houvesse respeito pelo professor, todos sairiam ganhando.

O texto permitiu que os alunos pensassem sobre o comportamento que estavam tendo na escola. Com isso, não queremos dizer que o texto trouxe a solução para o problema de indisciplina, mas serviu para os alunos refletirem sobre algumas atitudes que, ao serem mudadas, podem trazer benefícios para todos.

Avançamos a discussão, pedindo que analisassem como a professora era vista pelo aluno. Qual sentimento que ele nutria por ela? Os alunos responderam que “o Ricardinho adorava a dona Nicota”. Perceberam que o menino admirava muito aquela professora que conseguira conquistar sua confiança. No fragmento “Dona Nicota era a mais perfeita e linda

encarnação da ‘professora primária’ ideal”, os alunos notaram que as atitudes de amor, paciência e dedicação fizeram com que a professora marcasse a vida do menino e colaborasse no percurso escolar dele e em “suas primeiras incursões na vida real”.

Por que estou contando tudo isso a vocês, hoje? Porque, no Dia do Professor, eu senti que não poderia prestar maior homenagem a todos os “mestres-escolas” do Brasil do que incluí-los nesta “crônica-tributo” a dona Nicota, exemplo e paradigma de uma modesta e maravilhosa professora “montessoriana” e um grande ser humano.

Ricardo saiu de sob a asa de dona Nicota lendo e escrevendo. E hoje, jornalista, tradutor e escritor, esse avô de três netos continua se lembrando de dona Nicota, com carinho e gratidão.

Essa dona Nicota que a estas horas deve estar dando aulas montessorianas aos anjinhos do céu.

BELINKY, 2004. (Grifos nossos).

Quando chegamos aos últimos parágrafos do texto, perguntamos aos alunos o que lhes chamara mais a atenção. Alguns disseram que o texto era uma homenagem aos professores. Questionamos se a autora distinguiu ao final do texto somente aqueles tidos como bons professores, e podemos ver que não, que a homenagem foi feita a todos os “mestres”. Pedimos que pensassem por que a autora fez dessa forma e os alunos responderam que todos os professores precisam ser respeitados e homenageados.

Dissemos a eles que os professores são parceiros e que podem ensinar a lição da escola, mas também dar lições de vida. Ricardinho não era um aluno especial, mas, no texto, representava o indivíduo que tinha medo de ir à escola, um lugar que ainda não conhecia. Todos nós passamos por um momento desses na vida. Lembramos que este seria o último ano deles na escola e que, no ano que vem, estarão em uma escola diferente também. Que se lembrem desse texto e não tenham medo, pois encontrarão alguém para ajudá-los a se sentirem bem e continuarem firmes no desafio de aprender.

Quando concluímos essa análise do texto, os alunos declararam que gostaram da forma como discutiram os parágrafos e que foi importante dar opinião sobre o tema e compartilhar experiências de vida com os colegas e a professora. Retomamos com eles que o texto aborda a questão da dificuldade que algumas pessoas têm ao chegar a uma nova escola, do medo da turma, da rotina da escola, de se encaixar em algum grupo e que isso é muito comum. O texto tem linguagem simples e personagens e espaço muito próximos a nós, que vivemos o dia a dia da escola.

A produção: a primeira oficina de produção de texto foi pensada levando em conta a capacidade do aluno de dirigir o olhar para aquilo que acontece durante o seu dia na escola,

lembrando que esta é uma das principais características de uma crônica: escrever sobre o circunstancial.

A proposta de produção foi escrever sobre a primeira semana na escola, uma vez que todos já passaram por alguma experiência assim. Na elaboração da oficina, pensamos em iniciar o trabalho de produção com os alunos pedindo que listassem algumas situações que pudessem acontecer durante a primeira semana de aula e que, depois, no texto, eles poderiam narrar fatos reais ou fictícios. Os alunos tiveram dez minutos para listar as situações que, depois, compartilhariam com os colegas. Obtivemos o seguinte resultado:

- Acordar tarde.
- Atrasar para chegar à escola.
- Faltar nos primeiros dias.
- Mudar de escola.
- Sair da turma.
- Entrar na turma da(o) inimiga(o).
- Professor(a) novo(a).
- Novas regras na escola, como não poder usar boné nem celular.
- Novas amizades.
- Meninos(as) bonitos(as).
- Último ano na escola.
- Rever os amigos, os professores, a tia da cozinha.
- Uniforme que não serve mais.

A confecção dessa lista foi um momento interativo. Alguns alunos não conseguiam pensar nas situações e, no momento em que os colegas falavam, eles se lembravam de outros acontecimentos. Nesse momento, a professora também participou, falando sobre fatos de que se lembrava de sua vida escolar. Foi um momento de descontração e muito humor. Com isso, os alunos perceberam que situações engraçadas ou dramáticas fazem parte da vida de todos.

Com a lista em mãos, os alunos produziram crônicas sobre os acontecimentos que ali estavam. Puderam criar situações inusitadas, personagens, escolas do futuro. Alguns se limitaram a falar de suas próprias experiências. Algumas crônicas dessa oficina serão apresentadas na coletânea final.

Após a produção dos textos, os alunos levaram os cadernos para serem corrigidos. Nesse momento, corrigimos a pontuação, ortografia e coerência. Os textos que precisavam

acrescentar acontecimentos passaram por algumas alterações. Esse trabalho foi feito com o aluno e a professora. Percebemos que os alunos com dificuldade nessa etapa eram aqueles que ainda estavam dispersos durante as aulas e que precisavam ser mais envolvidos nas atividades seguintes.

3.4.4 As definições de crônica para o aluno

Acreditamos que, pela vontade que tínhamos de iniciar a leitura com os alunos, deixamos de trazer algumas definições sobre o gênero crônica. Felizmente, esse lapso não prejudicou a compreensão dos alunos e consideramos exitosa a experiência da turma com as duas primeiras oficinas, mas precisávamos corrigir essa pequena falha. Na aula em questão, perguntamos se os alunos conheciam ou já tinham ouvido falar sobre crônicas. A princípio, relacionaram a palavra com doença e dor.

Dissemos que era importante que soubessem que os textos que leriam nas aulas seguintes eram crônicas, e fizemos uma abordagem do gênero. Dissemos que a crônica é um texto leve, desprezioso como uma conversa entre amigos e que tem a capacidade de nos fazer enxergar nas pequenas coisas da vida, algo verdadeiramente belo. (GOMES, 2010). Entregamos aos alunos um texto que resumia o que era uma crônica, a história do gênero e a crônica como um olhar atento sobre o cotidiano. Os alunos participaram tirando dúvidas.

Também nessa aula, dissemos que eles teriam a experiência de serem cronistas ao produzir seus textos, por isso, precisavam ser bons observadores da vida, capazes de escrever sobre suas experiências em forma de crônica e, assim, “tecer por entre lembranças, acontecimentos, reflexões e críticas”. (GOMES, 2010, p. 126).

Destacamos que cronista é aquele que é capaz de, com palavras, trazer emoção para algum momento da vida, podendo usar humor, ironia, crítica e até mesmo fantasia em suas produções e, com isso, envolver seu leitor e se aproximar dele. O cronista não busca soluções para aquilo sobre o que escreve, ele conduz o leitor a pensar sobre o assunto e o estimula a tirar suas próprias conclusões. “Acresce ainda ao facto de as temáticas abordadas permitirem aos alunos um enriquecimento cultural e intelectual não desprezável”. (VICENTE, 2010, p. 75).

Alguns alunos conseguiram perceber essas características no texto que trabalháramos na aula anterior, pois, ao narrar o que aconteceu com seu filho Ricardinho, a cronista despertou neles a observação de um acontecimento simples na escola e eles perceberam os sentimentos abordados no texto, que eram o amor e o respeito entre a professora e o aluno.

Ficamos satisfeitos com as apropriações dos alunos sobre o gênero, pois já conseguiam ter uma pequena noção sobre a influência do texto literário em nossas vidas.

3.4.5 O lixo: leitura, análise e produção

A crônica que trabalhamos em seguida com a turma foi “O lixo”, de Luís Fernando Veríssimo. Como atividade de antecipação, decidimos proporcionar aos alunos um momento para conhecer o autor, um dos escritores brasileiros contemporâneos mais importantes. Levaríamos os alunos ao laboratório de informática para fazer uma pesquisa sobre a vida dele, suas obras e suas contribuições à literatura brasileira. No entanto, não foi possível desenvolver esta atividade, pois o laboratório não estava funcionando e que não havia previsão de quando voltaria a funcionar.

Diante desse obstáculo, fizemos alguns levantamentos sobre a biografia do autor, listou suas obras, levou imagens e livros para a sala de aula, ou seja, a pesquisa que teria a participação dos alunos precisou ser feita apenas pela professora. Nessa aula, os alunos ouviram a história da vida de Veríssimo, ficaram curiosos sobre alguns livros que ele havia escrito e manifestaram o desejo de lê-los ao final do projeto. Fizemos observações sobre a forma de escrever do autor, que, muitas vezes, usa o humor em seus textos e trata com intimidade os assuntos que aborda em suas crônicas.

A segunda etapa da antecipação foi falar sobre o lixo. Por ser um assunto muito discutido e um problema atual da sociedade, os alunos não tiveram dificuldades em manifestar suas opiniões. Pedimos que coletassem em casa aquilo que seria descartado, para que pudéssemos usar na aula seguinte. Dissemos a eles que faríamos um mural do lixo e todos ficaram muito empolgados com essa atividade.

Pedimos, então, que falassem sobre como tratam o lixo em suas residências. Muitos relataram que colocam o lixo em lixeiras e esperam que os “lixeiros/catadores” o recolham. Houve algumas críticas ao uso do termo “lixeiro”, que seria falta de respeito chamar os profissionais dessa forma, que o termo mais adequado é gari.

Alguns alunos disseram que separam o lixo orgânico daquele que pode ser reciclado, pois no bairro em que moram existe coleta seletiva. Perguntamos, então, como funcionava essa coleta seletiva. Uma aluna informou que a prefeitura tem um caminhão que passa recolhendo papelão, plástico, vidro, latinha e leva para o centro de reciclagem. Os colegas concordaram e acrescentaram que essa coleta não ocorre diariamente, mas em dias específicos

da semana. Um aluno pediu a palavra e disse: “Minha mãe trabalha com esse caminhão professora. Ela é coletora do lixo da reciclagem”. Dissemos a ele que a mãe desempenha um papel muito importante e que ele deveria se orgulhar do trabalho que ela faz. Alguns alunos se manifestaram, dizendo que não compensa separar o lixo, pois o caminhão demora muito para passar e o lixo que fica esperando essa coleta seletiva acaba incomodando os moradores. Um aluno relatou: “Minha mãe disse que não vai separar mais nada, pois fica tudo entulhado na frente da nossa casa”.

Retomamos a palavra e dissemos que o lixo é uma questão muito polêmica ainda, que são poucas as soluções criadas para lidar com o resto daquilo que consumimos. Aproveitamos a oportunidade e falamos que Veríssimo, o autor que eles tinham acabado de estudar, havia escrito um texto que tratava desse assunto, cujo título é “O lixo”.

Assim, começamos a leitura do texto. Primeiramente, pedimos a leitura silenciosa, para que se familiarizassem com o conteúdo e com a forma. O texto, na verdade, é um diálogo entre dois vizinhos que se conhecem na área de serviço do prédio de apartamentos e têm como motivo da conversa o lixo, tanto de um quanto do outro.

Os alunos acharam interessante essa forma de diálogo, então, orientamos que a segunda leitura fosse feita em dupla. Pedimos que ensaiassem essa leitura, porque, logo depois, demonstrariam o diálogo, então que formassem duplas e dessem preferência à formação de casais, pois assim acompanhariam a dinâmica da conversa. Assim fizeram.

Após o ensaio, apenas alguns alunos ficaram à vontade para apresentar. Selecionamos os cinco duplas que iriam ler para os colegas. Essa leitura foi muito interessante, pois houve duplas que realmente encenaram a situação, outras optaram por uma apresentação mais simples.

(...) poderia transformar qualquer crônica numa encenação curta, a que não faltaria certamente a dimensão cômica. Tratar-se-ia neste contexto de desenvolver uma série de competências aliadas à expressão corporal e até a dramatização em contexto de sala de aula. (VICENTE, 2010, p. 76).

Ao final, todos os alunos opinaram sobre o diálogo dos colegas, dizendo que foram engraçados e que gostaram daquela leitura. A professora, então, perguntou se os alunos já haviam pensado o lixo da forma como Veríssimo pensara. Disseram que nunca tinham pensado em observar o lixo de uma pessoa, como os personagens da crônica fazem. Acharam muito estranho. No entanto, disseram que jamais veriam uma lata de lixo da mesma forma

novamente. Um dos alunos disse: “Preciso tomar cuidado com as coisas que eu joga fora no lixo. Se a minha mãe fosse igual a essa mulher, iria brigar comigo”. Todos riram.

Aproveitamos para problematizar ainda mais o assunto. Dissemos que, refletindo sobre o texto, podíamos concluir que somos aquilo que consumimos, como os personagens da crônica, que descobriam coisas íntimas um do outro pelo lixo que cada um produzia. Assim somos nós em nossas casas. Pedi que os alunos observassem o que estariam consumindo em demasia. A ideia é que jogar fora alguma coisa não é correta, pois, em se tratando de meio ambiente, não existe parte de fora.

Como tínhamos de realizar outras atividades, a análise desse texto precisou ser abreviada. Não analisamos o texto parte por parte, pedimos que os alunos destacassem a passagem a seguir:

- Só não fiquei com eles por que, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio publico.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?

VERÍSSIMO, 2008. (Grifos nossos)

Esse trecho traz o lixo como um problema social e era sobre isso que queríamos que os alunos refletissem. Também pedimos que observassem as características de uma crônica no texto. Ao que os alunos responderam que era um texto leve e que autor usava o humor para chamar a atenção do leitor para um assunto importante de ser discutido. Concordamos e os parabenizamos por essas observações.

Acrescentamos que o texto não trata o lixo de maneira séria, mas não deixa de jogar uma luz sobre o assunto. Como destacamos, o trecho acima nos coloca neste ponto de reflexão, que é questionar: “O lixo da pessoa ainda é propriedade dela?”. O próprio texto responde: “Lixo é domínio público”. Assim, levamos para os alunos a consciência de que o lixo é um problema de todos.

Buscando essa conscientização, convidamos as técnicas responsáveis pela limpeza e pela organização da escola para falar com os alunos. Avisamos a eles que, naquela aula, teríamos a participação muito importante de pessoas que lidam com o lixo no dia a dia. Alguns perguntaram se teríamos a visita de um gari e se ele daria uma palestra. Respondemos que não, que as visitantes eram pessoas muito especiais para eles.

Foi um momento de grande alvoroço quando as convidadas entraram na sala, pois são profissionais muito queridas pelos alunos. Uma delas é mãe de um aluno da turma. Após restabelecermos a calma, dissemos que o assunto que iríamos tratar era de grande seriedade e que era necessária a atenção de todos. Já havíamos pedido às técnicas que abordassem os problemas de falta de higiene, má conservação dos móveis, pichação nas paredes e tratamento do lixo da escola.

Elas começaram apresentando esses problemas à turma, falando sobre o lixo que fica espalhado no pátio após o intervalo. Mesmo havendo lixeiras na escola, muitos alunos ainda preferem jogar o lixo no chão. As técnicas comentaram, ainda, que as salas de aula, ao final dos turnos, ficam com papéis espalhados por todo o espaço e as carteiras apresentam várias coisas escritas, o que as deixa com aspecto de descuido. As paredes são riscadas com palavrões, contribuindo para que a escola tenha aparência suja. Em relação ao tratamento do lixo escolar, disseram que fazem uma seleção antes da coleta, mas que não existe um projeto específico para tratar o lixo na escola. Para manter o espaço mais limpo, fora a limpeza diária, é necessário um mutirão de limpeza a cada bimestre. Para isso, as técnicas precisam de muito material de limpeza, a fim de lavar paredes e carteiras, sempre riscadas.

Observamos, junto com os alunos, o grande esforço dessa equipe para manter tudo organizado e limpo. Todos parabenizaram as técnicas e disseram que gostariam de colaborar mais para manter a sala sempre organizada e o espaço escolar mais limpo. Elas ficaram muito felizes com a iniciativa, agradeceram o convite e ressaltaram a importância de incluir o tema do lixo nas atividades disciplinares com frequência. No final da conversa, as técnicas perguntaram se os alunos gostariam de fazer uma manhã de coleta de lixo no pátio da escola. Eles mostraram grande interesse pela atividade e marcamos um dia para isso.

No dia combinado, os alunos puderam observar quanto lixo ocupa o pátio da escola. Em uma aula, recolhemos cinco sacos de lixo. Eles ficaram impressionados ao recolher copos, pratos e talheres usados durante o lanche. As técnicas agradeceram a participação dos alunos e pediram a colaboração de todos para alertar os demais colegas sobre aquilo que haviam aprendido durante as aulas.

Observamos que, com a crônica de Veríssimo, colaboramos para que os alunos entendessem o lixo como um mal social e a necessidade da mudança de atitude em relação ao descarte de resíduos. Os alunos perceberam o quanto o lixo interfere nos gastos da escola, com base no que disseram as técnicas, e afirmaram que a quantia gasta na compra de material de limpeza poderia ser investida em livros. Foi interessante essa reflexão espontânea por parte

dos alunos, uma observação deles derivada da conversa com as técnicas e que fez parte de uma atividade de interpretação de texto.

Para a oficina de produção, pensamos em uma atividade não, necessariamente, de escrita. Como anteriormente havíamos pedido aos alunos que trouxessem embalagens de algo que eles e a família haviam descartado, a proposta foi criarem o mural do lixo. Assim, fariam uma exposição para toda a escola, levando a temática ao conhecimento de todos. Foi uma atividade bastante produtiva, pois todos os alunos se envolveram.

Para confeccionar o mural, dividimos a turma em grupos de quatro e cinco alunos, cada qual responsável por fazer uma tarefa no mural. Com as embalagens que haviam trazido de casa, fariam colagens e frases que buscassem a conscientização sobre o lixo. Esse mural foi exposto, chamando bastante atenção das outras turmas. Os alunos ficaram orgulhosos por contribuir com a visão de que o lixo precisa ser encarado como um problema cuja solução está em atitudes simples no cotidiano.

Para finalizar, realizaram as atividades de interpretação da crônica “O lixo”. Apresentamos aos alunos um videoclipe do grupo Falamansa com a música “Lixo no lixo”, que trata dos problemas ambientais que a humanidade enfrenta e enfrentará, em razão do grande consumo de produtos e do descarte inadequado dos resíduos. Os alunos ficaram impactados pelas imagens e pela letra da música.

Em seguida, cantaram a música e, para a apresentação cultural, pedimos que os alunos produzissem uma coreografia para dançar a música “Lixo no lixo”. Alguns se envolveram mais do que outros nessa atividade, por isso, optamos que esse trabalho fosse feito no contraturno das aulas. Assim, o grupo se reunia com a professora e conseguiu montar a apresentação.

Foi prazeroso trabalhar dessa forma um texto tão rico. Os alunos observaram que um tema retirado de um texto pode desencadear várias ações além da leitura e que jamais esqueceriam aquele texto, que trouxe um profundo conhecimento para eles.

3.4.6 A última crônica: leitura, análise e produção

A crônica seguinte é uma das que traz descrições dos personagens e do espaço, bem como trata da ansiedade do cronista ao tentar achar um assunto digno de uma crônica.

A oficina desenvolvida na aula foi iniciada com a etapa de antecipação, discutindo o ofício do escritor. Primeiramente, apresentamos a biografia de Fernando Sabino. Logo após, lemos novamente o texto. Nessa aula, alguns alunos se mostraram dispersos e desmotivados

para a leitura, então, optamos por ouvi-los mais um pouco. Como já estavam sentados em círculo, começamos com a roda de conversa.

Nesse momento, os alunos informaram se haviam gostado ou não do texto. Alguns relataram que o texto era interessante e tinha instigado sua curiosidade em saber o que ocorreria com os personagens no final; outros disseram não ter gostado, pois não haviam entendido o assunto do texto, ficaram confusos.

O/A leitor/a pode se identificar com o que lê e/ou pode ler com estranhamento, mas nas duas situações (a da identidade e da alteridade) ele/ela pode ser afetado/a, ele/a pode ser co-movido/a e, conseqüentemente, se transformar. (SANTOS, 2016, p. 48).

Mesmo diante de algum estranhamento na leitura, insistimos no trabalho. Acreditamos que é necessário oferecer não apenas aquilo que os alunos estão acostumados a ler, como também apresentar leituras mais densas, com uma riqueza literária, como o texto de Fernando Sabino.

Em seguida, discorremos sobre a crônica em questão. Pedimos que os alunos destacassem as palavras que não conheciam. Listaram as seguintes: “pitoresco”, “irrisório”, “redoma”, “balbucio”, “sôfregas” e “súbito”. Fomos buscar no dicionário *on-line* o significado delas. Continuando, pedimos que os alunos observassem que aquela crônica provavelmente teria sido escrita na década de 1960 e que o vocabulário usado pelo autor era mais culto, e que isso deveria ser porque ele, no início, havia se identificado como escritor, o que sugere a necessidade de escrever “bem”. Perguntamos aos alunos se concordavam com essa afirmação e eles responderam que sim. Indagamos se se lembravam da passagem em que o personagem se descreve como escritor e eles destacaram este fragmento: “A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever”. Então, esse poderia ser o motivo para usar palavras distintas das do linguajar comum.

Pedimos que os alunos observassem falas do personagem em que ele tratava do que queria escrever e qual exercício que ele buscava para aquele momento. Responderam que o personagem observava as pessoas e o lugar onde estava. Questionados como haviam chegado àquela conclusão, disseram que na passagem em que o personagem diz “lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica”. Comentamos que os alunos haviam observado muito bem aquela fala e que, assim, poderiam exercitar o olhar para as coisas do cotidiano no momento de suas produções escritas.

Perguntamos se o autor fora minucioso ao descrever o que via e os alunos afirmaram que sim. Pedimos que destacassem partes do texto que justificassem essa afirmação.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor.

SABINO, 1965. (Grifos nossos)

Perguntamos se os alunos compreendiam a capacidade que aqueles detalhes tinham de envolver o leitor. Como os alunos não conseguiram expressar o sentimento dessa dimensão, pedimos que observassem as seguintes descrições, feitas no texto, do casal, que era de “pretos”, e detalhes como “mesas de mármore”, “paredes de espelho”, “laço na cabeça”, “toda arrumadinha no vestido pobre”.

Dissemos que essas informações não apenas enriquecem o texto com detalhes, mas têm uma ação muito particular entre o texto e o leitor, e perguntamos qual seria essa ação. Pensamos que os alunos não conseguiriam responder e esperamos alguns minutos, até que um aluno disse: “Nos aproxima, professora, nos leva pra esse lugar”. Ficamos muito satisfeitas com a leitura que alguns alunos estavam conseguindo desenvolver.

Notamos que algumas expressões incomodavam alguns alunos, que chegaram a dizer que consideravam o autor muito racista, pois usava frases como “casal de pretos” e “uma negrinha de seus três anos”. Não gostaram da forma como o narrador expôs os personagens. Argumentamos que, provavelmente, a intenção do autor não era ofender, mas descrever os personagens. Porém, concordamos em refletir sobre isso. Mesmo assim, os alunos insistiram em dizer “ele é racista, professora” ou “ele é preconceituoso, não pode falar assim das pessoas”. Perguntamos qual seria o problema, pois, no texto, os personagens eram negros e o autor quis destacar isso em sua descrição. Os alunos argumentaram que o autor não podia descrever os personagens daquela forma ou que não precisava dar aquela informação. Respondemos que o autor poderia ter usado aquela escrita para causar um impacto no leitor, e que conseguira tal feito. Sugerimos também que o entendimento deles estava equivocado; no entanto, os alunos mantiveram sua opinião, conforme explicita Cosson (2012, p. 115): “Por fim, mais uma vez é preciso confiar na força do texto literário e na capacidade de leitura de

nossos alunos. É na experiência da leitura e não nas informações dos manuais, que reside o saber e o sabor da literatura”.

Como pudemos notar, não temos controle sobre o sentimento que o texto criará naquele que o lê. A leitura é carregada de sensações quando nos apropriamos dela, e pode gerar empatia, estranheza, amor, raiva. Isso conseguimos perceber nos alunos com o texto de Fernando Sabino.

Durante a participação dos alunos, notamos que algumas opiniões eram repetidas. Chegamos a pensar que esses alunos não estavam se apropriando da leitura, mas apenas concordando com a interpretação dos colegas, já que não conseguiam expressar as próprias opiniões. Ficamos preocupadas e pedimos que pensassem de forma mais pessoal. No entanto, encontramos esta reflexão do teórico Cosson (2012, p. 115): “Na verdade, devemos ter sempre em mente que a leitura literária é um processo que vai se aprofundando à medida que ampliamos nosso repertório de leitura e a avaliação deve acompanhar esse processo sem lhe impor constrangimentos e empecilhos”.

Possivelmente, alguns desses alunos estavam ainda nas primeiras etapas do processo de aquisição das leituras, diferentemente daqueles alunos que estabeleciam uma relação mais profunda com o texto. Assim, continuamos o trabalho de contribuir para esse repertório de leitura. A cada nova leitura, buscamos a melhor maneira de torná-la reflexiva e um hábito prazeroso para eles.

Para encerrar a análise com os alunos, pedimos que dissessem o que poderiam tirar de lição daquele texto, não pensando em moral da história, mas na oportunidade de aprender com o que acabaram de ler e discutir. Uma aluna relatou que, pela experiência de ler o texto e ter visto aquela família humilde tentando dar a melhor festa de aniversário para a filha, entendeu que “é possível ser feliz com pouco”. Outros alunos disseram que chegaram à mesma conclusão, e acrescentaram: “O pai estava orgulhoso, professora; no fim, ele se orgulhou”. Diante dessa afirmação, perguntamos como haviam chegado a essa conclusão, e eles destacaram o trecho: “(...) ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso”.

Observamos um avanço nas discussões do texto literário, pois os alunos sentiram confiança para discutir, analisar, apontar no texto aquilo que conseguiram compreender. As falas se mostravam cada vez mais reflexivas. Estabelecia-se a aproximação entre o leitor e o texto.

Chegamos ao momento da oficina de produção. A proposta era que os alunos produzissem uma crônica que relatasse um último acontecimento, assim como a “A última

crônica”. Para isso, receberam algumas sugestões sobre como poderiam começar cada sequência do texto:

- A caminho... da escola, da praça ou do clube.
- Entro...: na igreja, na padaria ou no mercado.
- Estou ansioso... para jogar o jogo final, para assistir a um filme ou para encontrar com as amigas.
- Entram ou chegam... duas crianças, um casal de namorados ou alguém sozinho.

Com essas sugestões, os alunos iniciaram os textos. Pedimos que fosse bem descritivos com relação ao espaço, ao personagem, ao tempo e ao enredo, também solicitamos que despertassem no leitor curiosidade sobre o fato que estava por acontecer no final da história. Dessa forma, os alunos não tiveram dificuldade de criar histórias e tivemos excelentes produções. Algumas delas estão na coletânea que é o produto final deste projeto.

3.4.7 “Uma lição inesperada”: leitura, análise e produção

Dando sequência às oficinas, passamos à leitura de um texto de João Anzanello Carrascoza, intitulado “Uma lição inesperada”.

Para a etapa de antecipação, selecionamos uma dinâmica que abordava a forma como o aluno se enxerga, ou seja, como percebe seus defeitos e suas qualidades. Aproveitamos para desenvolver essa dinâmica, porque o texto trata do preconceito, da opinião que temos sobre determinadas pessoas antes mesmo de conhecê-las. Assim, tivemos a oportunidade de discutir com os alunos um assunto muito presente nas escolas, o *bullying*.

A dinâmica se realizou da seguinte maneira: traçamos uma linha reta no chão e dividimos os alunos em dois grandes grupos, colocando um grupo de um lado e o outro do lado da linha. Orientamos os alunos para que, quando mencionássemos alguma característica com que se identificassem ou alguma situação que haviam vivido ou presenciado, eles deviam para se aproximar da linha.

Nesse dia, estavam presentes 28 alunos. Começamos com a seguinte afirmação “você gosta do seu cabelo”. Apenas oito alunos se aproximaram da linha. Perguntamos se gostariam de dizer por que se aproximaram, mas nenhum deles fez comentários nem se manifestou. A segunda afirmação foi “você não gosta do seu cabelo”. Quinze alunos se aproximaram da

linha. Da mesma forma, perguntamos se gostariam de comentar o porquê de se aproximarem da linha. Uma aluna disse: “Eu não gosto do meu cabelo, porque os outros zombam de mim”. Outra menina falou: “Se eu pudesse escolher, queria um cabelo diferente, mais liso”. Não fizemos nenhum comentário, apenas escutamos.

A terceira afirmação foi “você gosta do formato do seu corpo”. Dez alunos se aproximaram da linha. Procedemos da mesma maneira que anteriormente. Desse grupo de dez, um aluno disse: “Estou satisfeito com meu corpo, mas eu malho pra que ele fique assim”. Essa afirmação fez os colegas rirem. Apenas esse aluno se manifestou. A quarta afirmação foi “você não gosta do formato do seu corpo”. Dezoito alunos se aproximaram da linha. Destes, uma aluna disse: “As pessoas me chamam de gordinha, professora”. Ela se mostrou incomodada com isso. Uma colega mencionou problemas com a altura e que, por isso, também era alvo de apelidos.

Continuamos com a seguinte afirmação, “você já foi vítima de alguma brincadeira que não gostou”. Apenas duas meninas não se aproximaram da linha, o que nos causou grande espanto, pois percebemos que a grande maioria já havia passado por algum tipo de brincadeira de que não havia gostado. Mesmo a brincadeira não se categorizando como *bullying*, é fato que no ambiente escolar acontecem constrangimentos pessoais. Nesse momento, paramos com a dinâmica e fomos conversar a respeito dessa informação.

Discutimos as situações em que os alunos são constrangidos, em que passam por momentos de vergonha e, em casos mais sérios, até mesmo de depressão. Nessa dinâmica, observamos que, em algum momento da vida escolar, a maioria dos alunos passa por brincadeiras vexatórias. Algumas dessas brincadeiras persistem, a ponto de se configurarem como casos de *bullying*.

Na turma, ouvimos três alunos que são alvo constante de xingamentos e violência física, em virtude de cor da pele, estrutura física do corpo, formato do cabelo e até orientação sexual. Notamos o quanto esses acontecimentos prejudicam a relação desses alunos com os colegas e professores e, principalmente, com o aprendizado. Muitas vezes, eles se sentem inibidos e não se manifestam em sala de aula, temendo comentários.

Na ocasião, reforçamos nosso total repúdio ao *bullying* e a outras “brincadeiras” que acontecem na escola. Orientamos os alunos a denunciar tais práticas, para que a equipe gestora tome as providências cabíveis.

Após a dinâmica e a roda de conversa, passamos para a apresentação do autor. Anzanello é um escritor contemporâneo, apaixonado pela literatura. Mostramos uma foto dele aos alunos, que o acharam muito jovem e ficaram curiosos para ler o texto que havia escrito.

Aproveitamos para reforçar que a crônica é o registro dos acontecimentos observados pelo escritor, que, às vezes, pode estar a crônica como um dos personagens.

Para dar início à oficina de leitura, entregamos a crônica impressa aos alunos e pedimos, como habitualmente, que fizessem a leitura silenciosa, a fim de identificar as características do texto.

Em seguida, pedimos que os alunos se dividissem em grupos de seis. Como o texto tem seis parágrafos, cada aluno lia um parágrafo. Desse modo, fariam a leitura em forma de jogral. Foi um momento de bastante descontração. Os alunos fizeram leituras diferentes. Cada um deu seu tom ao texto e todos tiveram a oportunidade de participar. Notamos que os alunos leram para a turma com mais facilidade e que o respeito ao ritmo do colega também havia se fortalecido.

Logo após, passamos à análise do texto. Perguntamos aos alunos qual fato desencadeou os acontecimentos do texto. Eles perceberam que tudo girava em torno da “volta às aulas”. Indagamos qual era a expectativa de Lilico, o personagem principal, para o primeiro dia na escola, e os alunos responderam que ele esperava encontrar os colegas e permanecer na mesma turma do ano anterior.

Pedimos que observassem a progressão dos fatos nos parágrafos, o movimento do texto à medida que o narrador ia contando a história. Essa atividade foi mediada pela professora, que direcionou os alunos para a percepção da diferença entre os assuntos de cada parágrafo. Assim, os alunos começaram sua própria observação. Informamos que, no primeiro parágrafo, Lilico está ansioso pelo retorno das aulas e feliz por reencontrar os amigos. Ao chegar à escola, ele conversa bastante com os colegas, que também contam suas experiências das férias.

No último dia de férias, Lilico nem dormiu direito. Não via a hora de voltar à escola e rever os amigos. Acordou feliz da vida, tomou o café da manhã às pressas, pegou sua mochila e foi ao encontro deles. Abraçou-os à entrada da escola, mostrou o relógio que ganhara de Natal, contou sobre sua viagem ao litoral. Depois ouviu as histórias dos amigos e divertiu-se com eles, o coração latejando de alegria. Aos poucos, foi matando a saudade das descobertas que fazia ali, das meninas ruidosas, do azul e branco dos uniformes, daquele burburinho à beira do portão. Sentia-se como um peixe de volta ao mar.

CARRASCOZA, 2004. (Grifos nossos)

No entanto, no segundo parágrafo acontece uma suspensão da alegria. O menino está em uma turma nova, onde não conhece os colegas. Ele começa a julgar cada aluno e não gosta das impressões que tem.

Os alunos contribuíram dizendo que, no primeiro dia de aula, também ficavam sempre ansiosos, pois o desejo é permanecer com os mesmos colegas, mas sabem que nem sempre isso é possível. Uma aluna relatou que, no ano anterior, pedira para o responsável por ela vir até a escola e solicitar que a mudassem de turma. Porém, a coordenação não aceitou o pedido. Quando perguntei o porquê, a aluna respondeu que a justificativa era de que ela teria um rendimento melhor se ficasse separada de algumas companhias. Perguntei se ela concordava com essa medida e ela respondeu que, no início, não concordava, mas que, depois, viu seu rendimento melhorar, porque já não conversava tanto com os colegas, mas que sentia muita falta de uma amiga, pois estudavam juntas há três anos na mesma turma. Todos os colegas opinaram a respeito. Eles sabem que, quando estão mais familiarizados com os colegas, a tendência é conversarem mais, mas não acham justo serem separados todos os anos de alguns amigos da turma.

Pontuamos que o texto que estavam lendo podia ser um meio de compreender e aceitar o processo de mudança que acontece todos os anos, eles concordaram.

Vejamos o segundo parágrafo:

Mas, quando o sino anunciou o início das aulas, Lilico descobriu que caíra numa classe onde não havia nenhum de seus amigos. Encontrou lá só gente estranha, que o observava dos pés à cabeça, em silêncio. Viu-se perdido e o sorriso que iluminava seu rosto se apagou. Antes de começar, a professora pediu que cada aluno se apresentasse. Aborrecido, Lilico estudava seus novos companheiros. Tinha um japonês de cabelos espetados com jeito de nerd. Uma garota de olhos azuis, vinda do Sul, pareceu-lhe fria e arrogante. Um menino alto, que quase bateu no teto quando se ergueu, dava toda a pinta de ser um bobo. E a menina que morava no sítio?

CARRASCOZA, 2004. (Grifos nossos)

Nessa passagem, notamos que o sentimento de Lilico era o mesmo dos nossos alunos. Eles relataram experiências de chegar a uma turma nova, falaram do desconforto que sentem ao perceber que os colegas os julgam, muitos não se aproximam e acabam se isolando. Pedimos que observassem as atitudes de Lilico, pois era ele quem estava entrando na turma nova e julgando os colegas. Disseram que isso é normal, pois, com certeza, ninguém havia chegado até ele, por isso ele pensava aquilo dos colegas da turma.

No terceiro parágrafo, Lilico se surpreende com atitudes dos antigos colegas, que já estavam se relacionando com os novos amigos. Os alunos disseram que esse poderia ser o motivo do menino mudar de postura diante da nova turma. Um aluno comentou: “Ele viu que precisava de novos amigos, pois os antigos já estavam de boa”. Observamos que essa informação não estava no texto, mas os alunos afirmaram que podiam deduzir o que estava acontecendo, pois constatavam isso ao observar os amigos no recreio. Consideramos interessante tal dedução e percebemos o diálogo que os alunos leitores estavam estabelecendo com o texto, como algo além do que está escrito.

Continuando a análise, temos a seguinte passagem:

A coitada comia palavras, olhava-os assustada, igual a um bicho-do-mato. O mulato, filho de pescador, falava arrastado, estalando a língua, com sotaque de malandro. E havia uns garotos com tatuagens, umas meninas usando óculos de lentes grossas, todos esquisitos aos olhos de Lilico. A professora? Tão diferente das que ele conhecera... Logo que soou o sinal para o recreio, Lilico saiu a mil por hora, à procura de seus antigos colegas. Surpreendeu-se ao vê-los em roda, animados, junto aos estudantes que haviam conhecido horas antes.

CARRASCOZA, 2004. (Grifos nossos)

Pedimos aos alunos que lessem novamente apenas o quarto e o quinto parágrafos, e externassem suas impressões sobre o que acontece nesse momento do texto. Dois alunos destacaram acontecer nesses parágrafos a mudança de comportamento do menino em relação aos colegas. Perguntamos o que leva Lilico a dar uma chance aos colegas da nova turma. Um aluno respondeu que, possivelmente, a atividade em grupo solicitada pela professora fez com que o menino mudasse de comportamento. Uma nova atitude é percebida na narração. Lilico, que até então tinha os outros como desafetos, passa a descrevê-los de maneira mais amistosa. Assim, com a oportunidade de conhecê-los, passa a ter uma nova ideia dos colegas. Vejamos, então:

De volta à sala de aula, a professora passou uma tarefa em grupo. Lilico caiu com o japonês, a menina gaúcha, o mulato e o grandalhão. Começaram a conversar cheios de cautela, mas paulatinamente foram se soltando, a ponto de, ao fim do exercício, parecer que se conheciam há anos. Lilico descobriu que o japonês não era nerd, não: era ótimo em Matemática, mas tinha dificuldade em Português. A gaúcha, que lhe parecera tão metida, era gentil e o mirava ternamente com seus lindos olhos azuis. O mulato era um caçara responsável, ajudava o pai desde criança e prometeu ensinar a todos os segredos de uma boa pescaria. O grandalhão não tinha nada de

bobo. Raciocinava rapidamente e, com aquele tamanho, seria legal jogar basquete no time dele.

CARRASCOZA, 2004. (Grifos nossos)

Com base no texto, pensamos em abordar algumas situações de sala de aula, tais como: a exclusão de alguns alunos; o preconceito; a baixa autoestima; a dificuldade de aceitar as diferenças. Na ocasião, os alunos falaram um pouco mais sobre experiências ruins que têm na escola e na sala de aula, enquanto os demais colegas ouviam atentamente.

No último parágrafo, pedimos que destacassem o que mais lhes chamara a atenção. Um aluno destacou que os novos colegas também tiveram uma má impressão de Lilico, pois, pela apresentação dele, acharam-no mal-humorado, mas já haviam mudado de opinião. O texto se encerra com uma importante reflexão sobre o comportamento de todos, de julgar sem conhecer o colega.

Lilico descobriu mais. Inclusive que o haviam achado mal-humorado quando ele se apresentara, mas já não pensavam assim. Então, mirou a menina do sítio e pensou no quanto seria bom conhecê-la. Devia saber tudo de passarinhos. Sim, justamente porque eram diferentes havia encanto nas pessoas. Se ele descobrira aquilo no primeiro dia de aula, quantas descobertas não haveria de fazer no ano inteiro? E, como um lápis deslizando numa folha de papel, um sorriso se desenhava novamente no rosto de Lilico.

CARRASCOZA, 2004. (Grifos nossos)

Perguntamos se o narrador tinha alguma intenção ao escrever o texto e os alunos responderam que, provavelmente, estava chamando a atenção das pessoas para que sejam mais pacientes umas com as outras e deem oportunidade para as outras demonstrarem quem verdadeiramente são.

Pontuamos que o texto foi escrito para crianças e adolescentes em fase escolar e, por isso, usa uma linguagem coloquial, próxima daquela a que estão habituados. Durante a leitura, percebemos que os alunos pronunciaram equivocadamente alguns verbos conjugados no pretérito mais-que-perfeito. Pedimos que destacassem estas palavras: ganhara, caíra, conhecera, parecera, apresentara e descobrira. Passamos à pronúncia correta e ao porquê do uso desse tempo verbal. Um aluno destacou a palavra “caiçara”. Acreditamos que, por terminar em “ara”, como os verbos destacados, houve essa confusão. Explicamos que não se

trata de um verbo conjugado, mas de um substantivo. Em seguida, passamos o significado de “caixara”. Foi uma análise produtiva, da qual os alunos participaram satisfatoriamente.

Para a oficina de produção, pedimos que montassem pequenas esquetes que abordassem o tema do *bullying* na escola.

A atividade foi enriquecedora. Toda a turma participou, até os alunos que relutavam em escrever ou ajudar o grupo em outras atividades fizeram suas apresentações. Nessa atividade, os alunos precisavam destacar os seguintes personagens em suas esquetes:

- O indivíduo que sofre o *bullying*.
- Duas pessoas que praticam o *bullying*.
- Dois mediadores que resolvem a situação.

Ficamos felizes com os resultados das apresentações. Os alunos conseguiram montar quatro esquetes que expunham situações de *bullying* que podem ocorrer em ocasiões e lugares diferentes: na sala de aula, na piscina do clube, no campo de futebol e no parque da cidade. O grupo que representou o *bullying* na escola foi selecionado e apresentou o trabalho no encerramento do projeto, durante uma atividade cultural da escola.

3.4.8 “A professora de desenho”: leitura, análise e produção

A crônica seguinte destaca a relação entre alunos do Ensino Fundamental I e sua professora de desenho.

Seguindo a sequência de Cosson (2012), começamos a oficina de leitura com uma dinâmica de antecipação. Os alunos foram organizados em círculo, para que todos pudessem participar. A dinâmica consistia em um jogo de imitação.

Previamente, havíamos escrito em alguns cartões sugestões de imitação de animais, objetos e pessoas. Os alunos retirariam um cartão de uma pequena caixa, mostrariam à professora e, logo após, imitariam o animal, o objeto ou a pessoa indicada no cartão. Enquanto isso, os demais alunos deveriam adivinhar quem ou o que estava sendo imitado.

Dos cartões constavam: animais – gato, cachorro, macaco, cobra, jacaré; objetos – moto, carro, avião, televisão; e pessoas – aproveitamos para colocar o nome de alguns professores da escola.

Foi um momento de muita diversão e euforia. Os alunos que tiravam nomes de professores precisavam destacar uma atitude ou uma fala muito usada pelo professor que

precisavam imitar. Houve situações hilárias nas apresentações dos alunos mais desinibidos ou nas imitações de professores mais expressivos. Essa atividade ajudou os alunos a se soltar mais em suas expressões e a perder um pouco mais da timidez.

Após as apresentações, pedimos aos alunos que falassem sobre o relacionamento que haviam criado com seus professores, expondo não apenas os pontos negativos, mas destacando os pontos positivos da convivência. Foi interessante observar na fala dos alunos a profunda admiração que têm por alguns dos professores e como percebem que o trabalho que desenvolvem é extremamente importante para eles. Alguns alunos até mesmo se emocionaram ao lembrar que este é o último ano com alguns desses professores. Na ocasião, lembraram-se dos professores que já passaram pela vida deles e quais fizeram diferença, em virtude de seu comprometimento com a profissão. Os alunos reconhecem que a profissão de professor não é fácil e se mostram gratos pelo que os professores fazem pelos alunos.

Informamos que a próxima crônica era sobre uma professora de desenho que marcara a vida de seus alunos, texto do escritor Marcelo Coelho, intitulado “A professora de desenho”. Entregamos o texto impresso e pedimos que os alunos fizessem a leitura silenciosa. Logo após, passamos à leitura compartilhada. À medida que um aluno terminava a leitura de dois ou três parágrafos, a professora escolhia outro para continuar. Os demais acompanhavam.

Os alunos não apresentaram dificuldade na leitura e, então, passamos à análise do texto. Pedimos que falassem sobre suas impressões do texto. Nesse momento, deixamos os alunos mais independentes na análise, tendo em vista que já haviam feito outras anteriormente.

Os alunos destacaram que a primeira impressão que tiveram do texto era a de um julgamento normal para eles. A crônica diz o seguinte: “Falando a verdade, escola é uma chatice. Pelo menos a minha era uma chatice”. Notamos que, assim, o texto gera um sentimento de identificação nos alunos. Perguntamos por que o autor usa aquela afirmação, “escola é uma chatice”, mas os alunos não conseguiram estabelecer essa relação. Disseram apenas que concordavam que a escola, muitas vezes, é chata, por ter muitas regras, cobranças, brigas, gritarias, mas que estavam acostumados com aquela situação.

Também disseram que lhes chamou a atenção a maneira como os alunos da crônica tratam as professoras, especialmente pelo uso do termo “dona”. Enfatizaram que hoje é diferente, mas que ainda existe uma formalidade, como, por exemplo, o fato de não chamarem as professoras apenas pelo primeiro nome, mas acrescentarem “professora” antes, e que acham estranha qualquer outra forma de se dirigir aos professores.

Concordaram que a situação da crônica é típica de uma escola, que existem professores com quem os alunos se identificam mais e outros com quem não se identificam tanto.

Nesse momento, chamamos a atenção dos alunos para o que percebemos ser uma análise ainda muito superficial. Dissemos que gostaríamos que eles fossem mais minuciosos em suas observações. Eles destacaram que ainda tinham dificuldade para observar aquilo que a professora conseguia ver. Consideramos isso ainda normal, pois o repertório de leitura deles ainda era pequeno. Na oportunidade, dissemos que eram capazes de ler e compreender qualquer texto, desde que estivessem atentos ao diálogo estabelecido.

Pedimos que percebessem no texto uma série de fatos importantes para compreender a progressão e a ordem. Explicamos que a crônica começava trabalhando a expectativa que a grande maioria dos alunos tem sobre a escola e que aquilo que haviam pontuado estava correto, mas que um acontecimento fazia com que o personagem gostasse da escola, “as aulas de desenho”. Como memória de leitura, alguns alunos voltaram o pensamento para a primeira crônica que havíamos lido, que foi a de Tatiana Belinky. Perceberam que, assim como a professora do primeiro texto ajudava o aluno a querer ir à escola, no texto de Marcelo Coelho, víamos uma nova experiência entre aluno e professora.

A descrição dos personagens também era rica em detalhes, como percebemos no seguinte trecho: “A dona Marisa era meio gorducha, usava coque no cabelo e se pintava feito louca. Batom. Sombra azul nos olhos. Meio perua. Eu não gostava da dona Marisa”.

Perguntamos aos alunos qual outro texto usava a descrição para detalhar os personagens. Um aluno lembrou e respondeu: “A última crônica, professora”. Observamos que os alunos estavam reunindo um acervo de leituras e começando a acessar as informações desse acervo. Pedimos a atenção deles para progressão dos fatos, em uma sequência de parágrafos que o autor usa para ambientar o leitor. Explicamos que, nos primeiros parágrafos do texto, ele aborda os pontos negativos, de como a escola era “chata” e que havia uma professora “dona Marisa”, de quem o menino não gostava. De repente, o autor apresenta outro lado da escola, aquele do qual ele mais gostava, a aula de desenho, que eram divertidas e ministradas pela linda professora dona Andréia.

A aula de desenho era uma farra. A gente abria os cadernos, que não tinham linhas, só folhas de papel em branco, para a gente fazer o que quisesse. Podia. Dona Andréia deixava.
Ela era linda.

COELHO, 2009.

Nesse ponto, destacamos que todas as escolas são assim, têm pontos negativos e pontos positivos, têm aulas com as quais temos mais afinidade e outras com que temos menos afinidade.

Em dado momento da crônica, cria-se um suspense.

Um dia, ela se atrasou. O tempo ia passando, e ela não chegava. Todo mundo estava louco para ter aula de desenho.

Por que será que ela estava atrasada?

Nessa idade, a gente sabe muito pouco da vida dos adultos. Talvez a dona Andréia tivesse brigado com o namorado. Pode ser que o diretor da escola tivesse dado uma bronca nela. Vai ver que tinha alguém doente na família.

COELHO, 2009. (Grifos nossos)

Perguntamos aos alunos se percebiam no texto esse suspense. Responderam que sim e acrescentaram que poderia ser uma técnica do escritor para prender ainda mais o leitor. Concordamos com essa observação e pedimos que notassem a visão de uma criança em relação ao mundo que a cerca. Dissemos que, possivelmente, uma criança não escreveria daquela forma, mas que se tratava da memória de um adulto escrevendo sobre como seu personagem, em dado momento na escola, percebeu a ausência da professora preferida, dizendo “Nessa idade, a gente sabe muito pouco da vida dos adultos”.

O texto prossegue. “Dona Andréia” retorna à escola e o autor poderia encerrar o suspense. “Foi quando a dona Andréia apareceu. Todos nós ficamos contentes. Não foi só contente. Foi uma espécie de alegria total, de gritaria, de explosão”.

Perguntamos a eles que sentido haveria em terminar o texto dessa forma. Perceberam que o enredo precisava ser mais rico. Continuando com o suspense, o narrador alcançaria esse objetivo. Os alunos acreditavam que, por essa razão, optara pela continuação do mistério. Ele descreve a euforia que toma conta da turma e a emoção dos alunos em rever a professora, sem imaginar que não se tratava de um retorno definitivo. Nesse momento da análise, observamos que nossos alunos foram tomados de piedade pelos pequenos alunos de dona Andréia. Queriam tanto que a professora permanecesse que cogitaram o autor terminar o texto assim, com o retorno dela. Porém, concordaram que o texto não teria o mesmo impacto se os acontecimentos fossem simples como eles estavam acostumados.

Ela começou ficando alegre com a zoeira. Deu um sorriso. O sorriso dela era lindo.

– AN-DRÉ-IA!

Depois, ela ficou um pouco assustada. Não estava entendendo a bagunça.

– AN-DRÉ-IA!

Foi então que eu vi. Ela começou a chorar.

E saiu da sala.

Na hora, não entendi.

Fiquei pensando.

Quem sabe ela se assustou muito. Talvez não imaginasse que a gente gostava tanto dela.

COELHO, 2009. (Grifos nossos)

A sequência descrita acima mostra o ápice do suspense e a forma como o texto foi escrito permite que percebamos as emoções tomando conta da professora. Nossos alunos fizeram o seguinte apontamento: “Os professores também sofrem”. Pudemos observar que essa conclusão só foi possível porque começaram a reconhecer no texto fatos semelhantes aos que vivenciamos. Nesses momentos, em que os alunos expressam suas observações de modo espontâneo, percebemos que o trabalho com a leitura os torna mais sensíveis ao outro e capazes de enxergar o mundo de outra perspectiva. Ficamos satisfeitas com esses pequenos deslocamentos, que foram sendo percebidos durante todas as aulas.

O caminho percorrido pelo narrador nos coloca diante de uma série de sentimentos: amor, medo, alegria, tristeza. Tudo isso pelos olhos de uma criança que perdia o contato com a professora preferida. Os questionamentos dos últimos parágrafos nos fazem refletir sobre o modo como tratamos as pessoas que amamos, se agimos de forma correta. Os alunos da “dona Andréia” começaram a perceber que ela passava por alguma dificuldade e, por isso, precisara se ausentar.

A Andréia nunca mais voltou.

As aulas de desenho acabaram. Comecei a perceber uma coisa. É que às vezes, quando a gente gosta demais de uma pessoa, não dá certo. Dá uma bobeira na gente. A gente começa a gritar:

– Andréia! Andréia!

E a Andréia fica sem jeito. Não sabe o que fazer. Se assusta. Enche-se.

Ouçá este conselho.

Se você gosta muito de alguém, tome cuidado antes de fazer escândalo. Não fique gritando “Andréia! Andréia!”. Finja que você só está achando a pessoa legal, nada mais. Senão a Andréia sai correndo.

Quando a gente gosta de alguém, tem de fazer como sorvete. Dá uma mordidinha. Mas não enfia o nariz e a boca na massa de morango. Senão, vão achar que a gente é idiota.

As pessoas da minha classe gostavam tanto da Andréia, que ela foi embora. Se a gente fosse mais esperto fingia que não gostava tanto.

COELHO, 2009. (Grifos nossos)

Assim a crônica se encerra, trazendo à discussão assuntos sérios, mas de uma forma leve, pela visão de um aluno que deduzimos ser uma criança, pela reação dele ao observar que a professora preferida passava por problemas da vida adulta. Dissemos aos nossos alunos que os professores são pessoas normais, que passam por dificuldades, doenças, problemas psicológicos e que os estudantes precisam colaborar com todos os professores, porque talvez não saibamos o que estão vivenciando num dado momento. Lembramo-nos de alguns professores da escola que estavam afastados ou precisaram se afastar para cuidar da saúde, dos filhos, porque se aposentaram. Os alunos se sentiram motivados a conhecer melhor os professores e serem mais atenciosos e participativos durante as aulas.

Passamos à oficina de produção, na qual os alunos precisavam escrever um texto que relatasse a relação que tinham com seus professores e como se consideravam como alunos. Sugerimos o seguinte roteiro:

1º Parágrafo, introdução: escreva sobre o seu sentimento para com a escola.

2º Parágrafo, desenvolvimento: escreva os pontos positivos e negativos de sua escola.

3º Parágrafo, desenvolvimento: escreva sobre suas atitudes e seu comportamento na escola.

4º Parágrafo, conclusão: escreva sobre o seu relacionamento com os professores; se já teve algum atrito com eles, escreva sobre isso e também como foi resolvida a situação.

5º Parágrafo, conclusão: encerre o texto com mensagens para um professor, para você no futuro e para o colega de quem você mais goste.

Destacamos que esse roteiro auxilia os alunos na produção escrita. Percebemos que eles ainda enfrentavam algumas dificuldades para expor e organizar as ideias, então, a fim de orientá-los, elaboramos esse roteiro para elaboração dos parágrafos.

3.4.9 “Ser brotinho”: leitura análise e produção

Continuando com as oficinas de leitura e produção, passamos à crônica “Ser brotinho”, de Paulo Mendes Campos. Começamos pela etapa de motivação, com uma forma diferente da dinâmica “palavra puxa palavra”. A professora dava uma palavra para toda a turma e os alunos precisavam dizer palavras que se relacionassem com a palavra dada.

Por ser pertinente ao texto, a palavra escolhida foi ADOLESCÊNCIA, que escrevemos em destaque no quadro. Em seguida, cada aluno disse uma palavra, que foi escrita em torno da palavra central, e chegamos à seguinte seleção: desafio, aparecido, chatice, bagunça,

incompreendido, aventura, viver, *watts*, preguiça, confiança, morrer, fervo, jogo, felicidade, treta, independência, vingança, curiosidade, modinha, realidade, noiado, paranoia, caos, bipolar e irresponsável. Foi uma atividade exitosa, com a participação de todos.

Passamos, então, a analisar o texto, pedindo aos alunos que refletissem sobre as palavras selecionadas. Para isso, quem havia dito uma determinada palavra precisava explicar a relação que fazia entre sua palavra e adolescência. Começamos por “desafio”. O aluno que a escolhera disse que se sentia muito desafiado nessa fase, fosse pelos amigos, fosse pela família, por isso, havia usado essa palavra para se expressar. Uma aluna havia dito a palavra “aparecido”, e comentou a atitude que alguns colegas têm de querer se destacar por meio de alguma brincadeira. Outra aluna destacou que a fase é uma “chatice”, pois ela gostaria de ter mais liberdade para sair e se divertir, mas os pais não lhe dão essa liberdade.

Nesse momento, os alunos tiveram a oportunidade de expor o que percebiam na fase que estão vivendo. Todos conseguiram dizer o que pensavam. Durante a aula, todas as palavras foram analisadas.

Retomamos nossa fala de mediadora e trouxemos contribuições sobre a fase de vida pela qual nossos alunos estão passando. Transmitimos orientações pertinentes sobre sexualidade, combate ao uso de drogas lícitas e ilícitas, respeito pelas pessoas, relação harmoniosa com os responsáveis, cuidados de higiene pessoal e etapas de desenvolvimento do corpo e da mente. Investimos nessas orientações por compreender que é uma fase importante para a vida adulta e sabermos que os alunos têm grande dificuldade de se expressar, por temer julgamento. Por isso, tentamos deixá-los bem à vontade e nos colocamos à disposição deles para tirar dúvidas e auxiliá-los em qualquer questão relacionada ao que estão descobrindo.

Foram aulas bastante produtivas e destacamos a participação dos alunos, que estão desenvolvendo capacidade de reflexão, análise, compreensão do texto e exposição das próprias ideias.

Logo após a etapa de motivação, entregamos o texto impresso e, nesse momento, fizemos um breve comentário sobre ele, buscando despertar nos alunos o desejo de ler. Pedimos que ficassem atentos ao vocabulário e a algumas expressões comuns na época em que o texto foi escrito. Começaram a leitura individual e silenciosa.

Pedimos que destacassem as palavras e expressões cujo significado não soubessem. Por ser um texto longo, os alunos precisaram de mais tempo para a leitura. As palavras relacionadas pelos alunos foram: brotinho, píncaro azulado, esquemática, vitrola, elepês, imprescindível, inflexão, anacolutos, criptográfica, hermética, eufórica, presunção e incomensurável. Logo após, passamos a procurar os significados no dicionário e informamos

aos alunos que “brotinho” era uma expressão similar a uma gíria e servia para nomear as adolescentes daquela época, destacando que não eram mulheres maduras, apenas “brotinhos”.

Pedimos que os alunos listassem palavras usadas para caracterizar os jovens de hoje. A lista foi a seguinte: gatinha/gatinho, *crush*, periguetes, falsiane, fechamento, moção. Observamos que essas expressões são muito usadas nas redes sociais, em letras de músicas, no tratamento pessoal entre os alunos, isto é, nas situações de comunicação entre os jovens. Pontuamos que cada época tem suas formas de expressão e que os termos usados pelo autor denunciavam que a crônica não havia sido escrita em nossa época. Mesmo assim, permanecia atual, ao abordar a vida de uma jovem cujo comportamento pode ser notado nas jovens de nossos dias. Pedimos que os alunos falassem de suas impressões a respeito do texto. Eles consideraram que o texto tinha palavras complexas e que o modo de escrever dificultava a leitura e a compreensão.

Nesse momento, optamos por fazer pausas durante a leitura, para que pudessemos intervir e discutir detalhadamente aquilo que os alunos consideravam difícil de compreender. Pedimos que colaborassem, expressando suas observações durante a conversa. Vejamos o começo da crônica:

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

CAMPOS, 1960. (Grifos nossos)

Começamos destacando que, no primeiro parágrafo, o cronista não considera que a vida de um adolescente seja fácil, pois a expressão “píncaro azulado” se relaciona com “céu azul”, que podemos traduzir por “período de paz” ou “um dia bonito”. Os alunos concordaram, dizendo que, no início, já perceberam que o autor realmente conhecia a vida de um jovem. Falamos sobre o cuidado que devemos ter com primeiras impressões, pois o autor também poderia estar usando de ironia com essa afirmação. Com isso, a turma ficou em suspense.

Continuamos a análise, observando a frase “ser brotinho é sorrir bastante”. Ela poderia significar uma vida só de alegrias. Os alunos observaram que existe o riso de nervosismo também e que, muitas vezes, eles ficam nessa situação. Uma aluna disse “rir pra não chorar” e os colegas concordaram.

Pedimos que voltassem à leitura e observassem a presença do verbo *ser* conjugado na terceira pessoa do singular no presente do indicativo: “é”. Questionamos qual seria a intenção

do autor ao usar essa marca no texto. Os alunos não conseguiram atribuir sentido a essa repetição. Sugerimos ser uma marca de afirmação. O peso do “é” seria para reforçar a ideia de uma sentença, um registro daquela fase tão inquietante do ser humano, em que os jovens buscam afirmação ou descobrir quem são, uma identidade que passa pelo processo de afirmação e de conhecimento de seu verdadeiro eu.

Selecionamos dois parágrafos para observar a intensidade da repetição do verbo. Observem:

Ser brotinho é poder usar óculos como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento. É telefonar muito, estendida no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

CAMPOS, 1960. (Grifos nossos)

Nesse momento, os alunos perceberam a insistência no “é”, e disseram que, na primeira leitura, não haviam percebido o uso excessivo do termo. Perguntamos se concordavam ou se tinham outra opinião sobre esse tipo de escrita. Preferiram não opinar e mantiveram a ideia inicial da professora, de que era uma necessidade de afirmação do personagem.

Com o avanço na leitura, percebemos que o texto descreve o personagem “brotinho” tanto no comportamento como nas características físicas e psicológicas, e termina da seguinte forma:

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. Detestar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando até a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

CAMPOS, 1960. (Grifos nossos)

Nesse ponto, destacamos que a instabilidade é normal e que existe uma cobrança por parte dos adultos para que os adolescentes se relacionem melhor com as outras pessoas e sejam capazes de resolver situações do dia a dia. Esse desenvolvimento é necessário e faz parte dessa etapa da vida, pois o adolescente está no meio do caminho entre abandonar as práticas infantis e começar a participar das atividades adultas, o que requer responsabilidade, daí ser cobrados demasiadamente.

Gostaríamos que os alunos tivessem se identificado mais com o texto, mas o que percebemos foi que conseguiram estabelecer um diálogo com eles, mas sem muita profundidade. Apenas uma aluna realmente se identificou com a personagem e compartilhou um pouco com os colegas experiências como as que haviam lido.

Ao final da aula, e depois das discussões, o que podemos concluir com essa falta de identificação é que, talvez, aquela jovem retratasse uma adolescente em uma situação social diferente das dos nossos alunos, por isso, faltou a apropriação que gostaríamos de ter visto. Uma jovem de cidade grande, em contato com uma realidade diferente da dos nossos alunos, não poderia servir de espelho. São apenas suposições que fazemos diante da falta de intimidade que observamos entre nossos alunos e o texto.

Como percebemos que não houve identificação dos alunos com a personagem que simboliza a fase de vida que estão vivendo, pedimos que escrevessem um texto sobre o que consideravam importante em “ser jovem” nos dias de hoje. Assim, passamos para a oficina de produção. No texto, deveriam destacar as seguintes situações:

- Atitudes do jovem.
- Perigos da juventude.
- Aventuras vividas na juventude.
- Como os jovens se relacionam com amigos e pais?
- O que mais gostam de fazer sozinhos?
- O que mais gostam de fazer junto com os colegas?
- Como se veem, “que tipo de jovem eu sou”?
- Que mudança mais impactou sua vida?
- Qual a perspectiva para o futuro?

As orientações para a escrita do texto não seguiram o padrão de um roteiro como os anteriores, mas serviram como sugestões do que abordar. Percebemos que essa prática de

direcionar o que os alunos podem escrever em seus textos os tem ajudado muito a produzir com mais criatividade. Muitas vezes, eles interrompem a escrita e perguntam se podem escrever sobre algo que acham importante. É quando aproveitamos para dizer que sim e que é importante que se manifestem sobre o que querem escrever. Acreditamos que, assim, estejamos acompanhando a construção da autonomia dos alunos sobre o desejo de escrever.

3.4.10 “Pai não entende nada”: leitura, análise e produção

Nesse momento da intervenção, começamos a nos avaliar a respeito do que os alunos estavam compreendendo sobre a relevância do projeto de leitura, se conseguiam observar que o projeto buscava privilegiar como prática significativa a leitura no espaço escolar. Por isso, nessa aula, buscamos fazer uma avaliação sobre o que os alunos estavam apreendendo nas oficinas de leitura e escrita. Buscamos atender os alunos em grupos de até cinco, assim, conseguiríamos ter uma conversa mais pontual no tocante às apropriações individuais na leitura.

Cada grupo foi interpelado sobre o que estávamos focando durante as aulas e todos observaram que a leitura estava sendo praticada com bastante frequência, só que de uma forma diferenciada e que, agora, eles conseguiam perceber que o que leem pode ser visto em suas vidas.

Outro desafio era saber se as aulas estavam a contento, se correspondiam às expectativas deles. Responderam que sim, que as aulas estavam mais dinâmicas, que eram convidados a participar da discussão e que a professora os ouvia sempre com atenção.

Ao lhes perguntar se estavam compreendendo a leitura como uma atividade prazerosa, alguns nos disseram que têm dificuldade de conceber a leitura como hábito, que ainda acham a atividade “chata” e “sonolenta”. Orientamos esses alunos a procurar textos e livros que contenham assuntos com os quais se identifiquem, assim, a leitura despertará mais interesse neles, seja para conhecer mais sobre determinado assunto, seja para discutir em rodas de leituras com amigos que tenham os mesmos gostos.

Comentamos que existe uma variedade enorme de títulos disponíveis para leitura e que gostaríamos que eles praticassem escrever sobre o que mais gostam. Informamos que há vários suportes tecnológicos que podem publicar e compartilhar a escrita deles com outras pessoas e nos colocamos à disposição para ajudar, caso tenham interesse em conhecer esses suportes.

Durante essa aula, continuamos com as oficinas de leitura e produção. Como a roda de conversa com os grupos foi realizada no contraturno, tivemos menos tempo, por isso, optamos por uma crônica bem curtinha de Luís Fernando Veríssimo, que se chama “Pai não entende nada”.

A crônica se assemelha a uma já trabalhada, do mesmo autor. O texto se desenvolve num diálogo entre pai e filha. Nesse texto, os alunos observaram também o tom humorístico do autor. Nessa crônica, existe um rompimento da expectativa em relação à conclusão da conversa. Os alunos fizeram a leitura compartilhada, na qual todos tiveram oportunidade de ler e dar ao diálogo dos personagens a entonação que julgaram mais apropriada.

– Um biquíni novo?

– É pai.

– Você comprou um ano passado!

– Não serve mais, pai. Eu cresci.

– Como não serve? No ano passado você tinha 14 anos, este ano tem 15. Não cresceu tanto assim.

– Não serve pai.

– Está bem, está bem. Toma o dinheiro. Compra um biquíni maior.

– Maior não pai, menor.

Aquele pai, também, não entendia nada.

VERÍSSIMO, 2013. (Grifos nossos)

A crônica se inicia com a fala do pai, que pergunta à filha o que ela precisava comprar tão urgentemente. Ela o surpreende, pedindo um biquíni novo. Perguntamos aos alunos se poderiam supor como era esse pai? Responderam que parecia um homem legal e que aparentemente sempre atendia a filha. Perguntamos se concordavam com a afirmação do título, “pai não entende nada”. Responderam que sim, pois aquele pai não entendia que a filha estava crescendo e tinha outras intenções em comprar um biquíni novo.

Pedimos que analisassem a personagem filha e perguntamos que impressões tiveram dela. Os alunos sugeriram que era uma adolescente muito esperta e corajosa ao dizer a verdade ao pai, que, mesmo que estivesse crescendo, ao invés de querer um biquíni maior, no qual ela coubesse, queria um biquíni menor, para mostrar o corpo. Percebemos pelos comentários que os alunos se apropriaram melhor desse texto do que do anterior. Eles relataram que pedem muitas coisas aos pais, mas que nem sempre são atendidos.

Para a oficina de produção, pedimos aos alunos que utilizassem o mesmo formato de diálogo e escrevessem uma conversa entre eles e um de seus responsáveis, mantendo o tom de humor no texto. Por ser um texto curto e objetivo, não passamos nenhum roteiro aos alunos.

Apenas pedimos que escrevessem uma conversa que já haviam tido ou possivelmente teriam com os pais.

A escrita desse texto foi notadamente mais rápida e os alunos não tiveram dificuldade na execução, exceto pelo fato de que a maioria não conseguiu dar um tom humorístico ou irônico ao texto. Observamos que os alunos seguiram o diálogo e registraram assuntos que normalmente são discutidos com os pais, como a compra de um tênis, de um celular, a necessidade de sair com os amigos, mas não conseguiram utilizar o humor na escrita. Tentamos intervir, chamando a atenção para algo que poderia ajudar nisso, mas eles tiveram dificuldade de compreender que essa abordagem contribuiria para alcançarem o que desejávamos nos textos.

Assim, encerramos nossas oficinas de leitura e produção textual. Consideramos que obtivemos excelentes resultados, mesmo diante das dificuldades. Os alunos desenvolveram a leitura necessária à compreensão dos textos, registraram suas observações e produziram textos que atendiam às orientações recebidas e, principalmente, desenvolveram um novo olhar sobre a leitura literária, pois se mostraram interessados nos textos e se envolveram em todas as atividades.

3.5 Roda de conversa com um escritor

Acreditamos que aproximar o aluno do mundo da literatura requer também a vivência de múltiplas experiências literárias. Uma delas é proporcionar o contato deles com um escritor. Optamos por convidar alguém do município que convivesse com a experiência da escrita.

Para esse momento, escolhemos o escritor Jailton Dias, um jovem brilhante, que concordou em compartilhar com os alunos a experiência de se expressar através da palavra escrita. Foi um momento incrível, segundo os alunos. Eles não pensavam que um escritor pudesse fazer uma visita à escola e conversar com eles, relatando experiências tão particulares de seu ofício. Informamos que, ao final da palestra, poderiam fazer perguntas.

Jailton Dias explanou a dificuldade em publicar seu primeiro livro, que infelizmente não encontrara apoio para a publicação e, por isso, teve de investir suas economias na impressão da obra. Trata-se de um romance intitulado *Sempre lembrarei*. Informou, ainda, que não há, no Mato Grosso, nenhuma livraria em que o romance esteja disponível para venda e que apenas uma livraria de Minas Gerais revende suas obras. Acrescentou que os exemplares já estavam se esgotando.

Jailton contou também que aproveita muito as bienais de livros que acontecem em todo o país para divulgar seu trabalho e que revende os livros por um valor acessível a todos. De sua experiência com a escrita, disse que foi uma professora que o incentivou a se tornar escritor, pois via nele um aluno que tinha histórias interessantes a serem compartilhadas com o mundo. Disse, ainda, ter começado a escrever sem a pretensão de publicar, mas que tomou coragem e fez a melhor escolha de sua vida, pois, com seu trabalho, tem conquistado muitas experiências e amigos, que o conhecem por meio do seu livro.

Os alunos ficaram entusiasmados em escrever e viram até mesmo a possibilidade de trabalhar com a escrita. Ficaram curiosos sobre a situação financeira do escritor. Jailton disse a eles que ainda não consegue se manter apenas com o que escreve, por isso, trabalha em um laboratório agrícola do município, mas que pretende se graduar em Letras, pois essa seria uma formação ideal para seus interesses.

Tivemos de encerrar a conversa, o que entristeceu bastante os alunos, mas estamos certos de que guardarão essa experiência por muito tempo. Com essa atividade, eles perceberam que o escritor é um ser humano comum, mas profundo observador dos detalhes da vida. Assim como um artista que pinta uma tela, ele vai desenhando e organizando a vida por meio da escrita.

4 A PRODUÇÃO ESCRITA DOS ALUNOS

Ao pensar em desenvolver a competência escrita do aluno por meio de leituras e práticas de reflexão, nosso objetivo era fazer um registro daquilo que o aluno havia compreendido dos textos.

Ressaltamos que a maioria dos alunos produziu textos coerentes, que estão compilados numa pequena coletânea. Aqueles alunos que não participaram das etapas de escrita foram avaliados em outras produções, como mural, dramatização e rodas de conversa.

No total, os alunos produziram vinte e quatro textos, que são intertextos das crônicas lidas durante o desenvolvimento do projeto. Desse total, analisaremos quatro produções.

Destacamos que, por meio das atividades e das orientações recebidas durante as oficinas, os alunos conseguiram escrever de forma criativa, como observamos em suas produções. Por serem alunos do 9º ano, não apresentaram grandes dificuldades na coerência, na ortografia ou na pontuação. A correção desses textos se dava simultaneamente à escrita, quando eram feitos apontamentos sobre o que deveria ser corrigido ou refeito.

Na correção, optamos por deixar algumas características da escrita dos alunos, como marcas de oralidade, gírias e falta de concordância, pois não tínhamos o objetivo de explorar a linguagem formal, mas garantimos que tais características não prejudicam a compreensão dos textos, pelo contrário, eles se tornam mais interessantes e humorísticos.

O primeiro texto analisado foi desenvolvido na primeira oficina de produção, em que trabalhamos a crônica de Tatiana Belinky, “Crônica para dona Nicota”.

A minha 1ª semana de aula

Meu nome é Laura Cristini e curso 9º ano da escola Ledy Anita Brescancim. Este é o meu último ano aqui por isso eu resolvi comentar algumas experiências.

Nossa escola como todas as outras parece bem normal para quem vê de fora (ou melhor, para os pais), mas por dentro é aquela loucura.

Esqueça os padrões dos grupos nerds, valentões e patricinhas. Aqui tudo se mistura e todo grupo tem a loucona, o mauricinho, a patricinha, o piadista e o gênio da matemática.

O nosso grupinho não é diferente. Dentro da nossa sala somos em 5 (porque o resto da galera foi desmembrado). A loucona é a Larissa, o palhaço é o Hebert, a cheia dos “contatinhos” só podia ser a Alice, o “vira copos” é o Tainã e por fim (pedi umas opiniões para a Larissa) a desmiolada sou eu.

Nossa primeira semana começou como uma semana normal, passei na casa da minha “Best” e no meio do caminho encontramos a nossa amiga Alice, chegamos à escola e tivemos uma surpresa. Nossa turma estava toda separada. Inclusive a minha “Best”, a Emilly, ficou em outra turma. Também ficamos sabendo que nosso amigo Charles havia se mudado, mas nós ainda podíamos nos reunir para tomar um tereré.

Autora: L. C.

O narrador começou o texto destacando o motivo pelo qual queria fazer o texto, por se tratar do último ano dela e de seus colegas na escola. Percebemos aí um motivo pelo qual importava escrever, o de destacar as peculiaridades daquela turma com a qual ela havia estudado durante alguns anos.

Ele escreve do ponto de vista do aluno que vive a realidade da escola e destaca que quem “vê de fora (e principalmente os pais)” não pode saber o que realmente acontece ali. É importante ressaltar que ela está usando uma escrita que convida o leitor ao seu texto. Percebe-se isso quando ela diz “esqueça os padrões”. Notamos que estabelece um diálogo com seu possível leitor. Na escrita, temos informações importantes sobre os grupos que se formam nos corredores da escola, mas que, convivem harmoniosamente, isso é notório quando diz: “Aqui tudo se mistura”.

Fica claro que o adolescente que ler esse texto poderá se identificar com os personagens descritos, pois são abordadas situações comuns na vida dos jovens estudantes e o narrador usa bem os elementos argumentativos. Temos dificuldade de encontrar as características de um texto literário nessa produção, mas lembramos que esse texto foi escrito nos primeiros contatos dos alunos com o texto literário. O texto é concluído, destacando um acontecimento desagradável, que foi a mudança de alguns colegas da turma. Por mais que seu texto não tenha semelhança com a crônica lida, segue corretamente o roteiro sugerido.

Passamos à produção desenvolvida no decorrer do trabalho com a crônica de Fernando Sabino, “A última crônica”.

O último beijo

Em um belo dia, andando numa cidadezinha chamada Mocotó de Bucho, que tinha em torno de 999.998 habitantes, existia um casal muito apaixonado. Eles estavam em um barzinho sentados namorando como um bom casalzinho apaixonado. Eu entrei no barzinho e sentei em um banquinho pedi que me trouxessem algo para molhar a boca, que me trouxessem um copinho chique de jurubeba, fiquei observando o casal era de dar inveja.

Eu bebendo a jurubeba, e olhando o casal percebi que alguma coisa ia acontecer, quando menos esperava a menina e o menino levantou-se, eu

pensei que eles iriam embora, porque o rapaz tirou o dinheiro da bolsa, e deu para o garçom como se fosse pagar as coisas que ele pediu.

Em tempo de eu fechar o olho e abrir, ele agarrou ela e deu um beijo, mais apaixonado que ele poderia dar.

Foi de brilhar o olho porque era muito bonito de ver. Quando menos ninguém esperava ele tira uma arma de sua costa, e coloca no meio. Aquele beijo lindo continuava. Ele deu um tiro bem no coração da menina, todo mundo que estava no bar ficou muito assustado, o coitado do garçom derrubou um copo de vidro, foi só encostar no chão que ele se despedaçou.

Depois que o menino atirou na menina acabou atirando em si mesmo, todo mundo ficou surpreso. Eles morreram se beijando, aquele dia foi muito tenso, mas foi um beijo muito apaixonado.

Autor: P. G.

Nesse texto, percebemos que o narrador conserva alguns elementos da crônica de base. Assim como o narrador da “A última crônica”, ele descreve vários elementos em seu texto e aluno opta por iniciar a produção com um tom humorístico. Percebemos isso em alguns termos, como o nome da cidade, “Mocotó de Bucho”, a bebida que ele pediu para tomar, “copinho chique de jurubeba”, a antítese entre o termo “cidadezinha” e a quantidade de habitantes “999.998”. São todos elementos que transmitem humor no texto.

Observamos também que tais elementos despertam a curiosidade do leitor, pois, ao considerar o texto cômico no primeiro parágrafo, o leitor se envolve na situação descontraída que lhe é apresentada. Já no segundo parágrafo, o autor desperta no leitor o interesse pela leitura com um tom de suspense, quando relata: “Percebi que alguma coisa ia acontecer”. Paulo Gustavo cria uma atmosfera de mistério, que se intensifica ainda mais quando ele descreve as ações dos personagens de sua história, como em “o rapaz tirou o dinheiro da bolsa”, “deu (o dinheiro) para o garçom”, “agarrou ela e deu um beijo”. Podemos dizer que ele se mantém como um narrador personagem, pois apenas observa aquela cena, assim como o narrador criado por Fernando Sabino.

O texto ganha um tom de romance policial quando o narrador atribui ao personagem masculino um crime passional: “Ele tira uma arma de sua costa, e coloca no meio”, “ele deu um tiro bem no coração da menina”, “depois que o menino atirou na menina acabou atirando em si mesmo”. Isso gera mais expectativas pelo desfecho. Nessa escrita, percebemos que o suspense é sustentado durante a narrativa, o que prende o leitor até o final da história. A violência contra a mulher é o assunto abordado nesse texto e retrata a realidade de muitos relacionamentos. Consideramos que o aluno conseguiu trazer para seu texto as características de uma crônica, pois se trata de um texto leve, com um assunto do cotidiano. Ele desperta no leitor sensações como humor, curiosidade, raiva e tristeza. Destacamos que esse texto seguiu as orientações recebidas durante a segunda oficina número de produção escrita.

O texto a seguir foi desenvolvido durante o trabalho com a crônica de Marcelo Coelho, com o título “A professora de desenho”.

A minha escola

A maioria das pessoas acha a escola uma chatice, pelo menos a minha é uma chatice. Nossa! Essas matérias de história e geografia me embaralham toda, é tudo quase a mesma coisa.

É, mas tem partes boas, como a aula de Educação Física que nos deixa mais livre. Agora e aula de inglês? Aula chata tem que ficar decorando aqueles negócios Past Continuous, Simple Past.

Ano passado em 2016 nós tínhamos uma professora de Artes tão boa, ela era MARAVILHOSA, super meiga, nunca irei esquecê-la, sempre vai ficar marcada em minha vida. Na aula de artes eu participava de tudo, ajudava ela, era impressionante.

Eu sempre assumi meus compromissos na escola como aluna, meus professores sempre dizem que tenho boas atitudes, ninguém nunca reclamou. A escola pode ser uma chatice, mas dependemos dela para conseguirmos viver uma vida melhor.

Autora: M. K.

Seguindo o roteiro recebido durante a oficina de produção, começa destacando sua opinião sobre a escola e mantém o discurso de narrador, como na crônica lida durante as aulas. Ela justifica os motivos pelo quais considera a escola uma “chatice”. Descreve algumas práticas que fazem com que tenha dificuldade em determinadas matérias. Podemos considerar que, nessa descrição, estabelece uma identificação com alguns leitores.

O tom usado na maior parte do texto é o humorístico, como vemos na passagem em que diz “aula chata tem que ficar decorando aqueles negócios Past Continuous, Simple Past”. Alunos que têm a mesma opinião sobre as aulas de Inglês terão facilidade em compreender o sentimento narrado em relação a essa exigência da matéria.

Há relatos de uma experiência semelhante à do personagem do texto “A professora de desenho”, pois destaca a contribuição de “uma professora de artes” em sua vida escolar. Assim como na crônica de Coelho, essa professora era “tão boa”, “maravilhosa” e “super meiga”. Neste texto ocorre outra situação semelhante à da crônica trabalhada: assim como no texto de base, a professora também precisa ir embora, o que constatamos no uso das frases “tínhamos uma professora” e “nunca irei esquecê-la”. O leitor pode ser levado a entender que essa professora já não está na escola, o que possivelmente é motivo de tristeza para a aluna.

O texto atendeu ao roteiro sugerido durante a oficina e observamos que tem características de uma crônica, pois, ao narrar, a autora coloca suas observações sobre os fatos simples e circunstâncias do seu dia a dia e, na leitura, o leitor é conduzido pela descrição da narrativa a ir ao encontro das experiências que com ela compartilha.

O próximo texto também foi escrito durante a leitura da crônica de Coelho. No entanto, a aluna não seguiu o roteiro sugerido, mas utilizou-se das reflexões feitas em sala de aula sobre a vida do(a) professor(a) e também de uma sequência de imagens que mostravam professores em diversas situações de sala de aula.

Vida de professor

Professores tem vida fora da escola, suas vidas sociais.

As professoras antigamente não tinham amigos fora da escola e não podiam se relacionar com homens.

O professor pega até criança no colo para dar sua aula e não manda a mãe embora.

Uma professora até veste a caráter da matéria se caracteriza no tema egípcio pra aula não ser monótona.

O professor de matemática pode usar uma cadeira como régua.

O professor tira self com os alunos.

O professor está fazendo experiências.

O professor sente dor de cabeça por não conseguir dar sua aula.

O professor planejando suas aulas.

O professor estava explicando.

“A tristeza do professor é falar para uma plateia que não quer ouvir, ensinar uma plateia que não quer aprender.”

Autora: E. A.

Como já exposto, durante a oficina levamos fotos de professores no ambiente de trabalho para que os alunos observassem algumas situações da vida dos professores. No texto de Edilene, podemos perceber que ela observou a sequência de imagens para construir seu texto e fazer uma homenagem aos professores que trabalham com ela. Há destaque para uma série de situações que envolvem os professores, como sua vida social: “Professores tem vida fora da escola”. Isso serve para chamar a atenção do leitor, que pensa que o professor é apenas um profissional. Para isso, há o registro no texto dos problemas que ele tem em sua vida pessoal também.

A narradora pontua a criatividade que muitos professores precisam ter para chamar a atenção dos alunos sobre aquilo que ensinam: “se caracteriza no tema egípcio pra aula não ser monótona”, “tira self com os alunos”, “faz experiências”. A aluna lista as atitudes do professor diante dos alunos e o que ele pode fazer para tornar a aula mais atrativa.

Para concluir, há o uso de uma frase que aponta para a lição que o texto traz e aborda a principal dificuldade que os docentes encontram em sala de aula, que é a falta de interesse dos alunos, muitas vezes desmotivados para aprender.

Mesmo não seguindo o roteiro sugerido para a produção do texto, sua produção pode ser considerada uma crônica, pois, em pequenos enunciados, conseguiu destacar uma série de

rotinas que observamos na vida dos professores. Notamos também que o tom usado pela narradora foi o reflexivo. Dizemos isso por observar uma lista com várias situações que chamam a atenção para o ofício do professor. Assim, o leitor pode ser sensibilizado ao ser confrontado com suas atitudes diante do profissional que nos ensina e, a partir de então, pode buscar novos comportamentos em sala de aula.

Ressaltamos que todos os textos refletiram resultados positivos das aulas de leitura do texto literário. Com relação à crônica, destacamos que ela foi um instrumento muito importante neste trabalho.

Para apresentação dos textos aos demais colegas da escola, escolhemos o momento do ato cívico em homenagem ao aniversário da cidade de Campo Verde. Para esse dia, montamos um mural com diversas fotos em que os alunos estavam envolvidos em alguma atividade do projeto. Esse mural também tinha textos que descreviam as imagens e explicavam a qual situação se relacionavam. O mural tinha o formato de um jornal.

Também fizemos a leitura de três crônicas como apresentação dos textos que havíamos trabalhado. Colocamos as produções dos alunos à disposição dos demais para leitura. Nossos alunos ficaram orgulhosos com as manifestações daqueles que leram os seus textos. Ainda apresentamos a coreografia “Lixo no lixo”, da banda de música Falamansa. Esse momento foi muito aplaudido por todos que assistiam à apresentação.

O grupo teatral apresentou a esquete sobre o *bullying*, com a participação da professora. O grupo conseguiu interpretar a forma como o *bullying* tem acontecido nas escolas e levou a todos a reflexão sobre a atitude que se deveria ter ao praticar ou ver alguém praticar o *bullying*. Devemos tentar mediar a situação e não ignorá-la, como é muito comum. A maioria acredita que o *bullying* é apenas uma brincadeira, mas ele traz profundos prejuízos ao comportamento social tanto de quem o pratica quanto de quem é alvo dele.

Os depoimentos de todos que assistiram a esse momento foram positivos. Parabenizaram a professora e os alunos por tratarem de assuntos tão pertinentes ao contexto escolar, como o lixo e o *bullying*. Disseram que projetos com esse formato são importantes e como é bom que aconteçam na escola. Encerramos o trabalho com os alunos do 9º ano esperando ter contribuído para a formação de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura, pela liberdade que a funda, exprime conteúdos diversos, essenciais e secundários, evidentes e problemáticos, coerentes e contraditórios, que frequentemente antecipam os conhecimentos vindouros. Em cada época, textos estranhos e atípicos nos mostram (ou nos lembram) que o ser humano continua sendo um universo com vasta extensão a explorar.

(JOUVE, 2012, p. 165).

Consideramos que a literatura continua exercendo uma influência importante sobre a existência humana. Assim como a vida não é previsível, os efeitos da literatura no indivíduo também não são. Quando estamos diante de um texto literário, são múltiplas as experiências evocadas, podemos sentir proximidade ou repulsa, mas o espírito nunca fica inerte.

Os leitores jovens têm tido poucas experiências com o texto literário e isso precisa ser corrigido com urgência, para que não corramos o risco de não conseguir preencher o vazio existencial que só pode ser preenchido com a experiência literária.

A compreensão do mundo fica mais clara depois de experiências antecipadas por meio da leitura. Assim, o indivíduo que tem mais contato com a leitura literária detida, profunda e transformadora possivelmente saberá lidar melhor com situações ainda não confrontadas.

Vimos que a leitura literária não tem sido feita com a frequência necessária no contexto escolar. As atividades de leitura, muitas vezes, concentram-se em dois momentos distintos, na Educação Infantil e no Ensino Médio. Desse modo, muitas vezes, os alunos do Ensino Fundamental são negligenciados e carecem do contato com a literatura, seja por opção dos professores que lidam diretamente com o ensino de Língua Portuguesa, que tentam privilegiar o ensino de outros aspectos que julgam mais importantes, seja porque falta aos professores a formação necessária para lidar com a leitura de textos literários.

Com este trabalho, experimentamos práticas de leitura que colaboraram, primeiramente, para a mudança da visão que os alunos tinham das aulas de leitura. Quando apresentamos a proposta de trabalho por meio de oficinas, atribuímos às aulas uma dinâmica de interação e participação efetivas, além da compreensão do texto literário como um objeto de representação da vida e da criação de um espaço de reflexão sobre assuntos complexos que essa reflexão só se tornou possível por termos como pano de fundo a experiência com o literário. Avaliamos que a mudança de comportamento dos alunos diante da própria leitura foi notória. Antes, a leitura era vista como meio de adquirir conhecimento; hoje, eles entendem que, além de conhecimento, é possível passar por diversas experiências, ter contato com o

outro, posicionar-se de diversas maneiras diante de um texto. E, principalmente, consideram que a leitura que fazem do texto é tão importante quanto a do autor e que sua interpretação é válida desde o momento em que dialogam com o que está escrito.

Todas essas transformações foram alcançadas com simplicidade, por meio de um gênero tão brasileiro como a crônica (CÂNDIDO, 1999). Por meio da diversão também se aprende e não devemos pensar que as coisas “sérias” são mais importantes e que apenas elas devem ser aprendidas.

Buscamos sempre superar as dificuldades que apareceram durante o percurso – falta de atenção, poucas experiências com a leitura literária, dificuldades para ler o texto, desmotivação diante das atividades de leitura – e elas foram refletidas por outras experiências, positivas, que alguns autores compartilham em seus livros e artigos.

Lendo as pesquisas, descobrimos que a teoria sobre a literatura muda conforme a necessidade leitora avança. Antes, o autor era o detentor de todo o entendimento sobre o texto. Depois, vemos o próprio texto assumindo essa grande importância na produção de sentido. Em seguida, o leitor é colocado em um pedestal e somente a sua leitura importa. Hoje, acreditamos que a compreensão da leitura se sustenta em um tripé, autor-texto-leitor, todos envolvidos no processo dialógico da leitura. Assim, para que o trabalho efetivo da leitura produza resultados positivos, essas três bases precisam estar em harmonia, e não concorrendo uma com a outra, para que se possa visar a uma completude no processo de leitura.

Com o exercício constante da leitura, percebemos que os alunos se envolveram e alcançaram outro nível intelectual. Esperamos que outros professores possam continuar o trabalho que iniciamos com este projeto.

Uma transformação maior, e assim a consideramos por ser íntima, foi a que ocorreu em nosso modo de compreender e ensinar a leitura literária. Até o início deste projeto, não havíamos desenvolvido experiência tão impactante com nossos alunos. Hoje, incomoda-nos lembrar nossas práticas antigas, que servem de aviso para que não cometamos os mesmos erros.

A experiência adquirida com o desenvolvimento deste projeto foi resultado de um trabalho insistente sobre o modo de ler, de compreender e de produzir, mas totalmente satisfatório, pois vimos a contribuição dele para a vida de nossos alunos leitores.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura literária para crianças brasileiras: das fontes às margens. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lucia Tagliari (Org.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p. 75-96.

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. Bula Revista, **Os 10 melhores poemas de Manoel de Barros**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

BELINKY, Tatiane. Crônica para dona Nicota. **Novos encantos escolares**. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3176/cronica-para-dona-nicota/>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BURLAMAQUE, Fabiane Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAÚJO, Mayara dos Santos. A leitura do livro de imagem na formação do leitor. In: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lucia Tagliari (Org.). **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas: Mercado das Letras, 2011. p. 75-96.

CAMPO, Paulo Mendes de. Ser brotinho. **Projeto Releituras**. Disponível em: <http://www.releituras.com/pmcampos_broto.asp>. Acesso em: 10 de março de 2018.

CÂNDIDO, Antônio. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/Rio de Janeiro: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

_____. **Vários escritos. O direito à literatura**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Azul, 2011.

CARRASCOZA, João Anzanello. Uma lição inesperada. **Novos encantos escolares**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/3196/uma-licao-inesperada>> Acesso em 10 de março de 2018.

COELHO, Marcelo. A professora de desenho. **Novos encantos escolares**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/4295/a-professora-de-desenho>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. **A escola que (não) ensina escrever**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 2012.

COLOMER, Tereza. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2^a ed. 2^a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: proposta didático-metodológica. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 67-112.

DIAS, Anai Valênia Martins et al. Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 75-94.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Leitores/as, textos e contextos. In: PINTO, Francisco Neto Pereira; MELO, Marcio Araújo de (Org.). **Panorama contemporâneo das pesquisas em ensino de literatura**. Campina Grande: EDUEFCG, 2016. p. 41-57.

FERRAREZI Jr., Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **De aluno a leitores: o ensino da leitura na educação básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **História de Campo Verde do índio ao algodão**. Campo Verde, MT: Prefeitura Municipal de Campo Verde, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23^a ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GOMES, Fernanda Antunes. O colorir da poesia e a arte de contar e cronicar histórias. **Forma Breve, A Crônica**, Aveiro, n. 8, p. 123-127, 2010.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?**. Tradução Marcos Bagno e Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 16^a ed. Campinas: Pontes, 2016.

MACHADO, Anna Rachel. Diários de leituras: a construção de diferentes diálogos em sala de aula. **Linha D'Água**, São Paulo, n. 18, p. 61-73, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/37279/39999>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

MARTIN, Vima Lia de Rossi. Literatura em movimento. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/vima/>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. O ensino fundamental: políticas públicas e práticas pedagógicas. In: MICOTTI, Maria Cecília de Oliveira. **Leitura e escrita: como aprender com êxito por meio da pedagogia de projetos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 25-44.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, M. K. (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009. p. 61-79.

SABINO, Fernando. A última crônica. **Conto Brasileiro: Contos, Crônicas e poesias de autores brasileiros**. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/a-ultima-cronica-fernando-sabino/>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

SILVA, Marcia Cabral da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 67-112.

SOARES, Magda. **As condições sociais da leitura**: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro (Org.). **Leitura: perspectivas disciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VERÍSSIMO, Luiz Fernando. **O Lixo**. Blog 7 leitores. Disponível em: <<http://7leitores.blogspot.com.br/2008/07/o-lixo-luis-fernando-verssimo.html/>> Acesso em: 10 de março de 2018.

_____. Pai não entende nada. **Ler e contar é só começar**. Disponível em: <<http://lendcontfab.blogspot.com.br/2013/06/pai-nao-entende-nada.html>>. Acesso em: 10 de março de 2018.

VICENTE, Fernanda. O aproveitamento didático das crônicas de João Aguiar. **Forma Breve, A Crônica**, Aveiro, n. 8, p. 73-89, 2010.

WEFFORT, Madalena Freire. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

ZILBERMAN, Regina.; ROSING, M. K. **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.

OBRAS CONSULTADAS

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. Tradução W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LACERDA, Wanilda Lima Vidal de. As crônicas de Rubem Alves. **Forma Breve**, Aveiro, n. 8, p. 181-187, 2010.

LOPES, Paula Cristina. A crônica (nos jornais): o que foi? O que é?. **Biblioteca on-line de ciências da comunicação**, Lisboa. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-cronica-lobes.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO À LEITURA/FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Cursos da Casa da Leitura 3**: práticas leitoras. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **Teoria da literatura I**. 2ª ed. Curitiba: Iesde Brasil S.A., 2012.

ANEXO A – REESCRITA DAS CRÔNICAS

A minha primeira semana de aula

Bom Dia como você está? Eu me chamo Tainã e estudo na E.E. Ledy Anita Brescancim.

Moro numa casa na rua Fênix e estou cursando o 9º e passo a tarde limpando a minha casa.

A minha escola é fácil de achar é o maior prédio amarelo da cidade, o colégio tem 2 andares, um refeitório e uma quadra coberta, fica na frente do campo de futebol.

O meu 1º dia de aula começou as 5:40 da manhã com aquela reflexão devo ir ou não devo ir. Queria rever os professores e as pestes e conhecer novos professores e novas pestes. Com uma reflexão eu consegui me trazer e assim seguiu a primeira semana de aula. Quando entrei na sala vi os colegas e os Zé ruelas do ano passado, no recreio já começou a guerra, depois fomos para o ato cívico e vimos a apresentação dos novos professores e das regras.

Mas adivinha só quem caiu na mesma sala que eu? A “peste”. Assim foi basicamente a minha semana de aula.

Autor: T. X.

A minha primeira semana de aula

Olá meu nome é Gustavo Henrique, tenho 15 anos estou cursando o 9º ano.

As minhas características são: sou gordinho e baixinho, sou um tipo de pessoa que gosta de fofoca e que gosta de falar dos outros. Eu sou um tipo de pessoas que não gosto de falsidade e quem pisar no meu calo acabo com a amizade. E se fizer alguma coisa comigo eu dou o troco.

Eu estudo na Escola Estadual Ledy Anita Brescancim ela é grande e legal, os alunos da minha escola são legais, os professores também, mas alguns nem tanto.

No meu primeiro dia de aula eu encontrei antigos amigos, fiquei triste por que uns dos meus melhores amigos não ficaram na mesma sala que eu. A minha turma está legal, pois tem um menino que sentou de frente para o professor e o nome dele é Paulo, ele não falava com ninguém.

Eu estava do outro lado da sala quase dando uma crise de nervoso, porque ele não falava nada, depois do recreio eu e a Marcia combinamos de falarmos com ele, pois vi que ele era legal porque ele e eu achamos as mesmas coisas sobre o “babado”.

Hoje eu, ele e a Marcia somos melhores amigos.

Autor: G. H.

A minha primeira semana de aula

Eu sou Tamires Horryny, tenho 14 anos e moro no bairro Recanto dos Pássaros, sou uma pessoa alegre e vivo com a minha mãe.

Estudo na Escola Estadual Ledy Anita Brescancim, ela tem dois pisos e 12 salas de aulas, nessa escola tem uns alunos calmos, mas também tem aqueles alunos que são nervosos, e que por qualquer coisinha querem brigar. Também tem professores que são calmos, mas tem uns que nem tanto.

Agora eu vou contar como foi a minha primeira semana de aula. Quando cheguei à escola fui reencontrando alguns amigos (as), ai bateu o sino e fomos todos ao refeitório para a apresentação dos novos professores, dos coordenadores e da diretora.

Depois fomos para a sala com o professor, na sala nos apresentamos. Comigo nunca aconteceu de chegar atrasada na sala, mas isso acontece com muitos alunos.

Neste dia reencontrei muitos amigos que eu não tinha visto durante as férias. Também conheci bastante gente, nos divertimos muito ao colocarmos as conversas em dias.

No dia em que tivemos Educação Física nós jogamos bola, algumas pessoas jogaram vôlei, também brincamos de “verdade ou desafio” e pulamos corda, enfim foi muito divertido.

Depois escolhemos o uniforme do 9º ano e também decidimos se nós íamos querer a formatura ou o passeio. E nós escolhemos o passeio para o final do ano.

Cada coisa que aprendemos na escola nos serve de aprendizado para o dia de amanhã.

Autora: T. H.

A minha 1ª semana de aula

Meu nome é Laura Cristini e curso 9º ano da escola Ledy Anita Brescancim. Este é o meu último ano aqui por isso eu resolvi comentar algumas experiências.

Nossa escola como todas as outras parece bem normal para quem vê de fora (ou melhor, para os pais), mas por dentro é aquela loucura.

Esqueça os padrões dos grupos nerds, valentões e patricinhas. Aqui tudo se mistura e todo grupo tem a loucona, o mauricinho, a patricinha, o piadista e o gênio da matemática.

O nosso grupinho não é diferente. Dentro da nossa sala somos em 5 (porque o resto da galera foi desmembrado). A loucona é a Larissa, o palhaço é o Hebert, a cheia dos “contatinhos” só podia ser a Alice, o “vira copos” é o Tainã e por fim (pedi umas opiniões para a Larissa) a desmiolada sou eu.

Nossa primeira semana começou como uma semana normal, passei na casa da minha “Best” e no meio do caminho encontramos a nossa amiga Alice, chegamos à escola e tivemos uma surpresa. Nossa turma estava toda separada. Inclusive a minha “Best”, a Emilly, ficou em outra turma. Também ficamos sabendo que nosso amigo Charles havia se mudado, mas nós ainda podíamos nos reunir para tomar um tereré.

Autora: L. C.

A primeira semana de aula

Olá! Eu sou pequeno, magro e pardo, estou sempre feliz e gosto muito de sorrir.

Meu apelido é Zé pequeno, tenho 14 anos e moro em Tupi, eu estudo na escola Tupi dos Palmares. Eu moro com minha mãe, com meu irmão, com meu pai. Sou bem legal e recomendo me conhecer.

Como já disse o nome da minha escola é Tupi dos Palmares ela fica na cidade, têm uns 300 alunos e uns 20 professores.

A primeira semana de aula foi muito boa conheci novos amigos e novos professores.

No primeiro dia de aula eu acordei bem cedo tomei banho e vim para escola, quando cheguei na sala fiquei muito tímido, mas no outro dia fiquei mas sábio e os outros dias foram mais legais, eu joguei bola e brinquei muito, essa foi minha primeira semana.

Autor: K. P.

A minha primeira semana de aula

A partir de agora vou falar como foi minha primeira semana de aula. Primeiramente eu sou o Douglas, tenho 15 anos, estou na sala do nono ano B moro em Campo Verde no Mato Grosso, sou uma pessoa boa, tranquila com tudo, moro com meus pais e meus irmãos que são: Lucas, Raphael, minha mãe chama Nice e meu pai se chama Marcelo.

Eu estudo na escola Ledy Anita Brescancim, a escola é grande, tem dois andares, é boa uma ótima escola.

Na primeira semana, todos os alunos tiveram que ir até o saguão para as apresentações das regras que são: não levar o celular para a escola, não ir sem o uniforme e outras. Teve a apresentação dos coordenadores Wesley e Rogério, já fomos apresentados às matérias de química e física. Escolhemos o uniforme da nossa sala, as meninas bonitas babaram.

Eu me atrasei porque acordei tarde e o coordenador brigou comigo, até que enfim cheguei a minha sala e revi meus amigos.

Autor: G. M.

A minha primeira semana de aula

Oi meu nome é Diogo tenho 32 anos, sou magro, moro no Rio de Janeiro, sou alto e tenho os olhos castanhos, sou uma pessoa muito intensa e não tenho paciência. Eu moro sozinho, mas a história que vou contar é de quando eu tinha 14 anos.

Eu estava na escola Ledy Anita Brescancim, ela era uma escola grande de dois andares e recebia muitos alunos, um dos pontos positivos era que ela tinha uma quadra, e um dos pontos negativos é que nessa escola era proibido usar boné, celular e casaco.

Eu vou contar agora a história da minha primeira semana de aula. No meu primeiro dia de aula eu faltei, pois estava viajando. No dia seguinte eu acordei tomei banho e fui para a escola, quando cheguei lá eu percebi que não eram as mesmas pessoas da minha sala, mas logo fiz algumas amizades. A maioria dos professores eram professores novos, como eu faltei no primeiro dia eu perdi o ato cívico, só no outro dia que eu fiquei sabendo que a escola estava cheia de regras e a maioria sem sentido nenhum, mas ainda bem que era meu último ano nessa escola.

Autor: D. G.

A minha primeira semana de aula

Bom dia! Meu nome é Kamilly, mas me chamam de Milly, tenho 14 anos e sou muito “corpuda” e baixinha, também sou muito brava e ciumenta. Quando estou brava me chamam de “Pouca Sombra”, tenho namorado e ele se chama Felipe, eu estudo no nono ano B da escola Ledy, tenho olhos pretos. Moro com minha mãe, meu padrasto, meu primo e a cunhada da minha mãe.

Eu estudo na escola Estadual Ledy Anita Brescancim, ela é grande tem 1 andar, um ponto positivo é que não deixam usar celulares no recreio. Minha escola tem quadra, refeições, balas, banheiro, porta, professores legais, igual a professora Keila. Tem alguns alunos muitos chatos e metidos nessa escola.

Na minha primeira semana de aula a diretora apresentou os novos professores a gente ficou 2 aulas lá fora, foi muito cansativo, mas encontrei meus amigos que foram viajar. Neste dia eu me atrasei pra chegar à escola. Minha primeira semana foi tão boa que eu acordei às 6:00 horas da manhã e cheguei na escola às 7:15.

APRENDER NUNCA É DEMAIS!

Autora: K. G.

A minha primeira semana de aula

O primeiro dia de aula eu não sei como foi, porque eu faltei para comprar os materiais escolares.

Mais no segundo dia já fiz amizade alguns já estudavam comigo no ano passado, mas tinha um aluno novo na sala, eu perguntei seu nome e sua idade. Ele é muito engraçado, o nome dele é Paulo Gustavo ele tem 14 anos, a mesma idade que eu tenho, ele tem olhos escuros é branco, magro, alto, inteligente e bem legal.

O meu nome é Rayssa, tenho 14 anos, sou legal com todos os alunos. Nunca briguei na escola e nunca tive problemas com nenhum professor ou diretor na escola. Sempre gostei de conversar na escola com muitas pessoas. Este ano eu não tirei nenhum menos nas matérias, sempre tiro mais.

A minha escola tem 2 andares e é muito legal eu estudo em quase todas as salas, já estudei em outras escolas também.

Eu já estudo na escola Ledy há 3 anos, muita gente que estava na minha sala foram para outras salas. Como acontece sempre em todos os anos.

Sempre tem briga com os alunos dentro da escola e fora dela, na minha escola tem quadra para todos brincarem e também tem pontos negativos, mas prefiro não comentar.

Autora: R. S.

A minha primeira semana de aula

Bom dia! Eu me chamo Larissa, tenho 14 anos, sou gordinha e uso óculos. Moro com meus pais e tenho um irmão de 10 anos que vale por três, mas tudo bem.

Eu estudo na escola Ledy Anita Brescancim desde 2010 e amo estudar lá.

Minha primeira semana de aula começou bem cedo, depois de ouvir um dos despertadores terem tocado por horas, a maior parte do meu tempo eu fico me arrumando pra chegar toda estilosa na escola. Assim, a partir da hora que eu me levanto, eu vou tomar banho, escovar os dentes, passar um rímel e um lápis de olho, coloco minha roupa, calço meu tênis, vou mexer um pouco no celular, quando dá a hora eu vou encontrar minhas amigas na esquina para irmos juntas à escola.

Quando chegamos fomos ver qual sala a gente estava e vimos que não estávamos mais na mesma turma. Minha amiga Evellyn estava no nono “A”, minha outra amiga, a Maísa, estava em outro nono ano, mas o Lucas, ah pelo menos ele estava com uma amiga. Eu mesma queria que tivesse ficado com alguma das meninas, daí ficaria tudo bem.

Cheguei à escola, já toda feliz fazendo amizade com todo mundo mais meus amigos da sala mesmo é a Alice a “boa de inglês”, a Laura “a loucona”, o Hebert “o que não faz nada” (risos), tem o Tainã “o bobão” (risos) e o Matias “o palhaço da sala”. Amo todos eles.

Chegando a hora do recreio fui ver se tinha algum cara novo no pedaço, mas não tinha ninguém divertido.

E assim começa minha semana de aula.

Autora: L.R.

Minha primeira semana de aula

Olá! Meu nome é Jean tenho 25 anos, moro em Barcelona, e estudo na escola Ledy Anita, tenho olhos castanhos e cabelo preto sou uma pessoa tímida e tenho pouca paciência.

Minha escola é grande e também fica em Barcelona, tem aproximadamente 600 alunos, possui uma quadra enorme com piscina e quadra de tênis, um pátio um pouco grande. Os professores são bons, os pontos negativos são os livros da biblioteca, pois estão velhos e os computadores também.

Na minha primeira semana de aula eu não fiz muitas coisas, pois era dia de festa, estávamos comemorando a volta às aulas, mas no primeiro dia eu quase me atrasei, o relógio não despertou e a minha bicicleta estava com o pneu furado, então meu pai me levou de carro e consegui chegar a tempo.

Eu não gostei muito da minha nova sala, pois não estava com meus amigos, mas o legal é que fiquei na mesma sala da menina que eu gosto e com uma professora legal.

Autor: J. S.

Escola

Eu gosto dessa escola porque eu tenho muitos amigos, eu gosto dela por que eu já conheço os professores e eles são legais.

Um ponto positivo é que eu gosto dos professores, porque eles não são chatos, nem os alunos, alguns fazem gracinhas ali e aqui, mas é para se mostrar, infelizmente ocorrem muitas brigas, eu acho legal, mas também é perigoso.

Eu não estou muito animado para os eventos da escola, e não sei o que eu quero ser. Eu não sei o que eu quero, nem o que faço da vida e estou na escola para isso. Ver o que eu quero. Isso é normal? Acho que sim.

Eu gosto dos meus professores eles brincam com os alunos, tem uns professores que são legais e nos ajudam naquilo que podem. Eu nunca discuti com os professores, pois quanto mais a gente fala mais a gente se complica. Então eu fico na boa!

Eu concluo que, assim, eu gosto dessa escola, porque quando eu sair daqui sentirei muita falta dos professores e dos alunos. Até quando eu fico pensando nas gracinhas e nas brigas vejo que realmente eu vou sentir muita falta!

Autor: G. J.

A minha escola

A maioria das pessoas acha a escola uma chatice, pelo menos a minha é uma chatice. Nossa! Essas matérias de história e geografia me embaralham toda, é tudo quase a mesma coisa.

É, mas tem partes boas, como a aula de Educação Física que nos deixa mais livre. Agora e a aula de inglês? Aula chata tem que ficar decorando aqueles negócios Past Continuous, Simple Past.

Ano passado em 2016 nós tínhamos uma professora de Artes tão boa, ela era MARAVILHOSA, super meiga, nunca irei esquecer-la, sempre vai ficar marcada em minha vida. Na aula de artes eu participava de tudo, ajudava ela, era impressionante.

Eu sempre assumi meus compromissos na escola como aluna, meus professores sempre dizem que tenho boas atitudes, ninguém nunca reclamou.

A escola pode ser uma chatice, mas dependemos dela para conseguirmos viver uma vida melhor.

Autora: M. K.

O que é ser adolescente

Certo dia um jovem, bem alto e magro queria dar uma encorpada por que quando ele ia comprar roupa, principalmente quando era calça ou ficava muito curta nas pernas ou ficava muito grande na cintura.

Seu nome era Fernando, Fernandinho como era chamado pela sua família e amigos. Ele começou a fazer academia na DNA Fitness. Começou com pesos leves, trabalhou braços e pernas, doeu muito, mas depois ele se acostumou.

Um dia Fernandinho estava saindo da academia quando chegaram dois rapazes muito fortes, eram morenos e muito altos. Os rapazes pareciam dois monstros de tão grandes, eles obrigaram o Fernandinho a ficar nú para eles tirarem fotos, e disseram que enviariam para cidade toda.

Quando Fernandinho começou a tirar suas calças um carro da polícia se aproximou, mal viraram a esquina já vieram correndo, porque eles viram que os homens estavam com uma arma. Quando eles chegaram, desceram do carro e já falaram para eles largarem as armas.

Eles não queriam largar, mas se distraíram com os policiais e Fernandinho aproveitou, ergueu as suas calças e correu.

Os policiais apreenderam os bandidos. E o Fernandinho nunca mais andou sozinho.

Autor: P. G.

O que é ser jovem?

Um belo dia uma linda jovem ficou sabendo que iria acontecer uma festa, e então ela foi até a sua mãe que estava preparando o almoço e disse:

– Mãe hoje a noite vai ter uma festa e todos os meus amigos vão, a senhora me deixa ir?

Então a mãe pensou, pensou e disse:

– Não filha, você ainda é nova não tem idade pra sair.

A filha brava disse:

– A então deixa!

Na hora que estava acontecendo a festa a moça recebe uma ligação:

– Amiga você não vai vir pra festa? Está muito bom aqui.

Então a jovem triste responde:

– Minha mãe não deixou.

A amiga disse:

– Então pula a janela!

A filha então resolve pular a janela e ir à festa. Lá ela bebeu, fumou e até conheceu um rapaz, o rapaz então a chamou para irem num lugar mais reservado (casa dele). Ela então sem pensar duas vezes disse:

– Vamos sim!

Então eles foram. Chegando lá tiveram relações íntimas, uma semana após o fato acontecido, a jovem começa a sentir uns enjoos, e vai até a farmácia, ela compra um teste (de gravidez), chegando a casa ela faz o teste e comprova que está grávida.

Ela tentou telefonar para o rapaz várias vezes, até que por fim ele atende. Foi então que ela falou que estava grávida.

Ele responde:

– Você tá louca?! Vou lá saber com quantos você ficou naquele dia.

A jovem triste desliga o telefone e começa a chorar.

Então ela senta e conversa com sua mãe. Sua mãe então diz:

– Eu sabia que você iria àquela festa e já estava ciente do que poderia acontecer. Mas não se preocupe minha filha, irei ajudar você e esse lindo ser que você carrega.
“Lembre-se, conselho de mãe é recado de Deus.”

Autora: E. A.

O que é ser adolescente?

Ser adolescente é ter amor pelos amigos e pela família. Amor ao próximo.

Ser adolescente é aprender a aceitar as perdas de um familiar, amigos, ou até bichinhos de estimação que gostamos.

Ser adolescente é abrir mão da família para novas aventuras, conhecer cidades e realizar sonhos.

Ser adolescente é ter que enfrentar os preconceitos, as indiferenças, de cabeça erguida e um sorriso no rosto.

Ser adolescente é chegar à noite e se trancar no seu quarto, pensar no que aconteceu durante o dia e dar risada. Ou pensar nas coisas ruins e começar a chorar e chorar até dormir.

Ser adolescente é dormir tarde, assistindo filme e comendo besteira, pipoca, chocolate e lanches.

Ser adolescente é ter oportunidades, experiência, aventuras e desafios.

Ser adolescente é sair com um bando de gente, amigos, familiares, na praça ou lanchonetes e ficar conversando se divertindo, caindo na risada.

Autora: J. M.

O último beijo

Em um belo dia, andando numa cidadezinha chamada Mocotó de Bucho, que tinha em torno de 999.998 habitantes, existia um casal muito apaixonado. Eles estavam em um barzinho sentados namorando como bom casalzinho apaixonado. Eu entrei no barzinho e sentei em um banquinho pedi que me trouxessem algo para molhar a boca, que me trouxessem um copinho chique de jurubeba, fiquei observando o casal era de dar inveja.

Eu bebendo a jurubeba, e olhando o casal percebi que alguma coisa ia acontecer, quando menos esperava a menina e o menino levantou-se, eu pensei que eles iriam embora, porque o rapaz tirou o dinheiro da bolsa, e deu para o garçom como se fosse pagar as coisas que ele pediu.

Em tempo de eu fechar o olho e abrir, ele a agarrou e deu um beijo, mais apaixonado que ele poderia dar.

Foi de brilhar o olho porque era muito bonito de ver. Quando menos ninguém esperava ele tira uma arma de sua costa, e coloca no meio. Aquele beijo lindo continuava. Ele deu um tiro bem no coração da menina, todo mundo que estava no bar ficou muito assustado, o coitado do garçom derrubou um copo de vidro, foi só encostar ao chão que ele se despedaçou.

Depois que o menino atirou na menina acabou atirando em si mesmo, todo mundo ficou surpreso. Eles morreram se beijando, Aquele dia foi muito tenso, mas foi um beijo muito apaixonado.

Autor: P. G.

O adeus

A caminho da escola com minha amiga Emily lembro-me que estava eufórica e com o coração batendo a mil, adiando a hora de dizer adeus a alguém.

Meu destino era a pracinha da escola, ainda com o coração em desespero, entro na escola e me dirijo ao bebedouro, deixo a minha mochila na sala e sigo o meu caminho para a pracinha.

Chegando a pracinha, segurando o pranto, com os olhos cheios de água sinto alguém se aproximar. Era ele mesmo tentando resistir as lágrimas que insiste em cair, lhe demonstrou que estou em pânico. Ele se aproximou e li nos olhos dele que ficará mal.

Sem conseguir me conter agarro o pescoço dele, e em prantos sussurro no ouvido, que mesmo sem querer terei que partir, deixando ele e a nossa história. E em prantos nos despedimos com nosso último beijo.

Autora: L. C.

O último filme

A caminho da minha casa encontrei alguns amigos. Nós conversamos um pouco e os chamei para irem lá em casa assistir um filme e comer pipoca, depois de irmos ao parque das araras jogar um futebol. Chegando em casa estávamos falando sobre qual filme assistiríamos, daí decidimos que iríamos assistir o filme “Todo mundo em pânico”, estourei a pipoca e compramos guaraná. Depois de assistir ao filme pensamos em assistir mais outros, depois desse dia demoramos a nos reencontrar. Foi muito legal, pois fomos ao parque fizemos um pique nique tiramos fotos, comemos etc.

Depois conversei com eles e marcamos pra passear novamente e comer alguma coisa, porque se não tiver comida não somos ninguém.

Autora: K. G.

O último melhor amigo

Ao longo do dia, melhor, quando ainda estava na escola para estudar, saí para encher a garrafinha com água.

Quando eu entrei no corredor dei de cara com meu melhor amigo, e falei:

– Oi?

Mas não tive resposta, affs!

Depois de encher a minha garrafinha fui para sala. Lá dei de cara com meu melhor de novo, só que ele estava com a namorada, por isso me afastei. Ele sempre me abraça só que dessa vez ele apenas pegou a minha mão, porque ele estava com a namorada. De repente ele falou:

– Oi?

Eu respondi

– Oi!

E sai morrendo de raiva.

Na hora do recreio ele veio me abraçar só que eu não quis já que ele não me abraçou antes, affs!

Ele ficou bravo, sendo que ele quer ser uma coisa perto da namorada e outra perto das amigas. Neste dia eu estava passando por muita coisa e precisava do meu melhor amigo, mais não o tive, affs!

Então ele foi o meu último melhor amigo.

Autora: L. R.

O último dia que fomos ao São Lourenço

A caminho do São Lourenço, fomos de carro direto para a papelaria comprar folha com pauta, depois fomos à lan-house fazer o trabalho de Educação Física sobre as doenças causada pela má postura.

Voltamos a pé e entramos em um mercado perto do posto de gasolina, pensa em um mercado caro! Além de ser caro nem copo descartável tinha. Entrou uma mulher pra comprar alguns negócios também.

Eu e minha “best” estávamos super ansiosas e com tanta vontade de tomar o “refri” que tomamos sem copo mesmo, viramos a garrafa na boca e bebemos quase tudo. Depois fomos direto para a casa da minha amiga fiquei lá ate às 16h30m, só depois vim embora para casa.

Cheguei em casa e só estava minha mãe assistindo novela, ficamos conversando até meu pai chegar e às 18:00 horas fui dormir para descansar um pouquinho.

Autora: M. K.

O último grito

A caminho da minha casa, vi que a rua onde moro estava deserta e a noite muito silenciosa; só o cão do meu vizinho que estava uivando sem parar.

Entro na minha casa e vou direito para o meu quarto, estava ansioso pelo jantar, estava morrendo de fome, pois não havia almoçado, mas tudo estava muito quieto lá em baixo, então e resolvi dar uma olhada.

Percebo que não há ninguém em casa, e me perguntei onde todos deveriam estar?

Os dois carros estavam na garagem, de repente ouço um barulho no porão e vou na ponta dos pés para não fazer barulho, chegando lá vejo gotas de sangue no chão, perto da porta.

Abri a porta e vejo um “Ghoul” devorando toda a minha família, vejo partes da minha família no chão, eu gritei e sai correndo e o monstro correndo atrás de mim, começou uma perseguição aterrorizante. Eu corro, corro e cansado penso em me entregar, mas lembro-me da minha família e começo a lutar contra o “Ghoul”, consigo matá-lo e vingo minha família.

Autor: J. S.

Vida de professor

Professores tem vida fora da escola, suas vidas sociais.

As professoras antigamente não tinham amigos fora da escola e não podiam se relacionar com homens.

O professor pega até criança no colo para dar sua aula e não manda a mãe embora.

Uma professora até veste a caráter da matéria se caracteriza no tema egípcio pra aula não ser monótona.

O professor de matemática pode usar uma cadeira como régua.

O professor tira self com os alunos.

O professor está fazendo experiências.

O professor sente dor de cabeça por não conseguir dar sua aula.

O professor planejando suas aulas.

O professor estava explicando.

“A tristeza do professor é falar para uma plateia que não quer ouvir, ensinar uma plateia que não quer aprender.”

Autora: E. A.

Coisas de mãe!

Eu: Mãe eu quero roupas novas.

Mãe: Olha o tanto de roupa que você tem guria, pra que mais?

Eu: Mãe é que eu não posso ir pra festa com roupa repetida.

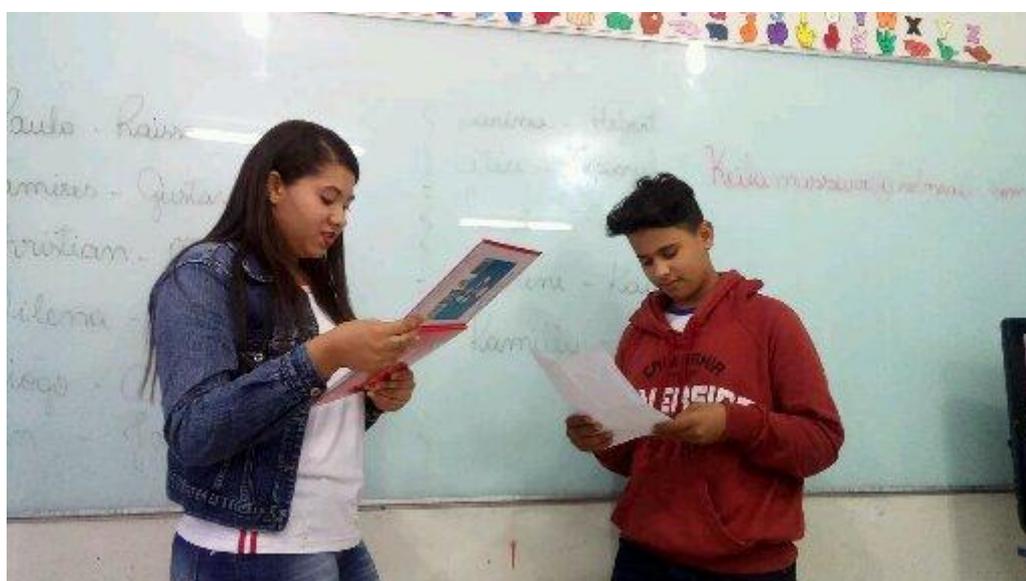
Mãe: Então vai trabalhar!

Eu: Mas não tem trabalho pra mim.

Mãe: Então quando eu perceber que você precisa de roupas novas eu compro.

Eu: Aff mãe!

Autora: J. M.

ANEXO B – FOTOS DO PROJETO



















Fonte: Todas as fotografias do projeto são de arquivo pessoal.

ANEXO C - QUESTIONÁRIO

ESCOLA ESTADUAL LEDY ANITA BRESCANCIM
PROJETO: “O PRAZER DA LEITURA”
PROFESSORA: KEILA COSTA MASSAVI GOMES
QUESTIONÁRIO
“Esse questionário não é uma avaliação, mas sim uma reflexão sobre o modo como você percebe a leitura no seu dia-a-dia.”
1- Marque uma das opções. Você lê textos ou livros: ()SEMPRE – ()RARAMENTE –() NUNCA
2- Você considera a leitura importante na sua vida? Justifique sua resposta.
3- Em quais situações no seu dia você pratica a leitura? Justifique sua resposta.
4- Você se lembra de alguma história que tenha lido e que tenha marcado sua vida? Descreva.
5- Pra você a leitura é uma diversão ou uma obrigação? Justifique sua resposta.

Obrigada pelas respostas!

ANEXO D – SEIS PLANOS DE AULA

<p>ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel</p>
<p>PLANO DE AULA 1</p>
<p>Professora: Keila Costa Massavi Gomes</p>
<p>Turma: 9º ano</p>
<p>ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO</p>
<p>ETAPA 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bate-papo com os alunos, para interagir com eles e expor algumas expectativas para o ano, abordar assuntos referentes a coisas que eles gostam de comentar: namoro, esportes, violência, futuro etc., argumentar que, para alcançarmos nossos objetivos, precisamos traçar metas. - Exposição para os alunos da leitura como meio pelo qual adquirimos conhecimento, no qual encontramos distração e pelo qual praticamos a interação com os outros. (Filme documentário). - Motivação dos alunos, por meio de dinâmica quebra-gelo, para que se abram para as possibilidades de interação necessárias ao sucesso do projeto. - Aplicação do questionário diagnóstico de cinco questões. <p>ETAPA 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Exposição para os alunos das fichas de leitura, para que visualizem diversos tipos de títulos de crônicas. - Momento para perguntas e dúvidas dos alunos a respeito deste trabalho. <p>ETAPA 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Momento interativo de fazer perguntas para os alunos, como: <ol style="list-style-type: none"> 1) Quem tem o costume de ler? O que você lê normalmente? (Aproveitar a oportunidade para conversar a respeito da leitura e da interatividade existente nessa atividade.) 2) Você já ouviu falar de crônica? O que esse nome sugere a você? <p>ETAPA 4</p> <ul style="list-style-type: none"> - Divisão da turma em duplas e permissão para que escolham as crônicas que lerão e, depois, apresentarão para a turma. Os textos podem se repetir.
<p>DURAÇÃO: 4 aulas (1h90min)</p>
<p>MATERIAL: Datashow, toca-CD e textos impressos.</p>

TEXTO

CRÔNICA PARA DONA NICOTA

Tatiana Belinky

Foi nos anos finais da década de 40. (Há tanto tempo!) Meu primogênito Ricardo completara 6 anos de idade, e resolvemos matriculá-lo no primeiro ano primário da Escola Americana, do já então tradicional Mackenzie College, que ficava a três quadras da nossa casa. E Ricardinho, que era uma criança tímida e um tanto ensimesmada, não gostou nem um pouco da experiência de ficar “abandonado” num lugar estranho, no meio de gente desconhecida – uma coisa para ele muito assustadora. E não houve jeito de fazê-lo aceitar tão insólita situação. Ele se recusava até mesmo a entrar na sala: ficava na porta, “fincava o pé”, sem chorar, mas também sem ceder... Eu já estava a ponto de desistir da empreitada, quando a professora da classe, dona Nicota, se levantou e veio falar conosco. E todo o jeito dela, a maneira como ela olhou para o Ricardinho, o timbre e o tom da sua voz, a expressão do seu rosto e até a sua figurinha baixinha, meio rechonchuda, não jovem demais, muito simples e despojada, causaram imediatamente uma sensível impressão no menino. A tensão sumiu do seu rostinho, seu corpo relaxou, e – ora vejam! – ele respondeu com um sorriso ao sorriso da dona Nicota!

– Vem ficar aqui comigo – ela disse. – Você vai gostar. – E acrescentou, para minha surpresa, – Eu mesma vou levar você para a sua casa. E amanhã cedo, eu mesma vou buscar você, para vir à escola comigo.

Eu não sabia como agradecer. E nem foi preciso – o que dona Nicota disse, ela cumpriu. E durante vários dias, até semanas, ela passou pela nossa casa, pouco antes do início das aulas, e levou o Ricardinho pela mão, a pé, até a escola e a sua sala. E o trouxe de volta, da mesma maneira. E até quando, certo dia, o menino estava adoentado e não pôde ir à escola, ela voltou para lhe dar uma “aula particular”, em casa – para ele não se atrasar no programa. Tudo isso na maior simplicidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo...

O Ricardinho adorava a dona Nicota – e não era para menos. Dona Nicota era a mais perfeita e linda encarnação da “professora primária” ideal – a mais nobre e fundamental das profissões: a de ser a primeira a preparar uma criança pequena nas suas primeiras incursões na vida real – com competência, dedicação, compreensão, paciência e carinho. E a consciência plena de estar dando à criança uma verdadeira base para o futuro cidadão.

Por que estou contando tudo isso a vocês, hoje? Porque, no Dia do Professor, eu senti que não poderia prestar maior homenagem a todos os “mestres-escolas” do Brasil do que incluí-los nesta “crônica-tributo” a dona Nicota, exemplo e paradigma de uma modesta e maravilhosa professora “montessoriana” e um grande ser humano.

Ricardo saiu de sob a asa de dona Nicota lendo e escrevendo. E hoje, jornalista, tradutor e escritor, esse avô de três netos continua se lembrando de dona Nicota, com carinho e gratidão.

Essa dona Nicota que a estas horas deve estar dando aulas montessorianas aos anjinhos do céu.

ATIVIDADES A SEREM TRABALHADAS
1 - A RODA DE LEITURA
<ul style="list-style-type: none"> • Leitura silenciosa do texto. (10 min) • Leitura compartilhada do texto. (10 min) • Oportunidade para os alunos tirarem dúvidas a respeito do vocabulário. (5-10 min) • Os alunos interpelados pela professora expõem oralmente suas impressões a respeito do texto. (15 min) • A professora trabalha a estrutura do texto narrativo. (20 min) • Os alunos, com o auxílio da professora, enumeram os aspectos que podem ser atribuídos a um texto literário. (Anotações no caderno) (10 min) • Os alunos, com o auxílio da professora, enumeram os aspectos que podem ser atribuídos a uma crônica. (Anotações no caderno) (10 min) • A professora conduz os alunos à reflexão sobre alguns temas relativos à escola. (20-30 min): relação professor-aluno; impacto da escola na vida do indivíduo; a escola que temos e a escola que queremos; a família e a escola andando de mãos dadas. <p>Depois desta atividade, produz-se um mural que dá destaque às opiniões da turma sobre a realidade escolar. Ao final, esse mural é exposto para a comunidade escolar.</p>
2 - OFICINA DE PRODUÇÃO
<p>Os alunos são orientados a pensar sobre uma crônica que relate a primeira semana na escola. Assim, fugimos do tema “Minhas férias” e abordamos um novo olhar, o do retorno às atividades escolares.</p>
<p>Atividade 1 (10 min) Lista com o máximo de situações que podem acontecer nas primeiras semanas de aula.</p>
<p>Atividade 2 (15 min) Os alunos podem ler as situações inusitadas descritas em suas listas. A professora pode participar, contando acontecimentos de sua vida de estudante. Com isso, os alunos perceberão que situações humorísticas ou dramáticas fazem parte da vida das pessoas, o que proporciona um excelente momento de interação.</p>
<p>Atividade 3 (30 min) Com a lista em mãos, os alunos em dupla constroem um texto, produzindo uma crônica que relate os acontecimentos listados.</p>
<p>Atividade 4 (20 min) Selecionam-se algumas duplas para ler as produções. A seleção pode ser feita por sorteio ou pela escolha dos colegas.</p>
FIM

ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel
PLANO DE AULA 2
Professora: Keila Costa Massavi Gomes
Turma: 9º ano
ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO
OFICINA DE LEITURA
OBJETIVO
Ler uma crônica e trabalhar a análise desse tipo de texto. Produzir uma crônica ao final. Com a leitura, busca-se familiarizar os alunos com o gênero, bem como colaborar para a aquisição da leitura literária.
<p>ETAPA 1:</p> <ul style="list-style-type: none"> - No laboratório de informática, pesquisar sobre o autor Luiz Fernando Veríssimo. (Pesquisa rápida, anotação no diário do aluno; a professora leva alguns dados, caso não seja possível usar o laboratório.) - Entrega do texto “O lixo”. <p>ETAPA 2:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Roda de leitura para familiarizar os alunos com o tema do lixo e do consumo. - Uso do PAINEL DO LIXO, mostrando aos alunos objetos como os descritos na crônica. - Lixo: onde colocar, em aterros sanitários, lixões? - Apresentação de uma colagem sobre o lixo. (Dinâmica de adivinhação.) - Como diminuir a produção de lixo? - Os R’s: reutilizar e reciclar. <p>ETAPA 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura silenciosa. - Leitura compartilhada. - Filme ou dramatização da crônica “O lixo”. - Música “Lixo no lixo”, do Falamansa.
ATIVIDADES A SEREM TRABALHADAS
<p>1) Pesquisa sobre o lixo na escola. (Conversa com as encarregadas da limpeza.)</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Quais os lixos mais comuns? b) Os alunos têm colocado o lixo no destino correto? c) A escola tem um projeto de reciclagem? d) Qual o destino do lixo após ser recolhido? <p>2) Pesquisa sobre o lixo em casa. (Pode ser uma excursão com os alunos às imediações da escola.)</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Quais os lixos mais comuns? b) Os moradores costumam colocar o lixo no lugar adequado? c) Os moradores costumam reciclar ou reaproveitar o lixo? d) Qual o destino do lixo após ser recolhido?

Essa entrevista pretende levar os alunos a se questionar sobre um problema calamitoso, que é o do lixo.

3) Dramatização.

- Propor aos alunos que, as duplas que desejarem, façam uma dramatização da crônica “O lixo” e a apresentem às duas outras turmas de nono ano. Se preferirem, fazemos a apresentação somente em classe. Essa atividade, além de trabalhar a parte artística, é uma oportunidade de o aluno assimilar a crônica que leu.

4) Produção de uma crônica sobre o lixo.

- Produzir um texto, que pode ter tom de protesto, humor, drama.

Nesse texto de Veríssimo, vemos como um assunto tão polêmico e quase insolúvel pode adquirir um tom de humor. Com certeza, ele nos leva a questionar problemas relevantes como o lixo.

- Reflexão: de quem é a responsabilidade pelo que descartamos, o que podemos fazer para mudar essa triste realidade.

ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel
PLANO DE AULA 3
Professora: Keila Costa Massavi Gomes
Turma: 9º ano
ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO
OFICINA DE LEITURA
Texto: “A última crônica”, de Fernando Sabino
OBJETIVOS:
<ul style="list-style-type: none"> - Ler uma crônica e trabalhar a análise desse tipo de texto. - Perceber as características desse gênero. - Preencher junto com a professora o quadro “Análise de uma crônica”. - Familiarizar os alunos com o gênero, bem como colaborar para a aquisição da leitura literária.
OFICINA DE LEITURA
ETAPA 1: <ul style="list-style-type: none"> - Antecipação: discutir brevemente o ofício do escritor e o fato de que a escrita requer um objetivo. Quais os objetivos de escrever? (Perguntar e esperar as respostas dos alunos.) Quais os acontecimentos dignos de uma crônica? (Levar os alunos a reconhecer que não são os grandes acontecimentos, mas, sim, os fatos simples do cotidiano que ganham grandeza quando bem descritos por um autor; “os assuntos que merecem uma crônica”.) Vocês imaginam um escritor sob a pressão de escrever algo para os leitores? Onde ele buscará inspiração? Quais sentimentos traz consigo? Essas e outras questões podem conduzir o aluno a imaginar e criar a situação para a crônica precisa compor. - Decifração: conduzir os alunos a uma leitura pausada, respeitando a pontuação e a pronúncia correta das palavras. Ler sem pressa. Buscar retirar do texto o máximo de informação. Aproveitar o momento para tirar dúvidas de vocabulário. (Nesta aula, é necessário um dicionário, pois existem no texto palavras não conhecidas pelos alunos.) Contextualizar a época em que o texto foi escrito, para que se percebam as angústias daquele momento. Ouvir o áudio. - Interpretação: roda de conversa com os alunos, para que falem de suas impressões sobre o assunto, sobre o tema, os personagens e a própria leitura. Preenchimento coletivo do quadro “Análise de uma crônica”.

- Roda de leitura: esta é a dinâmica que mais utilizaremos nas aulas de leitura, pois acreditamos que, nesse formato, os alunos se sentem mais acolhidos. É importante envolver todos os alunos nesse momento; dar oportunidade para que todos leiam e participem da aula.

- Leitura silenciosa: fazer com que os alunos leiam com atenção o texto trabalhado. Nesse momento, eles precisam decifrar palavras, compreender o significado, contando com o auxílio da professora.

- Leitura compartilhada: pode ser feita intercalada com a leitura por parágrafos.

ATIVIDADES A SEREM TRABALHADAS

Os alunos respondem às seguintes questões:

- 1) Que sentimentos e emoções a crônica desperta?
- 2) A linguagem é atual?
- 3) Qual o personagem ou os personagens?
- 4) O autor faz parte da situação narrada ou apenas observa?

ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel
PLANO DE AULA 4
Professora: Keila Costa Massavi Gomes
Turma: 9º ano
ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO
OFICINA DE LEITURA
Texto: “Uma lição inesperada”, de João Anzanello Carrascoza.
OBJETIVOS:
<ul style="list-style-type: none"> - Ler uma crônica e trabalhar a análise desse tipo de texto. - Perceber as características desse gênero. - Preencher junto com a professora o quadro “Análise de uma crônica”. - Trabalhar de forma leve o <i>bullying</i>, registrando os sentimentos dos alunos em forma de texto.
ETAPA 1:
<ul style="list-style-type: none"> - Motivação: usar a dinâmica da auto-identificação. A professora usa uma fita métrica colada bem no meio da sala. Conforme vai falando sobre alguma situação, os alunos que se identificarem com a situação se aproximam da fita. As situações podem ser agradáveis e positivas ou negativas como: <ul style="list-style-type: none"> a) você gosta do seu cabelo; b) você não gosta do seu cabelo; c) você já recebeu algum apelido por causa do seu cabelo; d) você gosta do seu corpo; e) você não gosta do seu corpo; f) você já teve algum apelido por causa o seu corpo; g) você se acha inteligente; h) você não se acha inteligente; i) você já recebeu algum apelido por acharem que você não é inteligente. <p>Nesse momento, a professora dá oportunidade aos alunos para falarem sobre o que eles sentem nessas situações, tanto nas positivas quanto nas negativas. É importante que se olhem e se identifiquem uns com os outros.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Introdução: apresentar o autor e sua forma de se apresentar: “vivia entre as pessoas, as árvores e as casas”. Falar de sua paixão pela literatura. Lembrar os alunos que a crônica é o registro dos acontecimentos observados pelo olhar do escritor. Às vezes, ele pode estar inserido na crônica ou apenas escrever como observador dos acontecimentos. - Decifração/roda de leitura: no contato dos alunos com o texto, observar a escrita do autor, o uso de palavras, se são comuns e usadas pelo aluno no seu cotidiano. Observar a pontuação e os parágrafos, se são longos ou curtos.

- Leitura silenciosa em dupla.
- Leitura compartilhada: pode ser em forma de jogral. Escolher seis alunos para ler, um parágrafo cada um.
- Interpretação: montar uma pequena esquete sobre uma situação que envolva o *bullying*. Os personagens podem ser: alguém que sofre *bullying*, alguém que pratica *bullying* e um colega que resolve a situação do *bullying*.

Esta atividade ajuda os alunos a refletir sobre as tristes situações que alguns alunos vivenciam e como elas podem ser resolvidas.

ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel
PLANO DE AULA 5
Professora: Keila Costa Massavi Gomes
Turma: 9 ^o ano
ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO
OFICINA DE LEITURA
Texto: “A professora de desenho”, de Marcelo Coelho.
OBJETIVOS:
<ul style="list-style-type: none"> - Ler uma crônica e trabalhar a análise desse tipo de texto. - Perceber as características desse gênero. - Explorar as percepções dos alunos e o relacionamento que estabelecem com os professores. - Ouvir os alunos e suas experiências sobre o convívio com os professores desta e de outras escolas.
OFICINA DE LEITURA
ETAPA 1:
<ul style="list-style-type: none"> - Motivação: usar a dinâmica da mímica. A professora faz 30 cartões. Cada cartão contém uma solicitação de mímica ao aluno: um animal, um veículo, um professor. Podem haver cartões que liberem os alunos de prenda. Para que todos participem, conforme cumprem a tarefa, vão recebendo brindes. Nesse momento, dá-se ao aluno a oportunidade de falar sobre o que sente a respeito das mímicas. - Introdução: mostrar <i>slides</i> com imagens de professores em situações diversas. Discutir com os alunos o que cada expressão pode demonstrar. Aproveitar a oportunidade para falar um pouco dos amigos professores. Se possível, com foto de cada um. Se não houver muito tempo, escolher de três a cinco professores. - Decifração/roda de leitura: no contato dos alunos com o texto, observar a escrita do autor, o uso de palavras, se são comuns e usadas pelo aluno no seu cotidiano. Observar a pontuação e os parágrafos, se são longos ou curtos. - Leitura silenciosa em dupla. - Leitura compartilhada: pode ser em forma de jogral. Escolher seis alunos para ler, um parágrafo cada um.

ATIVIDADES A SEREM TRABALHADAS

Os alunos respondem a seguinte questão oralmente:

1) Que sentimentos e emoções a crônica desperta?

- Interpretação: bingo das disciplinas.

- Produção escrita: produção de uma crônica, abordando o sentimento dos alunos em relação à escola. Falar de pontos positivos e negativos. Falar do comprometimento com o aprendizado. Falar da rotina na escola, do relacionamento com professores, se já teve atrito com algum professor e como foi resolvido ou como gostaria que tivesse sido resolvido, se tem relacionamento bom com todos os professores e por que acha que isso é possível.

ESCOLA ESTADUAL “LEDY ANITA BRESCANCIM” Av. Vereador César Lima 905 Bairro São Miguel
PLANO DE AULA 6
Professora: Keila Costa Massavi Gomes
Turma: 9 ^o ano
ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO
OFICINA DE LEITURA
Texto: “Ser brotinho”, de Paulo Mendes Campos.
OBJETIVOS:
<ul style="list-style-type: none"> - Ler uma crônica e trabalhar a análise desse tipo de texto. - Perceber as características presente nesse gênero. - Preencher junto com a professora o quadro “Análise de uma crônica”. - Explorar as percepções dos alunos e o relacionamento que estabelecem com os professores. - Ouvir os alunos e suas experiências com os professores desta e de outras escolas.
OFICINA DE LEITURA
ETAPA 1:
<ul style="list-style-type: none"> - Motivação: usar a dinâmica “As palavras do adolescente”. A professora escreve a palavra “adolescente” no quadro e cada aluno diz uma palavra que se relacione com esse substantivo. Cada aluno deve dizer uma palavra e explicar a relação que considere existir entre as palavras. Para finalizar, os alunos copiam esse quadro referencial no caderno e leem juntos as palavras. - Introdução: falar sobre os processos de transformação por que o ser humano passa na adolescência. Assistir a um documentário, para que os alunos tenham mais possibilidades de pensar sobre a fase que estão vivendo. - Decifração/roda de leitura: no contato dos alunos com o texto, observar a escrita do autor, o uso de palavras, se são comuns e usadas pelo aluno no seu cotidiano. Observar a pontuação e os parágrafos, se são longos ou curtos. - Leitura silenciosa: antes de iniciar a leitura, informar suas expectativas para essa leitura, em razão de se ter observado que os alunos leem sem criar projeções de leitura. Se necessário, pedir que destaquem as expectativas no caderno. - Leitura da professora: antes da leitura compartilhada, a professora faz a leitura, observando entonação e pontuação, bem como ritmo. - Leitura compartilhada: a cada leitura de parágrafo, pedir aos alunos que compartilhem as impressões que tiveram da leitura.

- Interpretação: o quadro das gírias. Conjuntamente, alunos e professora fazem um pequeno quadro das gírias mais comuns usadas pelos jovens e indicam o que significam e a que grupos pertencem.

- Produção escrita: produção de uma crônica que fale sobre o que é “ser”. Os alunos podem escolher um personagem ou falar de si mesmos ou da fase de vida em que estão. O importante é que, como Paulo Mendes Campos, eles consigam expressar tanto impressões físicas como psicológicas do personagem de sua escolha.